

Vivências com Aprendizagem na Internet

Organizador  LUÍS PAULO LEOPOLDO MERCADO



Maceió/AL, 2005



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS

Reitora

Ana Dayse Rezende Dórea

Vice-reitor

Eurico de Barros Lôbo Filho

Diretora da Edufal

Sheila Diab Maluf

Conselho Editorial

Sheila Diab Maluf (Presidente)

Cícero Péricles de Oliveira Carvalho

Maria do Socorro Aguiar de Oliveira Cavalcante

Roberto Sarmento Lima

Iracilda Maria de Moura Lima

Lindemberg Medeiros de Araújo

Flávio Antônio Miranda de Souza

Eurico Pinto de Lemos

Antonio de Pádua Cavalcante

Cristiane Cyrino Estevão Oliveira

Capa/Diagramação: Edmilson Vasconcelos

Supervisão gráfica: Márcio Roberto Vieira de Melo

Catálogo na fonte

Universidade Federal de Alagoas

Biblioteca Central – Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecária Responsável: Helena Cristina Pimentel do Vale

V857 Vivências com aprendizagem na Internet / Luís Paulo Leopoldo Mercado (org.). – Maceió : EDUFAL, 2005. 176 p.

Inclui bibliografia.

1. Educação – Efeito de inovações tecnológicas. 2. Tecnologia educacional. 3. Ensino a distância. 4. Formação do professor. 5. Internet na educação. I. Mercado, Luís Paulo Leopoldo, org.

CDU: 371.68

ISBN 85-7177-235-5

Direitos desta edição reservados à

Edufal - Editora da Universidade Federal de Alagoas

Campus A. C. Simões, BR 104, Km, 97,6 - Fone/Fax: (82) 3214.1111

Tabuleiro do Martins - CEP: 57.072-970

Maceió - Alagoas

E-mail: edufal@edufal.ufal.br

Site: www.edufal.ufal.br

Organizador:
Luís Paulo Leopoldo Mercado

Autores:
Antonio Germano Magalhães Júnior
Aristóteles da Silva Oliveira
Lílian Carmen Lima dos Santos
Luís Paulo Leopoldo Mercado
Rosana Sarita de Araújo

Vivências com Aprendizagem na Internet



Maceió - AL, 2005

Sumário

APRESENTAÇÃO	05
CONTRIBUIÇÕES DA METODOLOGIA WEBQUEST NO PROCESSO DE LETRAMENTO DOS ALUNOS NAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL Rosana Sarita de Araújo	08
A UTILIZAÇÃO DO CHAT COMO FERRAMENTA DIDÁTICA Luis Paulo Leopoldo Mercado	44
AVALIAÇÃO E EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA: CONCEITOS E PROPOSTAS Antonio Germano Magalhães Júnior	67
RECURSOS AVALIATIVOS EM AULAS VIRTUAIS Luís Paulo Leopoldo Mercado	80
A PESQUISA NA INTERNET NO ENSINO DE HISTÓRIA Aristóteles da Silva Oliveira	107
O AMBIENTE VIRTUAL COMO SUPORTE AO ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM BIOLOGIA Lílian Carmen Lima dos Santos	132

Apresentação

O presente livro traz o relato de várias vivências realizadas pelos autores na utilização da Internet como ferramenta de aprendizagem, no âmbito do Grupo de Pesquisa Novas Tecnologias e Formação de Professores, do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Alagoas.

O texto *Contribuições da metodologia webquest no processo de letramento dos alunos nas séries iniciais do ensino fundamental*, de Rosana Sarita de Araújo, investiga as contribuições da metodologia WebQuest no processo de letramento dos alunos nas séries iniciais do ensino fundamental. Aponta como a Webquest deve constituir-se para que efetivamente contribua no processo de letramento destes alunos, ressaltando sua importância com ferramenta da prática educativa.

O texto *A utilização do chat como ferramenta didática*, de Luis Paulo Leopoldo Mercado, explora a natureza do chat como ferramenta didática de interação na sala de aula. Aborda os usos, vantagens, possibilidades e limitações para a realização de aprendizagem cooperativa. Apresenta o uso do chat na exploração de distintos temas em sala de aula, como Internet na educação e educação a distância; avaliação do uso da Internet na educação; avaliação do uso do chat na sala de aula; chat a partir da leitura de um texto e sugestões de atividades envolvendo o uso pedagógico do chat por professores.

O texto *Avaliação e educação a distância: conceitos e propostas*, de Antonio Germano Magalhães Júnior, possibilita reflexão a cerca da conceituação e caracterização da avaliação e suas implicações na Educação a Distância. Traz uma análise de ações cotidianas vivenciadas por muitos professores que poderá auxiliar a repensar as práticas avaliativas na educação e em especial na educação a distância.



O texto *Recursos avaliativos em aulas virtuais*, de Luís Paulo Leopoldo Mercado, aborda a avaliação da aprendizagem em aulas virtuais nos ambientes de aprendizagem na Educação a Distância na Internet. Analisa o conceito de aula virtual como espaço de aprendizagem, que permite criar um espaço virtual de apoio ao ensino presencial, semi-presencial ou a distância, utilizando ambientes virtuais de aprendizagem que facilitam a integração e uso das tecnologias da informação e comunicação. Analisa as interações avaliativas nesse contexto a partir de agrupamentos nas chamadas comunidades de aprendizagem. Apresenta recursos avaliativos em aulas virtuais utilizando as ferramentas de registro: diários (diários de bordo, diários reflexivos, diários de campo, blogs); fóruns de discussão; chats ou bate-papo, enfocando atividades de avaliação, seminários virtuais, entrevistas; webfólio e ferramentas de monitoramento da participação do aluno nas atividades das aulas virtuais.

O texto *A pesquisa na internet no ensino de História*, de Aristóteles da Silva Oliveira, investiga a utilização pedagógica da pesquisa na Internet no ensino de História, destacando as principais contribuições e dificuldades de inserção dessa ferramenta na sala de aula. Reflete sobre o trabalho com projetos no ensino de História partindo de uma pedagogia emancipatória na qual valoriza o aluno como construtor do conhecimento com autonomia e maturidade para elaborar situações de aprendizagem. Analisa o uso didático das tecnologias da informação e comunicação partindo de uma perspectiva construtivista que valoriza a autonomia e a carga sócio-cultural dos estudantes de história. Aborda as possibilidades didáticas da utilização da Internet como ferramenta auxiliar do professor no processo ensino-aprendizagem, destacando as principais contribuições e vantagens de utilizar essa ferramenta como instrumento didático no ensino de História.

O texto *O ambiente virtual como suporte ao estágio supervisionado em biologia*, de Lílian Carmen Lima dos Santos, trata da utilização de um ambiente virtual como suporte na disciplina Estágio Supervisionado do curso de Ciências Biológicas/Licenciatura Plena da Universidade Federal de Alagoas. Parte do conceito e caracterização dos ambientes virtuais de ensino e aprendizagem tecendo sobre a contribuição que esses ambientes podem favorecer à referida



disciplina a partir da disponibilização de ferramentas de comunicação e informação. Relata experiência vivenciada pelos licenciandos, do turno noturno, no período de 2004, no ambiente virtual TelEduc, com ênfase nas interações, pertinência e utilização de tecnologias da informação e comunicação no estágio. As contribuições trazidas pela experiência referem-se à importância da construção coletiva a partir da contribuição individual e à possibilidade de acompanhamento sistemático atendendo às especificidades do grupo.

Contribuições da Metodologia WebQuest no Processo de letramento dos alunos nas séries iniciais no Ensino Fundamental

Rosana Sarita de Araújo

1. Introdução

Este estudo traz reflexões sobre a utilização da WebQuest nas séries iniciais do ensino fundamental, destacando as contribuições desta metodologia no que se refere ao processo de letramento dos alunos.

Ao observarmos os trabalhos norteados por essa metodologia, que toma como referência orientar pesquisa na Internet e o desenvolvimento do pensamento crítico, cresceu a inquietação de averiguar como isso contribui no processo de letramento dos alunos nas séries iniciais. O questionamento torna-se pertinente, à medida que os paradigmas da educação na atualidade convergem para a necessidade de formação de sujeitos críticos e participativos na sociedade, ou seja, de sujeitos letrados.

Uma das razões para o desenvolvimento desta investigação remete-se à importância de professor e aluno terem claro o porquê de se escolher a metodologia WebQuest para conduzir as atividades de pesquisa na Internet, justificando aos dois que não se trata apenas de uma mera opção, mas de escolha fundamentada no seu potencial de efetivamente envolver aluno e professor no processo de ensino e aprendizagem.

Dois campos teóricos guiaram o presente estudo: *um* relacionado aos estudos sobre letramento, e *outro* sobre os estudos do uso da Internet, e mais especificamente da WebQuest. Os estudos de Soares (2000) orientam



o conceito de letramento, e a abordagem de Marcuschi (2001) amplia esse entendimento, caracterizando práticas e eventos de letramento. Também nos apoiamos nos referenciais legais que norteiam o sistema de educação do Brasil. A Lei nº 9394/96–Lei de Diretrizes e Bases da Educação pontua as diretrizes que embasam a formação do aluno nas séries iniciais na perspectiva de formação de sujeitos letrados. A importância do uso da Internet na educação é sustentada conforme os estudos de Heide e Stilborn (2000), Moran (2000) e Mercado (2002 e 2004), que abrangem o assunto destacando a necessidade de integrar as TIC ao processo de ensino-aprendizagem. Quanto ao uso da WebQuest, este é enfocado por Dodge (2004), Barato (2004), Adell (2004) e Barba (2004), entre outros, que pontuam sobre qual o conceito de WebQuest, quais as características desta, bem como se processa o seu uso.

Até o momento, as pesquisas realizadas pelos autores citados têm investigado, de forma geral as diversas práticas e eventos de letramento, bem como o uso da Internet na educação de modo a promover uma aprendizagem significativa. Assim sendo, este estudo visa contribuir nessas investigações partindo do entendimento que compomos uma sociedade tecnológica, tanto quanto uma sociedade letrada, pois o primeiro fenômeno é diretamente proporcional ao segundo, uma vez que o uso das tecnologias converge para o uso social, de modo que todo uso (ação) social se caracteriza como prática de letramento.

Observando a crescente utilização da WebQuest nas práticas educacionais, como meio de desenvolver atividades que promovem uma aprendizagem significativa, constituiu-se o seguinte problema: A WebQuest, como ferramenta de ensino e aprendizagem, contribui no processo de letramento dos alunos nas séries iniciais do ensino fundamental?

Partimos da idéia de que a natureza de uma WebQuest por si própria já se caracteriza com uma prática de letramento, pois ela se organiza, de maneira sistemática numa apresentação composta pela interação de diversos gêneros textuais, tendo por objetivo, conforme a proposta de Dodge (2004), tratar de uma referida temática, a qual é norteada pela execução de uma tarefa, que se desdobra através de pesquisas na Internet.



Nossa hipótese é que ela sempre contribuirá no processo de letramento dos alunos, no entanto, para que esta seja uma ferramenta em que sua contribuição venha a ser mais específica, a fim de elevar o grau de letramento dos alunos, é necessário que ela apresente os seguintes critérios, os quais foram elaborados a partir da proposta de Dodge (2004) em como construir uma WebQuest: -ser uma WebQuest construída segundo a real função de uma WebQuest; -ser uma WebQuest que aborda questões relevantes à formação do sujeito; -encaminhar tarefas executáveis e interessantes; -possibilitar ao sujeito a oportunidade de explorar situações sociais; -encaminhar a produção e/ou criação de eventos e/ou produtos.

Nossa proposta foi encaminhar um estudo que valorize a utilização da WebQuest como uma ferramenta didática, na perspectiva de ressaltar a necessidade de formação de sujeitos letrados e como a WebQuest pode favorecer essa formação. Deste modo os objetivos do nosso trabalho convergem para: -apontar como a Webquest deve constituir-se para que efetivamente contribua no processo de letramento dos alunos das séries iniciais do ensino fundamental, ressaltando sua importância com ferramenta da prática educativa; -aprofundar os estudos teóricos que tratam do uso da Internet no processo educacional como prática e evento de letramento; -destacar as possibilidades da WebQuest de proporcionar uma aprendizagem significativa.

O texto está organizado em três partes, a primeira apresenta o conceito de letramento que encaminha nossa investigação, ressaltando a diferença entre letramento a alfabetização. Especifica também qual o nosso entendimento sobre prática e evento de letramento relacionando este à proposta de formação delineada pela legislação que rege o sistema educacional do Brasil, destacando as referências que a lei indica para a formação do aluno (sujeito letrado) nas séries iniciais do ensino fundamental. A segunda parte trata sobre contribuições da Internet no processo de ensino e aprendizagem, abordando sobre a importância da inserção das tecnologias na prática pedagógica. Assim sendo, destaca como a Internet favorece o processo de ensino e aprendizagem, possibilitando o desenvolvimento das habilidades e competências referidas na lei e que convergem para a formação de um sujeito letrado. A terceira parte



apresenta o estudo da metodologia WebQuest como ferramenta no processo de letramento dos alunos nas séries iniciais. Num primeiro momento, definimos o que é a WebQuest, como esta se estrutura e qual a sua dinâmica. Lançando mão da análise de uma WebQuest, preocupamo-nos em defender como esta pode ser uma ferramenta no processo de letramento.

2. O Processo de Letramento nas Séries Iniciais

A sociedade mudou e continua mudando a cada dia que passa. Com muita pretensão, arriscamo-nos a considerar que este é o único fenômeno que a ciência social pode dar por verdade absoluta. Desde os mais remotos tempos e para sempre pelo futuro a fora, qualquer organização social que se componha tem em sua essência a mudança. É como se a mudança fosse o elemento vital para sua existência, assim, a curto, ou a médio, ou a longo prazo, a mudança inevitavelmente “contamina” o homem, o que repercute na transformação da organização social.

Olhando para os dias atuais, é possível identificar quantas inovações emergiram na sociedade, em todas as áreas. Se fizermos um comparativo com o tão recente século XX, observamos como tudo evoluiu. Inegável é dizer que as revoluções tecnológicas agiram como um verdadeiro catalizador para as mudanças sociais.

O destaque para as tecnologias foi crescente, proporcional aos benefícios desta na vida do homem. Atingindo as mais diversas esferas sociais, concomitantemente também trouxe mudanças na área educacional. Influenciando a mudança dos paradigmas educacionais, redimensionou a prática pedagógica desenvolvida diretamente com o aluno no espaço escolar, bem como desafiou o profissional da educação a decifrar as necessidades do contexto e a formular sua atuação voltada para essas exigências da sociedade (que mudou e que não para de mudar).

Num mundo de constantes transformações, em que a linguagem escrita (generalizando) é a estrada para o conhecimento e que o conhecimento (generalizando) é chave para o poder, revela-se a necessidade imperativa de ser



um sujeito letrado. Questionando a quem compete esta formação, deparamo-nos com uma pergunta abrangente na sua resposta, logo, por ser abrangente na resposta, tem-se jogado para a escola esta responsabilidade.

Por partes, tentamos explicar o que é ser um sujeito letrado, remetendo-nos ao entendimento do que venha a ser letramento. Conforme os estudos de Kleiman (1995), Tfouni (1995) e Soares (2000), podemos dizer que o conceito de letramento tem uma origem recente, já que, até pouco tempo, tratava-se apenas de identificar se um sujeito era alfabetizado ou analfabeto, logo, as autoras buscam especificar cada um desses conceitos.

2.1 Definição de letramento

Segundo Kleiman (1995, p. 9), “podemos definir hoje o letramento como um conjunto de práticas sociais que usam a escrita, enquanto sistema simbólico e enquanto tecnologia, em contextos específicos, para objetivos específicos”. Logo, letramento são as práticas sociais de leitura e escrita e os eventos em que essas práticas são postas em ação, bem como as conseqüências delas sobre a sociedade.

Tfouni (1995), uma das primeiras autoras a não só utilizar, mas também a definir o termo letramento, conceitua-o em confronto com alfabetização: “enquanto a alfabetização ocupa-se da aquisição da escrita por um indivíduo, ou grupo de indivíduos, o letramento focaliza os aspectos sócio-históricos da aquisição de um sistema escrito por uma sociedade” (idem, p. 20). Para a autora, a alfabetização é definida como um processo individual que se dá por meio da escola, consistindo na aquisição da escrita, a fim de desenvolver as habilidades correspondentes ao exercício da linguagem (escrita, leitura e as próprias práticas de linguagem); enquanto letramento resulta de um processo social, que considera não somente a codificação e decodificação, mas também essencialmente o uso social destas práticas, caracterizando-se com um processo amplo que abrange o sujeito alfabetizado, e aquele que não é alfabetizado. Assim, para a autora, letramento são as conseqüências sociais e históricas da introdução da escrita em uma sociedade.



Observamos que em ambas as autoras o núcleo do conceito de letramento são as práticas sociais de leitura e escrita, para além da aquisição do sistema de escrita, ou seja, para além da alfabetização.

Também Marcuschi (2001) mostra que letramento é um processo de aprendizagem social e histórica da leitura e da escrita em contextos informais e para usos utilitários, caracterizando-se, por isso, num conjunto de práticas. Para ele, letrado é o sujeito que participa de forma significativa de eventos de letramento e não apenas aquele que faz uso formal da escrita.

Nos estudos de Soares (2000), são apresentadas duas dimensões do letramento: letramento individual e letramento social. Nesta pesquisa optamos pela dimensão social, pois nela o letramento não está limitado ao exercício pessoal das habilidades da leitura e da escrita, mas ao “(...) que as pessoas fazem com as habilidades de leitura e escrita, num contexto específico, e como essas habilidades se relacionam com as necessidades, valores e práticas sociais” (idem, p. 72). Dentro desta perspectiva, subdividiram-se dois tipos de letramento na dimensão social, um que se refere à versão fraca (progressista, liberal) e outra que se refere à versão forte (revolucionária).

O letramento na versão fraca pode ser interpretado com letramento funcional. Pressupõe as habilidades necessárias para que o indivíduo “funcione” adequadamente em um contexto social.

Em contraposição, a interpretação liberal, a versão revolucionária identifica o letramento não só numa perspectiva de responder e se adequar às necessidades do contexto social, mas também como uma condição que ao envolver a escrita e a leitura, viabiliza um posicionamento do sujeito diante da dinâmica social. Ele deve ser capaz de questionar os “(...) valores, tradições e as formas de distribuição de poder presentes nos contextos sociais” (SOARES, 2000, p. 74). Logo, não corresponde a um elemento neutro e sim um elemento questionador.

A palavra letramento é traduzida como o estado resultante da ação de *letrar*. Ainda não dicionarizado, o verbo *letrar* designa a ação educativa de desenvolver o uso de práticas sociais de leitura e de escrita, para além do apenas ensinar a ler e a escrever, do alfabetizar.



Compreendemos, portanto, que ser um sujeito letrado é interagir com o meio social, utilizando-se das habilidades de leitura e escrita através das práticas e dos eventos de letramento envolto de um olhar crítico sobre a realidade.

As práticas de letramento dizem respeito aos “(...) modos culturais gerais de utilizar o letramento que as pessoas produzem num evento de letramento” (STREET, apud MARCUSCHI, 2001, p. 37). Eventos de letramento, por sua vez, são “(...) eventos comunicativos mediados por textos escritos” (BARTON; HAMILTON, apud MARCUSCHI, 2001, p. 37). Resumindo, as práticas de letramento se referem aos modos de utilizar a leitura e a escrita (modos consolidados ao longo do tempo conforme um contexto delineado), por meio de eventos de letramento que se embasam em textos escritos. Esses textos escritos incluem-se na concepção de gêneros textuais proposta por Marcuschi (2001, p. 42-43):

Gênero textual (também designado gênero discursivo, gênero do (de) discurso) é [...] uma forma textual concretamente realizada e encontrada como texto empírico, materializado. O gênero tem existência concreta expressa em designações diversas, constituindo, em princípio, conjuntos abertos. Podem ser exemplificados em textos orais e escritos tais como: telefonema, sermão, carta comercial, carta pessoal, índice remissivo, romance, cantiga de ninar, lista de compras, publicidade, cardápio, bilhete, reportagem jornalística, aula expositiva, debate, notícia jornalística, horóscopo, receita culinária, bula de remédio, fofoca, confissão, entrevista televisiva, inquirição policial, e-mail, artigo científico, tirinha de jornal, piada, instruções de uso, outdoor etc.

2.2 Legislação que valoriza o processo de letramento pertinente à formação do aluno nas séries iniciais do ensino fundamental

Conforme os estudos de Soares (2000), não existe sujeito iletrado e sim níveis de letramento (excluindo o grau zero de letramento), logo o sujeito letrado não necessariamente é um sujeito alfabetizado. Alfabetizado é aquele



que sabe ler e escrever; letrado é aquele que, sabendo ler e escrever, ou não, responde adequadamente às demandas sociais de leitura e escrita.

Alfabetizar letrando é ensinar a ler e escrever no contexto das práticas sociais de leitura e escrita. Mediante nossos estudos, defendemos que o processo de ensino e aprendizagem deve reger-se alicerçado na proposta de formação de sujeitos letrados e alfabetizados.

Destacamos que os dois processos, a alfabetização e letramento, não devem ser separados, pois o processo de ensino e aprendizagem da escrita se dá concomitantemente através do letramento, uma vez que o desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita deve desdobrar-se através das práticas sociais que envolvem a língua escrita.

Nos dias atuais, há uma forte convenção apoiada na corrente progressista¹, de que a educação deve destinar-se à formação de cidadãos críticos e participativos, de sujeitos letrados. Apontamos dessa forma que, para formar cidadãos atuantes, é fundamental a compreensão sobre o letramento não se restringindo à mera alfabetização.

Através da sua legislação, o sistema de ensino do Brasil aborda a necessidade de formação integral do ser humano, delineando sua proposta de educação para a formação do sujeito letrado.

A Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996 que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional (LDB), em seu primeiro artigo, considera que “a educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino

¹O termo “progressista” designa as tendências que, partindo de uma análise crítica das realidades sociais, sustentam implicitamente as finalidades sociopolíticas da educação. A pedagogia progressista tem-se manifestado em três tendências: a libertadora, mais conhecida com pedagogia de Paulo Freire; a libertária, que reúne os defensores da autogestão pedagógica; a crítico-social dos conteúdos que, diferentemente das anteriores, acentua a primazia dos conteúdos no seu confronto com as realidades sociais. As versões libertadora e libertária têm em comum o anti-autoritarismo, a valorização da experiência vivida como base da relação educativa e a idéia de autogestão-pedagógica. Em função disso, dão mais valor ao processo de aprendizagem grupal (participação em discussões, assembleias, votações) do que aos conteúdos de ensino. Como decorrência, a prática educativa somente faz sentido numa prática social junto à prova, razão pela qual preferem as modalidades de educação popular “não formal”. A tendência da pedagogia crítico-social dos conteúdos propõe uma síntese superadora das pedagogias tradicional e renovadora, valorizando a ação pedagógica enquanto inserida na prática social concreta. Entende a escola como mediação entre o individual e o social, exercendo aí a articulação entre a transmissão dos conteúdos e a assimilação ativa por parte de um aluno concreto (inserido num contexto de relações sociais); dessa articulação resulta o saber criticamente elaborado. (LUCKESI, 1995).



e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais”. Mais adiante no seu segundo artigo pontua que a educação “(...) tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”.

Observamos que a própria lei valida a educação como um processo amplo que está além da escola, totalmente interligada às relações sociais. E, tratando-se de relações sociais, no âmbito de uma sociedade letrada, inferimos que esta é permeada por práticas e eventos de letramento, em que a sistematização da informação possibilita a produção de conhecimento e, conseqüentemente, o desenvolvimento da própria sociedade.

A proposta de formar cidadãos críticos está explicitamente descrita no Art. 2º, o qual reafirma os objetivos de uma educação progressista. A essa finalidade, remetemo-nos à formação de um sujeito letrado na perspectiva revolucionária delineada por Soares (2000).

Ainda no Art. 1º da LDB (1996), destacamos o § 2º, o qual define que “a educação escolar deverá vincular-se ao mundo do trabalho e à prática social”. Nesta norma, encontramos a respaldo para o desenvolvimento de uma prática educativa destinada à formação do sujeito letrado, pois, quando cita que a educação deverá vincular-se a prática social, o que ao nosso ver já inclui o trabalho, aponta a relevância de uma educação contextualizada, e isto significa permeada de prática e eventos de letramento.

No que se refere à educação básica, a qual inclui o ensino fundamental, a lei nº 9.394/96 em seu Art. 22 aborda que “a educação básica tem por finalidade desenvolver o educando, assegurar-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores”. Assim sendo, destacamos que é mister que a escola se preocupe em elevar o nível de letramento dos alunos, pois acreditamos que este só exercerá sua cidadania se paralelamente conhecer e refletir criticamente sobre seu papel na sociedade. Na própria lei nº 9.394/96 em seu Art. 27, encontramos no inciso I a determinação que os conteúdos curriculares da educação básica deverão observar “a difusão de valores fundamentais ao interesse social, aos direitos e deveres dos cidadãos, de respeito ao bem comum e à ordem democrática”.



A relevância de formação de um sujeito letrado compreendida pelas diretrizes que regem o sistema de educação do Brasil é claramente fundamentada no seu Art 32, o qual define:

O ensino fundamental, com duração mínima de oito anos, obrigatórios e gratuito na escola pública, terá por objetivo a formação do cidadão, mediante:

I-o desenvolvimento da capacidade de aprender, tendo como meios básicos o pleno domínio da leitura, da escrita e do cálculo;

II-a compreensão do ambiente natural e social, do sistema político, da tecnologia, das artes e dos valores em que se fundamenta a sociedade;

III-o desenvolvimento da capacidade de aprendizagem, tendo em vista a aquisição de conhecimentos e habilidades e a formação de atitudes e valores;

IV-o fortalecimento dos vínculos familiares, dos laços de solidariedade humana e de tolerância recíproca em que se assenta a vida social. (Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996).

Todo esse parecer reafirma a necessidade de formação de sujeitos letrados, destacando o papel da escola e do sistema perante suas responsabilidades no processo. Conhecendo a importância do letramento, para além do aprendizado automático e repetitivo, baseado na descontextualização, defendemos uma educação contextualizada e significativa.

Consideramos que a escola necessita estar aberta às transformações da sociedade, caminhando paralela a essas mudanças, uma vez que pretende formar um sujeito para atuar neste meio. A essas mudanças, evidenciamos a inserção das tecnologias da informação e comunicação (TIC) como elemento “novo” e necessário à formação pretendida, defendida pela própria legislação como verificamos.

A utilização do computador conectado à Internet é um dos caminhos que possibilita, quando utilizado adequadamente, esta formação em discussão.



3. As Contribuições da Internet no Processo de Ensino e Aprendizagem

Hoje, por mais que tenham ocorrido mudanças, a escrita ainda é um referencial de registro da história da sociedade. É nesta modalidade da linguagem verbal associada a outras modalidades de linguagem não verbal que a informação ganha vida nas telas do computador.

No momento em que surgiu a possibilidade de conectar os computadores em rede, uma revolução no campo da comunicação se desencadeou. Por meio da Internet, consolidaram-se novos eventos de letramento, os quais alicerçados nos mais diversos gêneros textuais, configuraram o espaço virtual de comunicação calcado essencialmente em práticas de letramento.

O contato direto com informações atualizadas, bem como as possibilidades de comunicação síncrona e assíncrona, tornou a Internet um espaço virtual atraente. Desse modo, incidiu sobre o trabalho pedagógico desenvolvido pelo professor na sala de aula, superou as limitações de muitos outros recursos pedagógicos e, sobretudo, instigou o aluno a querer fazer parte desse contexto de comunicação.

A utilização da Internet na educação é mais uma ferramenta que contribui no processo de ensino e aprendizagem, devendo, pois ser utilizada para preparar os alunos e torná-los capazes de enfrentar a dinâmica social. Buscando implementar, através da rede, uma abordagem que enfatiza a aprendizagem centrada no aluno, possibilita-se que o sujeito desenvolva habilidade e competências de autonomia, criticidade e reflexão perante o contexto social a que está permeado.

A Internet traz inúmeras vantagens para o processo de ensino aprendizagem, pois constitui um espaço favorável ao desenvolvimento de diversas possibilidades pedagógicas, isto porque “permite que sejam criadas situações ricas e complexas, diversificadas, por meio de uma divisão de trabalho que não faz mais com que todo o processo repouse sobre o professor, uma vez que tanto a informação quanto a interação são assumidas pelos produtores dos instrumentos” (MERCADO, 2004a, p.



59-60). Através dela, todo tipo de informação pode ser instantaneamente divulgado em rede para que qualquer pessoa tenha acesso, de modo que alunos e professores encontram meios de compartilhar da informação ao mesmo tempo.

Em seus estudos, Valente (1999) pontua o diferencial entre os conceitos de informação e conhecimento (o primeiro como aquilo que é recebido, e o segundo como o que processamos e interiorizamos como signficante)

a informação é o fato, o dado que encontramos nas publicações, na Internet ou mesmo o que as pessoas trocam entre si. Assim passamos e recebemos informação. Ter uma informação armazenada na mente é conhecer no sentido fraco, como definido por Espósito, já o conhecimento construído é o produto do processamento, da interpretação, da compreensão da informação, é o significado que atribuímos e representamos em nossas mentes sobre a nossa realidade. É algo construído por cada um, muito próprio e impossível de ser passado – passamos informação que advém desse conhecimento, porém nunca o conhecimento em si. (VALENTE, 1999, p. 77).

Na Internet, professor e aluno encontram inúmeros recursos que lhes auxiliam nas atividades ditas escolares, que envolvem planejamento das aulas, atualização de dados, coleta de materiais, pesquisas temáticas etc.

É importante que o professor tenha claro o seu papel dentro deste novo contexto que envolve a utilização das TICs. A medida que a aprendizagem é uma depuração da informação recebida pelo aluno e então transformada em conhecimento, cabe ao professor enxergar-se e atuar como guia, facilitador. “O papel do professor na sala de aula mudará, mas os professores não se tornarão redundantes” (HEIDE e STILBORNG, 2000, p. 27).

Acompanhado e assessorado pelo professor, o aluno constrói o conhecimento num caminho cíclico de ação-reflexão-depuração-ação². Cada

² O ciclo apresenta o processo básico pelo qual se dá a aprendizagem na perspectiva construtivista. O que se processa quando o sujeito se depara com um problema é um levantamento de hipóteses, que são testadas (através de ações físicas ou operativas/cognitivas), reelaboradas, submetidas a um novo teste e, assim, concomitantemente num processo recursivo.



parte deste caminho permite um avanço tanto para o professor como para o aluno, pois possibilita entender a lógica do aluno e abre oportunidade para que o professor proponha desafios auxiliando ao aluno atribuir significado ao que está realizando.

Trazer a Internet para o espaço educacional exige que o profissional da área explore as verdadeiras potencialidades dessa tecnologia, a fim de apresentar recursos que facilitem o processo de mudança no ensino.

Segundo as autoras citadas, o uso da Internet inserida na sala de aula é visto como uma ferramenta que viabiliza a construção do conhecimento através de uma prática contextualizada que compõe uma nova natureza do ensino e da aprendizagem na escola, a qual podemos traduzir em uma formação que se preocupa em formar sujeitos letrados.

Conforme consideramos que a Internet compõe-se de inúmeros elementos que refletem o mundo real, concluímos que trazer a Internet para a sala de aula beneficia os alunos, a medida que aproxima o “mundo real” com a vivência efetiva dos sujeitos. As experiências de aprendizagem travadas na Internet possibilitam que o aluno re-signifique seus conhecimentos, bem como seu próprio espaço e papel de sujeito conhecedor que atua sobre um mundo dinâmico e flexível de ser transformado. “Ser capaz de ver eventos mundiais no mesmo nível de detalhes que as pessoas comuns realmente as experimentam é uma maneira de os alunos poderem descobrir princípios básicos de humanidade que eles compartilham com as pessoas ao redor do globo” (HEIDE e STILBORNG, 2000, p. 32).

O valor da tecnologia na educação é derivado inteiramente da sua aplicação. Saber direcionar o uso da Internet na sala de aula deve ser uma atividade de responsabilidade, pois exige que o professor preze, dentro da perspectiva progressista, a construção do conhecimento, de modo a contemplar o desenvolvimento de habilidades cognitivas que instigam o aluno refletir e compreender, conforme acessam, armazenam, manipulam e analisam informações que sondam na Internet.

Utilizar a Internet na sala de aula compõe adaptar-se à sociedade atual, de modo a responder as suas exigências. Solução de problemas, raciocínio e



pensamento crítico são habilidades cada vez mais exploradas na sociedade atual e provavelmente futura. Desenvolver essas habilidades consta de uma necessidade para que os sujeitos caminhem autonomamente, caracterizando-se de fato como um sujeito capaz de exercer a cidadania, tal como a LDB propõe. Se a sociedade vive e solicita tais perfis, é necessário que a escola se ajuste, mudando suas estratégias de ensinar e aprender, incorporando as tecnologias ao currículo de forma significativa, a fim de atender as expectativas sociais.

A medida que a Internet é trazida para a sala de aula, os alunos constroem uma nova visão de mundo e de si mesmos. As possibilidades de atividades interativas abrem espaço para a construção do conhecimento de forma mais significativa,

eles começam a entender, apreciar e respeitar as diferenças e similaridades culturais, políticas, ambientais, geográficas e lingüísticas. Sua visão de mundo e de seu lugar no mundo mudam, e o conteúdo do currículo torna-se atual, relevante e integrado a partir de uma perspectiva multidisciplinar e global. (HEIDE e STILBORNG, 2000, p. 24).

Essas mudanças ocorrem, uma vez que a Internet dá muitas possibilidades de interação. Envolvida por práticas e eventos de letramento, a aprendizagem sobre o mundo torna-se mais imediata, pessoal e real.

É essencial ao professor que as tecnologias sirvam de meios para novos fins. É de responsabilidade do professor fornecer a direção, a orientação e a inspiração, a ser trilhada na utilização da Internet como espaço de aprendizagem. Inúmeras atividades podem ser elaboradas e desenvolvidas utilizando as ferramentas que a internet disponibiliza. Os recursos *on line*, como *chat* (bate-papo), correio eletrônico e listas de discussão podem ser muito explorados em trabalhos com projetos.

A interação que é gerada pela Internet no desenvolvimento de atividades, estabelece um laço de envolvimento considerável por parte do aluno, de modo que este avança à medida que vai em busca do seu conhecimento, responsabilizando-se pelo seu próprio aprendizado. Conforme defendem Heide e Stilborng (2000, p. 37), “os alunos aprendem a definir suas necessidades de aprendizagem, encontrar



informações, estimar seu valor, construir sua própria base de conhecimento e comunicar suas descobertas”. A acessibilidade dos aprendizes à informação pelo uso da Internet permite que eles desenvolvam seus próprios estilos de recuperação e organização das informações.

Destacamos assim, que o papel da Internet na sala de aula atual deve fundamentalmente encaminhar o aluno para saber gerenciar informações, de modo a transformar estas em conhecimento. Os princípios de educação regem na direção de que os alunos desenvolvam habilidade de aprendizagem para toda a vida.

Moran (2000) destaca que não são as tecnologias que irão resolver todos os problemas da educação, na verdade, elas devem servir de novas ferramentas que renovam o processo de ensinar e aprender, com base num modelo de gestão que prioriza a construção do conhecimento. Para tanto, é necessário que haja uma organização, desde a administração escolar ao plano de aula, que leve em consideração a relevância do papel das tecnologias, e mais especificamente do uso da Internet, na educação.

As salas de aulas devem compor-se em um espaço investigativo, onde alunos têm interesse de explorar o desconhecido. Para isso, é mister que o professor realize o planejamento das atividades, o qual deve ser aberto, flexível, criativo e coerente com as linhas de ação pedagógicas, de modo que o aluno seja o centro da aprendizagem.

Nesta dinâmica, o professor tem como papel ajudar os alunos a interpretar, relacionar e contextualizar os dados. Responsabilizando-se pelo seu próprio aprendizado, ao acessar recursos de aprendizagem na Internet, participando ativamente na busca pelo conhecimento, cabe ao aluno gerenciar as informações, a fim de integrá-las em sua mente e em sua vida na forma de conhecimento.

Assim sendo, a relação professor-aluno deve ser essencialmente marcante para que ambos cresçam no processo de produção de conhecimento. É importante que os alunos compreendam as diretrizes do trabalho a ser desenvolvido e que o professor ao sondar as competências dos alunos leve em consideração o aprendizado que estes têm incorporado.



Moran (2000) explicita várias metodologias que podem ser desenvolvidas ao utilizar a Internet na educação, por exemplo, os espaços de visualização virtual do trabalho desenvolvido são de grande importância para que o aluno possa acompanhá-lo permanentemente, independente de estar ou não em sala de aula, até porque as aulas deixam de ser um espaço determinado e transforma-se em “tempo e espaço contínuos de aprendizagem”. (Idem, p. 141).

Para que se tenha êxito nas atividades que serão desenvolvidas na Internet, é fundamental que os alunos dominem as ferramentas básicas da Web. O acesso a Listas eletrônicas/Fórum, *Chat* e correio-eletrônico são procedimentos cotidianos que passam a ser explorados. Tendo os alunos esse domínio básico, pode o professor estruturar seu trabalho mesclando aula-informação com aula-pesquisa³, de modo que ao coordenar as atividades deve incutir no aluno a ânsia de participar, mas não como um participante passivo e sim ativo, onde ele tem papel de co-pesquisador. As pesquisas podem ser grupal ou individual, aberta ou mais focada, tudo dependerá do que o professor objetiva explorar.

A Internet é um perfeito espaço de integração que deve ser bem aproveitado, aproximando professores e alunos, de modo a propiciar a construção do conhecimento partindo da pesquisa e da comunicação. Como um espaço educativo, consideramos que o trabalho desenvolvido deve ser sempre um processo de busca de informações valiosas e significativas para a construção do pensamento.

Um dos problemas de pesquisa na Internet para os alunos é a sua dispersão e perda. Os alunos navegam com uma experiência de estrutura hipertextual⁴ e se deparam na questão de não saberem por onde começar, não sabem voltar para o lugar conhecido ou não saber buscar as informações que desejam. Por esse motivo, é essencial que as atividades sejam direcionadas

³ “Para Moran (2000), pode-se transformar uma parte das aulas em processos contínuos de informação, comunicação e de pesquisa, onde vamos construindo o conhecimento, equilibrando o individual e o grupal, entre o professor-coordenador-facilitador e os alunos-participantes ativos. Aulas informação, onde o professor mostra alguns cenários, algumas sínteses, o estado da arte, as coordenadas de uma questão ou tema. Aula pesquisa, onde o professor e alunos procuram novas informações, cercar um problema, desenvolver uma experiência, avançar em um campo que não conhecemos.” (MERCADO, 2004a, p. 138).
⁴ “O termo hipertexto tem seu surgimento em meados dos anos 60 criado por Theodore Nelson para exprimir a idéia de escrita/leitura não linear num sistema de informática.” (CAVALCANTE, 2004, p. 164). Segundo Levy (1999, p. 56), o hipertexto é “um texto móvel, caleidoscópio, que apresenta suas facetas, gira, dobra-se e desdobra-se à vontade frente ao leitor [...]. O hipertexto é escrito e lido de forma multilinear, multi-sequencial, acionando-se links ou nós que vão trazendo telas numa multiplicidade de possibilidade, sem que haja uma ordem predefinida.” (SOARES, 2002).



por um objetivo, não se tratando de descrever o caminho que aluno tem que percorrer, mas direcionando os objetivos pretendidos, a fim de auxiliar os alunos a não perderem a direção e o foco da atividade mediante a alucinante quantidade de informações que encontram disponíveis.

Nesse contexto, a função do professor é realizar intervenções e interferências no processo de ensino-aprendizagem. É ele quem tem formação para definir o que deve ser privilegiadamente aprendido e abordado no decorrer do tempo disponível e tem condições de orientar o encaminhamento das atividades curriculares. O professor seleciona, organiza e problematiza os temas e conteúdos, de modo a promover uma adequada construção do processo de aprendizagem, colaborando para o avanço de seu processo de desenvolvimento sócio-cultural (MERCADO, 2004a, p.69).

Dentre muitas tentativas de acerto em como utilizar a Internet voltada ao processo educacional de modo eficiente, Bernie Dodge propõe a WebQuest. A WebQuest é a aplicação de uma estratégia de aprendizagem por descobrimento guiado por um processo de trabalho desenvolvido por alunos utilizando a Web. É ela um modelo de aprendizagem extremamente simples e rico para propiciar o uso educativo da Internet. Baseado na aprendizagem cooperativa é um processo de investigação para aprender.

Muitas instituições escolares aderem à metodologia WebQuest como forma de orientar as atividades de pesquisa na Internet, porque, ao se analisar a proposta, encontram-se objetivos educacionais extremamente relevantes para os dias atuais, como: garantir acesso a informações autênticas e atualizadas; romper as fronteiras da aula; promover aprendizagem cooperativa; desenvolver habilidades cognitivas; incentivar criatividade; favorecer o trabalho de autoria dos professores; favorecer o compartilhamento de saberes pedagógicos.

4. Webquest como Ferramenta no Processo de Letramento dos Alunos nas Séries Iniciais

Para abordarmos as contribuições da WebQuest como ferramenta no processo de letramento dos alunos nas séries iniciais do ensino fundamental,



é essencial descrevermos qual o conceito de WebQuest e como esta pode se desenvolvida. A partir dessas noções ficará mais fácil compreender como de fato ela pode ser utilizada no processo de ensino e aprendizagem com o objetivo de elevar o grau de letramento dos alunos.

Para aqueles que não se familiarizaram com as inovações metodológicas no âmbito tecnológico, e mais especificamente, com as possibilidades viabilizadas pelo o uso da Internet no processo de ensino e aprendizagem, a nomenclatura WebQuest soa como um desconhecido, como algo distante da sua realidade, ou algo executável apenas nos lugares desenvolvidos educacionalmente.

Foi no ano de 1995, mediante a apresentação do software *Archeotype* a seus alunos, que Bernie Dodge vislumbrou a criação da WebQuest. Organizou uma sessão de trabalho, dividindo-a em passos para execução de uma tarefa. Os alunos foram divididos em grupos, e a execução da tarefa era viabilizada mediante a utilizações de fontes e recursos hospedados na web. Desta forma, cada grupo investigava uma perspectiva da informação.

A novidade chamou a atenção por sua dinâmica e foi sendo aperfeiçoada com contribuições daqueles que se detiveram em investigar a eficiência da WebQuest, de modo que hoje soma milhares de exemplares disponíveis na web.

De acordo com seu criador uma WebQuest é

Una actividad de indagación/investigación enfocada a que los estudiantes obtengan toda o la mayor parte de la información que van utilizar de recursos existentes em Internet. Las WebQuests han ido ideadas para que los estudiantes hagan uso Del tiempo, se enfoquen em utilizar información más que em buscarla, y em apoyar el desarrollo de su pensamiento em los niveles de análisis, síntesis y evaluación (DODGE, 2001, p. 1).

Conforme a caracterização do autor, fica explícita a intencionalidade de a WebQuest ser uma metodologia baseada em pressupostos construtivistas de aprendizagem e de ensino. Isso pode ser verificado na necessidade de fazer com que o aluno use o seu tempo para produzir conhecimento, através de análises, síntese e avaliação, detendo-se em utilizar as informações muito mais do apenas buscá-las.



Outro fator que aponta ter a Webquest um caráter construtivista é por embasar-se em um trabalho cooperativo entre os componentes de um mesmo grupo.

O trabalho com a WebQuest é relativamente simples e nos remete a práticas já conhecidas e executadas em sala de aula, o que a difere é que ela é um recurso qualitativamente distinto dos outros, pois utiliza diversas estratégias que integram a motivação, o interesse, a dedicação na tarefa e sobretudo o desenvolvimento cognitivo.

No encaminhamento de uma WebQuest, os alunos são divididos em grupos, designando a cada membro uma função diferente. A proposta maior é que conjuntamente o grupo realize a tarefa traçada pela WebQuest, culminado em um produto com características bem definidas. Assim, ele se guiará por um processo seguindo vários passos e fases, definidos previamente pelo professor.

Aos alunos se apresentam um cenário e uma tarefa, que normalmente constam de um problema para resolver e/ou um projeto para realizar. Assim, através dos recursos indicados na Internet, eles analisam e sintetizam a informação, apresentando, por fim, suas próprias soluções criativas.

Toda WebQuest é projetada para o ambiente da Internet, logo possui uma forma própria de organização, podendo apresentar inovações conforme a criatividade e necessidade do professor. Sua constituição básica compreende introdução, tarefa, processo, recursos, avaliação e conclusão.

- **Introdução:** “es un texto corto que prepara el escenario para la acción que se espera de los alumnos”⁵ (BARATO, 2004), assim sendo, deve permear-se de elementos motivadores, constituindo-se num meio de comunicação que intercambia os assuntos de interesse dos alunos com os temas a serem estudados. Para que o texto introdutório seja um veículo “persuasivo”, é fundamental que ele não se centre no assunto friamente, mas no leitor, extrapolando o didatismo que caracteriza os textos educativos.
- **Tarefa:** “es el corazón de la WebQuest, sugiere la creación de un evento o producto, similar o idéntico, a los eventos o productos que forman parte del día a día del mundo em que vivimos”⁶ (BARATO, 2004). Dodge

⁵ “é um texto curto que prepara o cenário para a ação que se espera dos alunos” (BARATO, 2004, tradução nossa)
⁶ “é o coração da WebQuest, sugere a criação de um evento ou produto, similar ou idéntico, aos eventos ou produtos que fazem parte do dia-a-dia do mundo em que vivemos” (BARATO, 2004, tradução nossa)



(2001), o criador da WebQuest, destaca que as tarefas devem ser executáveis e interessantes, parecidas com as coisas que os adultos fazem na vida real. Logo ela deve caracterizar-se pela autenticidade e, sobretudo, possibilitar a transformação da informação a fim de viabilizar uma aprendizagem significativa.

- **Processo:** apresenta o percurso que os alunos devem seguir para o alcançar bons resultados na execução da tarefa, não é um roteiro ditador e sim um guia para orientar e ajudar o aluno a encaminhar as suas ações, é como um suporte que instiga o aluno a buscar solução para o problema proposto pela tarefa. Para que o processo possa agir como um apoio, é fundamental que as orientações descritas sejam claras e objetivas, adequada às capacidades de aprendizagem dos alunos.
- **Recursos:** não basta dizer o que fazer, os alunos necessitam de uma indicação de como podem executar a tarefa, logo os recursos são os meios que auxiliam o aluno. Conforme o processo, descreve o quê fazer, paralelamente integra os recursos que ajudam na resolução do problema. Indicar os recursos não é comandar o que deve ser aprendido, é possibilitar um direcionamento para que o aluno não se perca na infinidade de caminhos de que a Internet dispõe.
- **Avaliação:** o objetivo da avaliação não se centra numa resolução exata e indiscutível da tarefa proposta. Seu foco principal são as estratégias produzidas pelo aluno e qual a qualidade do produto ou da solução apresentada por ele. Ela busca abranger a apreciação dos diversos níveis de desempenho que podem ser alcançados considerando cada característica importante do produto elaborado pelo aluno ou de seu desempenho.
- **Conclusão:** retoma a introdução, de modo a orientar uma reflexão sobre o que foi estudado, discutindo o que foi proposto e tudo o que a aprendizagem possibilitou a realização da WebQuest.

Cada parte desenhada na WebQuest tem um objetivo. Portanto, é fundamental que, de fato, cada uma seja projetada com clareza, mesmo estando aberta à criatividade e adequação a necessidades específicas. Não podemos



deixar de contemplar os critérios que caracterizam um WebQuest, pois, do contrário, ao invés de termos uma proposta de aprendizagem significativa, teremos um amontoado de atividade que descaracteriza a intenção do trabalho com WebQuest.

As partes da WebQuest interagem entre si. É por isso que não basta escolher um tema de interesse e motivador. É necessário propor uma questão que instigue o aluno a se envolver, de modo a dar suporte indicando o que fazer, como, onde e quando, embasada numa avaliação que leva em consideração o processo, tudo isso para que o aluno construa suas próprias conclusões.

Consideramos que a WebQuest é mais uma ferramenta que se soma às estratégias e metodologias de ensino, sendo sua característica principal promover uma aprendizagem significativa, onde a construção do conhecimento é viabilizada pela utilização dos recursos da Internet. Não são os recursos que geram a aprendizagem. Esta é resultado da exploração das diversas informações que os recursos tornam acessíveis.

Una WebQuest es una actividad de investigación guiada con recursos Internet que tiene en cuenta el tiempo Del alumno. Es un trabajo cooperativo em ele que cada persona es responsable de una parte. Obliga a la utilización de habilidades cognitivas de alto nivel y prioriza la transformación de la información. (BARBA, 2004)

Na escola, a WebQuest é mais um caminho que o professor tem para integrar os recursos que a Internet oferece com o “currículo”, pois as ferramentas e informações de que a web dispõe, podem ser direcionadas as atividades diárias da classe para conseguir os objetivos do currículo e proporcionar oportunidade de aprendizagem aos alunos.

Mediante sua flexibilidade, ela pode caracterizar-se como uma ferramenta educativa para todos os níveis e todas as matérias, e isto respalda nossa afirmação em contemplá-la como uma ferramenta a ser utilizada com alunos das séries iniciais do ensino fundamental.



O trabalho com WebQuest é eficaz porque o seu desenvolvimento está apoiado em três elementos, “los argumentos de March pueden sintetizarse em tres grandes apartados: 1.Motivación y autenticidad; 2.Desarrollo cognitivo; 3.Aprendizaje cooperativo.” (ADELL, 2004).

A motivação e autenticidade são fatores fundamentais para a eficácia da WebQuest. É preciso que o aluno se sinta suficientemente envolvido para debruçar-se sobre a tarefa proposta. Para isso é preciso não só ter uma tarefa interessante, como também lançar mão de recursos reais, oportunizar a construção de respostas, trabalhar em equipe e divulgar na web o trabalho realizado.

O desenvolvimento cognitivo é o desafio de toda WebQuest, pois o objetivo desta é provocar os processo cognitivos superiores instigando os alunos a pensarem. Durante a WebQuest, os alunos realizam uma gama de atividade como ler, compreender e sintetizar informações selecionadas na Internet e de outras fontes, organizar a informação, resumindo-a, elaborar hipóteses, valorizar e rever idéias e conceitos, produzir textos, discursos, apresentações multimídias, objetos físicos, manejar ferramentas diversas, entrevistar conhecidos, etc. Os alunos necessitam de um estímulo cognitivo, e o papel do professor converge para ajudar o aluno a realizar essas diversas atividades.

A aprendizagem cooperativa é um caminho para que mediante a interação conjunta, todos alcancem os objetivos previamente determinados. Não se trata de um somatório de intervenções, mas do empenho grupal, onde cada um, analisando uma perspectiva e/ou responsável por uma parte da tarefa, integra seu conhecimento mais específico para a melhor compreensão do todo.

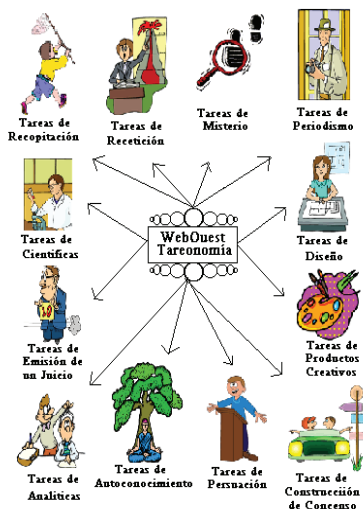
4.1 A WebQuest como ferramenta no processo de letramento

Conforme citado, a tarefa é o coração de uma WebQuest, assim sendo, é ela quem dá vida à proposta, tornando-a dinâmica e prazerosa. Identifica-se que a tarefa central de uma WebQuest é uma versão reduzida do que as pessoas adultas fazem, de fato, qualquer que seja a tarefa, esta só fará sentido para o



aluno se caracterizar-se como algo real, significante no contexto social em que vive, assim sendo “las situaciones de aprendizaje, los entorno, las destrezas a adquirir y los contenidos y tareas a realizar deben ser relevantes, realistas, auténticas y deben repersentar las complejidades naturales del “mundo real” (ADELL, 2004).

A tarefa está diretamente relacionada ao objetivo da WebQuest, logo existem diversas maneiras para estruturá-la. Ao longo do tempo, com a propagação da metodologia WebQuest, foram sendo identificados alguns formatos de tarefas comuns. Em “Tareonomia del WebQuest: uma taxonomía de tarea”, Dodge (2004), sistematiza os formatos de tarefas comuns que compõem as seguintes categorias: reconto, compilação, mistério, jornalística, planejamento, produção criativa, construção de consenso, persuasão, auto-conhecimento, analítica e científica. Nesta taxonomia, ele descreve o formato e sugere algumas formas de otimizar seu uso, pontuando algumas habilidades que as tarefas desencadeiam.





- 1 - **Tarefa de Recontar:** solicita que os alunos estudem alguma informação e depois demonstrem que a compreenderam. Os alunos podem relatar o que aprenderam por meio de apresentações ou relatórios curtos.
- 2 - **Tarefa de Compilação:** solicita que os alunos retirem informações de diversas fontes e organizem estas num mesmo formato.
- 3 - **Tarefa Mistério:** apresenta aos alunos um conteúdo na forma de desafio ou história policial, o qual instiga o aluno investigar um fato determinado.
- 4 - **Tarefa Jornalística:** solicita aos alunos que incorporem o papel de um repórter, onde a partir da cobertura de eventos, reúnam fatos e os organizem com toda fidelidade de forma similar aos gêneros jornalísticos de apresentação as notícias.
- 5 - **Tarefa de Planejamento:** solicita aos alunos a criação de um produto ou plano para atingir uma meta pré-determinada, de modo a trabalharem circundados de limite e restrições.
- 6 - **Tarefa Produção Criativa:** solicita que os alunos, trabalhando dentro de certos limites, produzam um certo formato. É muito mais aberta e imprevisível que a tarefa de planejamento.
- 7 - **Tarefa de Construção de Consenso:** solicita que os alunos, partindo de situações de diferenças, articulem, considerem e acomodem diferentes pontos de vista.
- 8 - **Tarefa de Persuasão:** solicita aos alunos que desenvolvem suas habilidades de persuasão, onde partam de um caso convincente, baseado naquilo que eles aprenderam.
- 9 - **Tarefa Auto-conhecimento:** leva os alunos a responderem questões sobre si mesmos, a fim de possibilitar um maior entendimento de si próprio.
- 10- **Tarefa Analítica:** solicita que os alunos explorem a essência do conhecimento de como as coisas se articulam, de como as coisas de um tópico se relacionam umas com as outras.
- 11- **Tarefa de Julgamento:** apresenta aos alunos certos números de itens e pede para estes ordená-los, ou tomar uma decisão bem informada, desde um número limitado de escolhas.
- 12- **Tarefa Científica:** solicita aos alunos que incorporem o papel de um cientista e entendam como a ciência funciona.

Cada tipo de tarefa exige o desenvolvimento de habilidades específicas, bem como de habilidades comuns a todas elas, ou a várias delas. São essas ações e atitudes despendidas pelo aluno que influenciam na sua formação e no grau de seu letramento. Com base nos estudos de Dodge (2004) em “Tareonomía Del WebQuest: uma taxonomia de tarefas”, podemos exemplificar que tarefas de recontar instigam as habilidades de resumir, refinar e elaborar informações; tarefas de compilação ao utilizar recursos informacionais que estão em diferentes



formatos, incentivam a reescrita ou reformatação das informações, bem como o desenvolvimento de critérios de seleção; tarefas de mistério requerem a síntese de informações providas de uma variedade de fontes, o que engloba a absorção e articulação destas para se fazer inferência ou generalizações; tarefas de planejamento e de produtos criativos incitam a capacidade de produção respeitando limites e restrições; tarefas de construção de consenso estimulam a análise de pontos de vistas variados; tarefas de persuasão induz um discurso convincente; tarefas de auto-conhecimento instigam a reflexão sobre a prática (reflexão do eu); tarefas analíticas propiciam analisar, comparar, identificar e discutir relações de causa e efeito entre variáveis; tarefas de julgamento requerem conhecimento consistente para apoiar a definição de critérios de avaliação; tarefas científicas incitam a elaboração de hipóteses encaminhada de investigação e conclusão sobre estas.

Conforme já descrevemos, uma WebQuest envolve os alunos no desenvolvimento de diversas atividades onde esses emitem pareceres, negociam significados e extraem conclusões em grupo, desenvolvem estratégias de busca, seleção e síntese de informações, produzem textos, gráficos, multimídias, entre outras variadas ações, habilidade, atitudes e posturas.

La tarea se constituye en la parte más importante de una WebQuest. Lê ofrece al estudiante una meta y un enfoque, y concreta las intenciones curriculares del diseñador. Una tarea bien diseñada es atractiva, posible de realizar y fomenta entre los estudiantes el pensamiento más allá de la comprensión mecánica (DODGE, 2002, p.1).

Assim sendo, uma WebQuest eficiente preza primordialmente em desafiar o aluno a resolver problemas mediante investigações de qualidade, logo seu motor está em apresentar tarefas executáveis e interessantes, que de fato reflitam situações reais da sociedade, coerentes com a organização desta, desenvolvidas e/ou aplicadas no seu âmbito.

Esta característica, de a WebQuest remeter-se a algo real, é justamente o que nos faz considerar que ela é uma ferramenta que contribui no processo de



letramento, a medida em que viabiliza o exercício e/ou simulação de prática e eventos de letramento. Se por si só ela se configura numa prática de letramento, o destaque desta metodologia advém das possibilidades de encaminhar o exercício e/ou simulação de variadas práticas e eventos de letramento a serem vivenciadas pelos alunos, independente da influência material que os envolve.

As práticas de letramento encaminhadas pela WebQuest são estruturadas em um ambiente virtual, –as pesquisas são efetuadas através da Internet, e é no próprio ambiente da web que ocorre a execução da tarefa proposta. Assim sendo, ela exige habilidades cognitivas, e não depende de elementos materialmente constituídos para compor os cenários dos diversos eventos de letramento que se desdobram em função da tarefa proposta.

Dodge, o criador da WebQuest, em uma entrevista à rede STV no Brasil, fez a seguinte afirmação: “somos criaturas sociais... y aprendemos socialmente, (...). Colectivamente, evolucionamos e yamentamos el conocimiento...” (DODGE, apud. BARATO, 2004). Podemos constatar como a WebQuest possibilita o desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem levando a formação do sujeito letrado. A medida que viabiliza o exercício de práticas de letramento, apoiada num trabalho cooperativo, possibilita ao aluno evoluir e aumentar seu conhecimento socialmente.

Segundo a proposta de educação numa perspectiva construtivista⁷, acredita-se que se aprende mais e melhor, quando se aprende com os demais, que a aprendizagem mais significativa é resultado de atividades de cooperação. Assim sendo, o trabalho com a WebQuest torna-se extremamente viável, pois valoriza a interação que se desencadeia entre aluno-aluno, aluno-professor, aluno-computador, bem como a partir do acesso a variadas fontes de informação através da Internet, de modo que o conjunto dessas interações efetiva o exercício de práticas e eventos de letramento.

⁷ O construtivismo é uma teoria epistemológica que se configura em uma postura que se preocupa com o grau de certeza do conhecimento em seus diversos ramos. Norteia a linha pedagógica que baseia a sua prática nos estudos de Jean Piaget, consistindo em criar situações que incentivem, a partir da pesquisa, o levantamento de hipóteses, conflito cognitivo e processos de assimilação frente ao novo conhecimento, fiel ao princípio interacionista, procura demonstrar o papel central do sujeito na produção do saber. (ROSA, 1996)



4.2 Análise de uma WebQuest apontando as contribuições desta no processo de letramento

Ao navegarmos na Internet encontramos inúmeros sites destinados à WebQuest, além dos sites específicos às escolas que aderiram ao uso desta. Dispõem de links onde exibem as WebQuests que foram desenvolvidas.


Há um número extremamente grande de exemplos de WebQuests que podemos encontrar na Internet, sendo quase que impossível analisarmos todas elas. Deste modo, tomamos uma WebQuest para exemplificar nossa investigação.

A primeira WebQuest faz parte da coletânea de WebQuest apresentada pela Escola do Futuro da Universidade de São Paulo. Trata-se de uma WebQuest planejada para alunos da 2ª série do ensino fundamental. Elaborada na área de Ciências, ela explora o estudo dos insetos, seu título é *Uma perspectiva dos insetos*.

A introdução da WebQuest descreve o seguinte:



Introdução

 Há mais de 200.000 insetos para cada um dos humanos da Terra. Eles estão em todas as partes! Podem ser encontrados em qualquer lugar, na terra ou na água, nos brejos ou nas montanhas.



Você gosta de insetos ?



Você acha que precisamos dos insetos?





Você acha que eles devem ser mortos?



Observemos que a WebQuest vem tratar de um tema comum e que desperta a curiosidade dos alunos, logo traz questionamentos instigando o interesse e partindo dos conhecimentos que o sujeito já possui sobre o assunto.

Neste primeiro momento, o aluno toma consciência da relação que existe entre a temática abordada e o meio que o rodeia. Dialoga consigo mesmo e possivelmente com os outros alunos. Trata de constatar que o que texto de introdução apresenta é real, de algum modo faz parte da sua vida.

Partindo desse encaminhamento, apresenta-se então a tarefa:

 <p>Suas Tarefas</p> <p>Você tem duas tarefas para completar:</p>	<p> Imagine que você é um inseto. Seu habitat está a ponto de ser destruído pelos humanos. Se você pudesse se comunicar com os humanos,</p> <ol style="list-style-type: none">1. o que escreveria numa carta2. como desenharia num cartaz <p>para convencer o exterminador que você merece viver?</p>
---	---

Relembramos que a tarefa é o coração da WebQuest, é ela que define a dinâmica do trabalho a ser desenvolvido. Conforme descrevemos anteriormente, a tarefa “sugere a criação de um evento ou produto, similar ou idêntico, aos eventos e produtos que formam parte do dia a dia e do mundo em que vivemos” (BARATO, 2004, tradução nossa). Observamos então que a proposta da WebQuest em exemplo é totalmente coerente com esse princípio, pois à medida que solicita que os alunos produzam frases e cartaz argumentativo em defesa de uma causa, remete-se a produção de um gênero textual comum em nosso meio.

Nessa WebQuest, os alunos precisam defender seu ponto de vista. No caso, defender porque o habitat de determinado inseto não pode ser destruído, logo necessitam fundamentar sua argumentação com elementos consistentes para validá-lo. Se compararmos com o nosso dia-a-dia, somos flagrados, muitas vezes, defendendo uma opinião, seja de forma oral ou escrita e, para tanto, precisamos torná-la consistente para convencer o outro. Nesta prática, quanto



mais conhecimento sobre o assunto tiver o sujeito, mais chance este terá de manipular as informações em favor do seu argumento.

O processo descrito na WebQuest encaminha o aluno a explorar informações sobre o assunto, assim, subdividido em passos ele descreve as orientações elementares à execução da tarefa.

No 1º e 2º passo, a WebQuest já vincula os recursos da pesquisa. Conforme o aluno define o inseto que defenderá, ele encontra disponível na WebQuest um link para orientar sua busca de informações. Também para nortear a busca, são apresentadas algumas questões.

O processo é o responsável pelo encaminhamento do aluno frente à vastidão de informações que este encontra na Internet. Sem esse rumo muito provavelmente ele se perde no emaranhado de informações sem conseguir atingir o objetivo pretendido.



Passo 1: Escolha um inseto.

- Forme um grupo de 4.
- cada um de vocês irá pesquisar um inseto diferente. Para fazer sua escolha, clique num inseto abaixo.

[formiga](#) [borato](#) [abelha](#) [cupim](#)

- Qual você quer ser? Você irá pesquisar **apenas** um inseto.

Passo 2: Pesquise o seu inseto.

Descubra

1. Onde ele vive (habitat)
2. O que ele come
3. Quanto tempo vive
4. Como ele ajuda ou é útil ao meio ambiente
5. Como ele é perigoso

[Clique aqui para pesquisar a formiga.](#)

[Clique aqui para pesquisar a abelha.](#)

[Clique aqui para](#)

[Clique aqui para](#)



Passo 3: Discuta em grupo.

Responda estas questões. Explique cada resposta sua.

1. Você gosta do seu inseto?
2. Os insetos são necessários para os humanos e para o meio ambiente?
3. Você pensa que o inseto que você pesquisou deve ser morto?

Passo 4: Escreva uma carta para a

Terminix.



Defenda você mesmo e os insetos seus amigos! Escreva uma carta para o homem da Terminix para explicar como você ajuda o meio ambiente e porque você e certos outros insetos não devem ser exterminados.

[Observação: Este é um trabalho individual]

- [Clique aqui para ver um exemplo de carta da abelha.](#)
- [Clique aqui para ver um exemplo de carta da formiga.](#)

Passo 5: Desenhe um cartaz em grupo.

No cartaz que enviar ao homem da Terminix, você precisará incluir sua carta, o habitat, e uma foto do seu inseto.

- [Clique aqui para ver um exemplo de cartaz.](#)

A WebQuest de fato é uma ferramenta no processo de letramento de um sujeito à medida que, ao possibilitar o contato deste com as informações, concomitante o instiga a analisá-las. Para isso desencadeia um processo de transformação da informação em conhecimento a fim de alcançar um objetivo previamente determinado. Pontuamos que a maior parte das informações coletadas na Internet são apresentadas por meio da linguagem verbal, o que é um exercício constante de práticas de letramento.

Coerente com uma proposta de ensino e aprendizagem construtivista, todo o trabalho com a WebQuest é assessorado pelo professor, onde, no papel de facilitador, acompanha o desenvolvimento do aluno frente o desafio proposto. Nesse sentido, a avaliação do trabalho centra-se em analisar o processo.



 Avaliação 					
	Nevoje	Iniciante	Profissional	Mestre	Pontos
	1	2	3	4	
carta	Tem pelo menos um dos cinco componentes corretos de uma carta.	Tem de três a cinco componentes corretos de uma carta.	Segue o formato correto de carta 0-1 de erros ortográficos ou gramaticais. Claramente escrita.	Segue formato correto de carta. Sem erros ortográficos e gramaticais. Escrita clara e criativa.	
ponto de vista	Menciona pelo menos um fato sobre habitat/ciclo de vida.	Menciona dois fatos sobre habitat/ciclo de vida.	Descreve bem seu inseto, dá três exemplos de fatos sobre habitat/ciclo de vida.	Descreve bem seu inseto, dá quatro exemplos de fatos sobre habitat/ciclo de vida.	
cartões	Pouco apelo visual. Informações incompletas.	Evidência de intenção de produzir algo visualmente comunicativo. Quantidade de informação revela conhecimento do assunto.	Material tem apelo visual. Informações são bastante completas e sintéticas.	Excelente apelo visual. Evidência de trabalho criativo. Informações completas numa forma sintética.	

A avaliação da tarefa não é algo pontual onde considera o que é certo ou errado. Observamos que ela analisa os avanços do aluno em relação à tarefa proposta. Conforme defendemos anteriormente, a WebQuest por si só já é uma prática de letramento, mas o destaque que damos a esta metodologia advém das possibilidades de encaminhar o exercício e/ou simulação de variadas práticas e eventos de letramento a serem desenvolvidas pelos alunos, a fim de elevar o grau de letramento deste.

Observamos que esta WebQuest tem os seus elementos construídos harmonicamente, e como pode contribuir no processo de letramento. Essa análise é importante porque nos deparamos muitas vezes com WebQuest que não prezam por esta harmonia, o que de fato torna-a uma atividade repetitiva e mecânica, que pouco acrescenta na construção do conhecimento, logo pouco contribui em elevar o grau de letramento do aluno.



5. Considerações Finais

Por muito tempo, a escola no Brasil encaminhou uma proposta de ensino e aprendizagem numa perspectiva autoritária, que preza a “lapidação” dos alunos como se fossem sujeitos vazios que deveriam ser moldados dentro de um padrão estabelecido pela sociedade. Nessa perspectiva, cabia aos alunos serem passivos na aprendizagem, apenas recebendo o que o professor, “o detentor do conhecimento”, lhes transmitia.

Felizmente, hoje, o nosso sistema de ensino compreende a necessidade de assumir uma prática comprometida com o processo de ensino e aprendizagem além dos moldes tradicionais, defendendo uma política educacional que preza a formação de cidadãos críticos como consequência da produção do conhecimento por esses cidadãos.

À medida que a lei privilegia a formação de sujeitos letrados, ela delinea a defesa de uma prática de ensino contextualizada, onde o aluno é reconhecido como sujeito ativo do processo de ensino e aprendizagem, que participa da produção do seu conhecimento mediante interações, e o professor é o facilitador dessa aprendizagem significativa.

No sentido de uma prática contextualizada, a lei, concomitantemente, abrange a importância da escola acompanhar as transformações do meio, e nos tempos atuais remete-se às transformações tecnológicas que compõem a sociedade. Dentre as inúmeras mudanças, o uso do computador conectado à Internet é uma variável que permeia essa prática contextualizada, traduzindo-se como uma ferramenta no processo de ensino e aprendizagem.

Dentro dessa corrente de transformações que se desencadeou de maneira volátil é compreensivo não termos totalmente claro como trabalhar de modo consistente essas novas ferramentas que o contexto apresenta. Em se tratando do uso da Internet, muito se tem discutido sobre quais caminhos podem ser desenvolvidos na perspectiva educacional para que se usufrua efetivamente de seu potencial.

Um dos caminhos que defendemos é o uso da WebQuest de modo que, ao longo deste trabalho, discutimos sobre como esta, como uma ferramenta



de ensino e aprendizagem, contribui no processo de letramento dos alunos nas séries iniciais do ensino fundamental.

Com base nos estudos e análise da WebQuest, chegamos a algumas conclusões, no que se refere às hipóteses levantadas para a investigação do problema.

Verificamos que uma WebQuest sempre contribuirá no processo de letramento dos alunos, pois, por natureza, ela se caracteriza como uma prática de letramento, à medida que se organiza de maneira sistemática numa apresentação composta pela interação de diversos gêneros textuais. No entanto, para que esta seja uma ferramenta em que sua contribuição venha a ser mais específica, a fim de elevar o grau de letramento dos alunos, é necessário considerar alguns critérios em relação a sua constituição.

Conforme nossa análise, ficou clara a importância de uma WebQuest ser constituída segundo a sua real função, pois encontramos com frequência na Internet trabalhos que se dizem ser uma WebQuest, mas que na verdade são meros exercícios utilizando os recursos da informática. Muitos desses trabalhos banalizam o real objetivo da WebQuest, pois centram-se em um acúmulo de exercícios tradicionais que não requerem pesquisa e produção de conhecimento.

A necessidade da WebQuest abordar questões relevantes à formação do sujeito é condição fundamental para que, de fato, viabilize um processo de ensino e aprendizagem significativo.

Esta condição está totalmente interligada à necessidade da WebQuest encaminhar tarefas executáveis e interessantes. De nada adianta trabalhar questões relevantes para a formação do aluno, se estas forem elaboradas de maneira obscura ou excêntricas demais. No primeiro caso, deixam o aluno confuso e frustrado, ao invés de instigá-lo à curiosidade, à pesquisa; quanto ao segundo, impossibilita o aluno a imaginar sua execução.

A WebQuest é de fato uma ferramenta que contribui no processo de letramento à medida que possibilita ao sujeito a oportunidade de explorar situações sociais, este é o maior elemento que valoriza a sua utilização. Conforme o aluno acessa a Internet para obter informações acerca de determinado assunto



(sendo assessorado pelo professor), ele tem a oportunidade de interagir com um mundo de informações reais. Essa possibilidade é valiosíssima, pois possibilita-lhe a exploração do seu próprio mundo, das questões sociais, do contexto em que está inserido.

A pesquisa pela pesquisa é vazia demais para instigar o aluno à produção do conhecimento, por isso a profunda necessidade de se estabelecer um objetivo para o trabalho. Logo, encaminhar a produção e/ou criação de eventos e/ou produtos é um elemento de grande importância, é este o quesito que torna lógico a investigação, se constituídos harmonicamente na WebQuest, de fato pode classificá-la como uma ferramenta de ensino e aprendizagem que contribui no processo de letramento, na perspectiva de, consecutivamente, buscar elevar o grau de letramento do aluno.

Apenas o trabalho com a WebQuest não garante elevar o grau de letramento do aluno, este é um trabalho contínuo que não tem fim, e que não se dá isoladamente na escola. No entanto, no que se refere à responsabilidade desta em promover a formação de sujeitos apóie em um trabalho que contemple o aluno como sujeito ativo no processo de ensino e aprendizagem.

Inevitavelmente as mudanças e transformações continuarão excitando a escola a acompanhar essa dinâmica. Portanto, é mister que esta busque se atualizar sobre as possibilidades que se apresentam para desenvolver cada vez melhor uma prática inovadora e consistente.

Referências

ADEL, Jordi. Internet en el aula: las webquest. **Revista Electrónica de Tecnología Educativa**, n. 17, 2004. Disponível em: <http://edutec.rediris.es/Revelec2/revelec.htm>. Acesso em: 18/09/04.

BARATO, Jarbas N. **El alma de las webQuest**. Disponível em: <http://www.webquest.futuro.usp.br>. Acesso em: 18/09/04.



_____. **Um jeito novo, simples e moderno de educar.** Disponível em: <http://webquest.futuro.usp.br> . Acesso em: 18/09/04.

BARBA, Carmem. **La investigación em internet com las WebQuest.** Disponível em: www.eduteka.org. Acesso em: 18/09/04.

CAVALCANTE, Maria C. Mapeamento e produção de sentido: os links no hipertexto. In: MARCUSCHI, Luiz A; XAVIER, Antônio C. **Hipertexto e gêneros digitais.** Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

DODGE, Bernie. **Cinco reglas para escribir una fabulosa WebQuest.** Disponível em: www.eduteka.org. Acesso em: 18/09/04.

_____. (a). **Tereonomía del webQuest:** una taxonomia de tareas. Disponível em: <http://webquest.sdsu.edu/taskonomy.html>. Acesso em: 18/09/04.

_____. (b). **Webquest:** uma técnica para aprendizagem na rede Internet. Disponível em: http://webquest.futuro.usp.br/artidgos/textos_bernie.html. Acesso em: 18/09/04.

HEIDE, Ann; STILBORNG, Linda. **Guia do professor para a Internet.** 2ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2000.

KLEIMAN, Ângela B. **Os significados do letramento:** uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas: Mercado das letras, 1995.

BRASIL. **Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996.** Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.

LUCKESI, Cipriano C. **Filosofia da educação.** São Paulo: Cortez, 1995

MARCUSCHI, Luiz A. Letramento e oralidade no contexto das práticas sociais e eventos comunicativos. In: SIGNORINI, Inês (Org.). **Investigando a relação oral/escrita e as teorias do letramento.** Campinas: Mercado de letras, 2001.



MERCADO, Luis P. (Org.). **Novas tecnologias na educação**: reflexões sobre a prática. Maceió: EDUFAL, 2002.

_____. **Informática educativa**: tecnologias da informação e comunicação na aprendizagem. Maceió: NEAD/UFAL/2004

MORAN, José M. Ensino e aprendizagem inovadores com tecnologias. **Informática na educação**: teoria & aprendizagem. Porto Alegre: PGIE-UFRGS, 2000. v.3, n.1.

ROSA, Sanny S. **Construtivismo e mudança**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 1996.

SOARES, Magda. **Letramento “um tema em três gêneros”**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

_____. Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura. **Educação e Sociedade**. Campinas, vol. 23, n.81, p. 143-160. dez. 2002. Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em: 14/10/04.

TFOUNI, Leda. **Letramento e alfabetização**. São Paulo: Cortez, 1995.

VALENTE, José A. Educação a distância: uma oportunidade para mudança no ensino. In: MAIA, Carmem (Org.). **Ead.Br**: educação a distância no Brasil na era da Internet. São Paulo: Anhembi/Morumbi, 1999.

A Utilização do Chat como Ferramenta Didática

_____ Luis Paulo Leopoldo Mercado _____

1. Introdução

O chat como ferramenta de comunicação síncrona é um meio com potencial didático a ser estudado. Observamos que, apesar de suas potencialidades na educação, o chat é ainda pouco utilizado nas atividades pedagógicas ou é visto como algo sem uso didático.

Estudos na literatura sobre o uso pedagógico do chat ainda são iniciais; a maior parte desses materiais se limita a assinalar suas características gerais, sem entrar em detalhes sobre suas possibilidades concretas. Assim, faz-se necessário realizar estudos experimentais relacionados com seu uso como ferramenta de comunicação e ferramenta pedagógica, gerando aprendizagem e mecanismos de superação das dificuldades e limitações oferecidas no uso do chat na aprendizagem.

Apresentaremos exemplos de utilização do chat envolvendo: exploração de distintos temas em sala de aula, como internet na educação e educação a distância; avaliação do uso da internet na educação; avaliação do uso da ferramenta chat na sala de aula; chat a partir da leitura de um texto e sugestões de atividades envolvendo o uso pedagógico do chat por professores.

2. O chat como ferramenta didática

O chat permite a comunicação síncrona entre distintas pessoas que se encontrem conectadas em determinado momento. Essa característica



de comunicação simultânea representa uma grande contribuição para a interatividade na educação a distância, pois permite a discussão em rede das tarefas assinaladas, das dúvidas que existam sobre o conteúdo do material e dos projetos em grupo.

Para Prado (2001), este encontro on-line pode caracterizar-se como um momento criativo, construído coletivamente para gerar novas idéias e temas a serem estudados e aprofundados.

A principal característica do chat vem da sua utilização para comunicação em grupo. O chat funciona em um tipo de central (servidor) onde várias pessoas se encontram virtualmente para conversar. O diálogo pode tomar qualquer direção, dependendo do grupo, mas, na maior parte das vezes, as pessoas conversam amenidades. Por isso, o chat fica muito mais próximo da esfera do lúdico e do lazer. Esse sistema permite o anonimato dos participantes, que podem escolher um nome ou mesmo assumir uma identidade qualquer, ou seja, nesse lugar virtual, as pessoas podem assumir um personagem, como se estivessem brincando ou fazendo teatro. A comunicação no chat se dá via texto, como no correio eletrônico – aqui também há uma recuperação da escrita.

A aplicação dessa ferramenta na educação está na possibilidade de compartilhar informações em tempo real (ao mesmo tempo em lugares diferentes), servindo de plataforma para debates, discussões, análise de alguns problemas desde diferentes pontos de vista.

Assim, esse sistema pode ser de grande utilidade para a educação se cumpridas certas condições, como o adequado planejamento e guia por parte do professor, mantendo sempre um grupo importante de detratores, dados seus riscos. Esses riscos se centram nos temas que, em geral, são tratados nestes canais de conversação, na linguagem utilizada ou na má intenção de alguns dos participantes.

Uma interação num chat apresenta as seguintes características, conforme Lazaro (2002):

a) Agilidade nos diálogos – os diálogos produzidos são ágeis e naturais, pois não há lugar para um discurso planejado em um momento eminentemente



coloquial como o do chat, no qual abundam as intervenções curtas devido à ausência de planejamento, e estas se sucedem segundo a marcha do tema, das interferências dos participantes, de suas necessidades de comunicação etc.

Na linguagem oral, em uma conversação de um registro coloquial, observa-se que os interlocutores trocam de tema por outro sem por isso sentirem-se agredidos. É habitual que se esteja comentando um assunto e se introduza outro totalmente diferente do que tenha passado pela cabeça de outro interlocutor. A mudança de tema se faz por meio de diversos recursos lingüísticos e não-lingüísticos que permitem que a conversação continue sem rumo.

No chat, essa superposição de temas também é habitual, produz-se pelas mesmas causas que levam à mudança de tema na conversação coloquial, mas também por questões físicas do canal de transmissão: a tela tem uma extensão concreta e os temas vão se enquadrando perdidos à medida que a tecla *enter* vai enviando mensagens ao ciberespaço com um destino concreto.

b) Simultaneidade – traduz-se em uma ordem linear de aparição das intervenções, o que faz com que, se algum leitor demorar em escrever uma resposta por querer pensar por mais tempo, o rumo de sua intervenção vá ser quebrado, entrando várias mensagens no meio, que, talvez, não tenham nada a ver com sua resposta. Existe a opção de criar uma sala privada, se há interesse especial em manter uma conversa com alguém específico sem ser lida pelos demais participantes. Em um grupo numeroso, numa situação cotidiana, é habitual que se produzam conversas simultâneas sem repercutir no fato de que se mantenha o eixo temático principal da conversação, ou o iniciado em primeiro lugar, já que agora atenda a menos interlocutores.

c) Participação – em um chat, são difíceis de controlar os turnos de palavras quando um grupo é de mais de dois participantes. Não existe nenhum indício de quem vai participar até o momento de a mensagem aparecer na tela. Em uma conversa entre dois atores através da tela do computador, o papel do silêncio se traduz na ausência de textos. É de supor que o interlocutor esteja preparando uma intervenção um pouco mais extensa ou tenha necessidade de um tempo de resposta mais longo, ou pode ocorrer, simplesmente, que as redes demorem alguns segundos a mais em deixar no destino a mensagem. Esse silêncio faz



com que o emissor fique impaciente e trate de interrompê-lo com uma nova mensagem em que parafraseie o dito (o emissor pode pensar que talvez não tenha se expressado bem) ou se estenda em alguma explicação a respeito. Isso se deve a que não se tem emissões de quem escuta, que guie o que se fala de forma evidente, alguns desses reguladores da conversação, retroalimentadores próprios da língua oral, os quais tentam também se intercalar na conversação escrita, precisamente para evitar produzir os vazios que mal-interpretam o desenvolvimento da situação entre os participantes.

As **frases** são curtas e interrompidas devido à agilidade que se trata de imprimir nas intervenções para não perder o turno da palavra. As mensagens longas podem ser enviadas por partes, ou seja, remete-se uma parte enquanto o emissor segue escrevendo o resto da mensagem. Produz-se, lê-se e interpreta-se ao mesmo tempo em que se escreve o resto do texto, sem esperar o final da intervenção, buscando a simultaneidade do ato.

d) Presença de ruídos de comunicação – que se produzem e que se fazem incômodos; há uma intenção de controlar a comunicação com perguntas do tipo: “está aí?” que veríamos escrita como *”esta ahi?????????””, “leu o que acabei de contar?” etc. As intervenções tendem, por este motivo, dentre outros, a ser breves, o que permite o discurso ágil.

e) Falhas ortográficas e estilísticas – é habitual encontrar falhas de ortografia, pela rapidez com que se trata de escrever os textos (que, por suposto, não se revisam). Os acentos gráficos são bastante prejudicados em áreas de agilidade da emissão da mensagem.

f) Ausência de revisão – a ausência de revisão do texto, tanto no plano conceitual como no plano estilístico, é uma das grandes diferenças em relação ao processo habitual da criação de textos. Neste deve ser incluído o processo de escritura de uma mensagem que será enviada por correio eletrônico, já que é muito recomendável que se revise antes de pressionar a tecla *enviar*. Não obstante, o uso tão ágil dessa ferramenta (e-mail), tanto no campo profissional como no pessoal, faz com que tende a criar uma estrutura que rompa com os convencionalismos da linguagem epistolar e cujo registro lingüístico se acerque da linguagem coloquial.



g) Uso de “emotions” – a escrita no chat desenvolveu uma própria simbologia, os já conhecidos *emotions*, que são pequenos conjuntos de caracteres que pretendem transmitir uma emoção ou estado de espírito durante um bate-papo. Conhecidos comumente como *carinhas*, contribuem para enfatizar a parte expressiva da mensagem: (:), :-o, :D, :*, etc.). A intenção em usar esses símbolos é transmitir ao receptor uma reação que, de outra maneira, não seria possível. Assim, temos as gargalhadas, as dúvidas, o choro, inclusive o abraço no ciberespaço. Vide alguns exemplos de *emotions* (Quadro 1)

Quadro 1

Por ser síncrono, o chat gera uma tensão maior, pois o tempo de participação é normalmente dividido entre vários participantes, sendo, portanto, quase sempre limitado. As mensagens também precisam ser curtas o suficiente para serem lidas no espaço exíguo oferecido pelas ferramentas de “bate-papo”.

:-) estou alegre ou sorriso	:-S assunto sigiloso]]’s abraços
:-(estou triste	:-X beijões	:-* com soluços
:-D desconectar sorrindo	(:-) sou careca	:-O bocejando
}:-> sacana	:-x beijinhos	:/i não fume
:-] sorriso sarcástico	P-) sou pirata	:-C inacreditável
;-) piscando o olho	:-# censurado	:-B estou babando
:-P careta c/ a língua p/ fora	-) estou com sono	:- muito desgostoso
8-) uso óculos	?(chorando	:-? lambendo os lábios
(:- K- mensagem formal	-O morrendo de sono	(:-) gargalhada
*(aperto de mão oferecido	<:-) palhaço	(:-\$ doente
*) aperto de mão aceito?	O:-) anjo / inocente	(:-& com raiva
:-) não entendi	:-{) tenho bigode	(:-(muito triste
@&:-) estou confuso	@:-) novo penteado	:-(=) linguarudo
(:-...msg de cortar o coração	:-V gritando	%-) quebrei o óculos
	:-W falando forçado	:-)<* falando várias coisas
	:-)<? não sei responder	



chats se manifestam na linguagem, que costuma ser caracterizada por formas lingüísticas e expressivas bastante simplificadas como abreviaturas (vc em lugar de “você”; tb em lugar de “também”; pq em lugar de ‘porque’) e acrônimos (EMHO para dizer “em minha humilde opinião”).

Trentin (1999, apud Carvajal, 2002) coloca que a interação no chat pode ajudar a mudar as atitudes com respeito à redação, melhorando as habilidades literárias e convertendo-se numa ferramenta social. Este autor desenvolveu um projeto piloto de dois anos de duração cujo objetivo era promover a literatura e incentivar a redação colaborativa de poemas e contos em estudantes italianos de bacharelado.

A escrita no chat é tão importante que pode inibir as pessoas que têm dificuldades de redação. Normalmente na conversação oral, recorremos a elementos do contexto (tom de voz, gestos, a situação em si) para evitar interpretações erradas, confusões ou inferências erradas. Durante a conversação em rede, não dispomos de todos esses mecanismos, o que nos leva a suplantarmos alguns deles por outros, por exemplo, algumas vezes, recorremos aos *emotions*, símbolos como J, utilizados para mostrar algum sentido particular.

Além disso, a velocidade ou lentidão do tipo de usuário se converte em outro elemento que envolve um papel importante durante o desenvolvimento dessa conversação em rede. Às vezes, esse fator ocasiona o rompimento do fluxo da conversação, obrigando a retomar algum ponto, ou simplesmente a mudar de tema, levando a uma interrupção do discurso prévio.

Pallof e Pratt (2002) argumentam que, muitas vezes, a discussão sincrônica via chat não leva a uma discussão ou participação produtiva. Para os autores, o participante com maior facilidade de escrever tende a dominar a discussão, inclusive a sincronia se perde quando a resposta a determinado comentário se dá várias linhas mais tarde. Outro problema surge quando o participante se confunde devido à falta de clareza entre as instruções que guiam o encontro. Mas, para estes autores, se forem respeitados certos pontos, tais como: número de participantes reduzido, clareza nas instruções e atendimento ao horário definido, esse encontro em rede pode ser dinâmico e produtivo, podendo facilitar o intercâmbio de idéias e levar a uma aprendizagem.



O chat é extremamente útil nos processos de tomada de decisão, resolução de problemas, *brainstorming*, criação e fortalecimento de laços sociais; mas, por outro lado, não é adequado a atividades em que se exija tempo maior de reflexão e elaboração de conteúdos mais complexos.

A sensação de presença social existe, já que acontece em tempo real (há alguém ao vivo do outro lado da tela), vivencia-se uma experiência de fluxo, na qual a ação e atenção caminham juntas; não se percebe o tempo passar e o engajamento é profundo.

O chat, quando utilizado para fins educativos, apresenta algumas limitações, como: não é adequado a exposições longas e palestras; participantes que morem em regiões com diferentes fusos horários, ou os que só podem acessar a Internet em horários diferenciados; grupos muito grandes e não moderados; participantes com baixa habilidade de digitação, pouca familiaridade com o ferramental, dificuldade em digitar e simultaneamente ler as mensagens na tela. (CHAVES, 2002)

Oeiras (2002) aborda as dificuldades para a realização de muitas atividades, principalmente as que envolvem discussão de algum tema específico. A representação seqüencial de mensagens propicia o aparecimento de diversos problemas relacionados à administração de discursos. Vários participantes podem enviar mensagens simultaneamente, ocasionando o rompimento do controle da sessão e resultando em tópicos paralelos. Assim, torna-se complexo acompanhar uma discussão, pois surgem conversas paralelas e é necessário que o aluno faça, mentalmente, as ligações coesivas entre os enunciados de uma mesma conversa.

Chaves (2002) apresenta algumas dicas úteis para um bom chat em aula presencial ou a distância: planeje a agenda de discussão do chat com antecedência e envie a pauta a todos os participantes via e-mail, por exemplo. Assegure-se de que todos tomaram conhecimento do(s) horário(s) do evento; o assunto a ser discutido e que, preferencialmente, tenham acessado e lido materiais importantes para a discussão(caso seja necessário); realize chats de 60 a 90 minutos no máximo, por sessão. Uma dinâmica que pode ser utilizada em um chat estruturado é dividir os participantes em grupos pequenos, que assíncrona ou sincronicamente podem, com



antecedência, preparar um material para discussão com questões a serem colocadas para o grupo todo no chat. Por exemplo, numa turma de 20 participantes, 5 grupos de 4 pessoas: em cada sessão de chat, um grupo teria um tempo determinado para suas colocações, antecedido de uma abertura pelo moderador com a pauta do debate e suas regras. Após a colocação do grupo, se abriria o chat para discussão geral com todos os participantes e pode-se convidar um palestrante para um chat tipo “roda viva”. Esse profissional seria alguém especialista na área do tema em discussão, que pudesse responder dúvidas, motivar os alunos e aprofundar questões, introduzir uma nova visão sobre o tema discutido. O ideal seria que, antes do chat, os participantes pudessem ler artigos, comentários do convidado; salvar a sessão do chat, disponibilizando-a de forma assíncrona (e-mail, página Web) para quem não pode comparecer ou queira rever a discussão.

3. Atividades envolvendo a interatividade propiciada pelo chat em contextos de formação de professores

Na atualidade, quase todos os pesquisadores têm acesso à Internet, tendo a possibilidade de conhecer, com rapidez, o trabalho de outros colegas na outra ponta do mundo, ou consultar outros especialistas sobre a estratégia de investigação que vai desenvolver numa próxima investigação. Desse modo, é possível participar diretamente em todo o processo de criação de uma idéia ou um invento. Outra importante melhora introduzida pela Internet, do ponto de vista científico, é o trabalho em grupo, mas a distância (DUART, 2000; SANGRÁ, 2000; HARASIM et al., 2000).

As possibilidades de comunicação que a Internet oferece a qualquer pessoa ou grupo, sem importar as distâncias, permitem trocas rápidas e econômicas de todo o tipo de informação (texto, imagens, vídeos etc.), repercutindo também no sistema educacional.

A Internet facilita a comunicação entre as pessoas, empresas e instituições mediante diversos sistemas, que podem gerenciar a transmissão de textos e arquivos de todo o tipo, assim como a comunicação mediante voz e imagens em tempo real.



Podemos realizar vários tipos de comunicação via chat com finalidade pedagógica, dentre estas temos:

a) Encontros eletrônicos com especialista – interação pontual com objetivo de discutir um tema com um especialista da área. É necessário uma preparação prévia das discussões que serão realizadas. O trecho do chat abaixo foi extraído da sessão realizada em 08/03/03, com alunos da disciplina da Metodologia do Ensino Superior II do Curso de Especialização em Docência no Ensino Superior do Centro de Estudos Superiores de Maceió e partiu da proposta de discutir o tema Educação a distância (EAD): possibilidades e limites na docência no ensino superior. A discussão partiu de um filme sobre as diversas tecnologias da informação e da comunicação na educação a distância, visita em sites de cursos disponibilizados na Internet. O chat iniciou com a pergunta: você acredita numa aprendizagem a distância? Existe uma construção do conhecimento neste ensino? (Quadro 2)

Quadro 2

(08:48:41) Lais e Veronica fala para Professor: sim, pq a construcao do conhecimento esta ligada a motivacao do aluno... (08:49:02) she-ha/he-man fala para Professor: A aprendizagem à distancia merece crédito, até pq é realizada para um público específico. (08:52:52) vit@l czt & josman reservadamente fala para Professor: Sim, ao nosso ver a EAD adicionou novos significados para a aprendizagem e as possibilidades para entrega de conhecimento e informacao para os estudantes. Abriu um novo mundo para a transferencia de conhecimentos, vemos que a educacao ON LINE veio para ficar. (08:53:26) Professor: A discussão está interessante, pelas falas c olocadas a EAD é uma realidade e dependendo da forma como o curso está construído, pode levar a uma construção do conhecimento. Esta construção vai acontecer se o curso tiver atividades e propostas que exijam do aluno pensar e relacionar com situações concretas. (08:56:54) vit@l czt & josman grita com TODOS: Vemos que a parte interessante do curso EAD eh a diversidade no uso das diversas midias e a questao do tempo. (08:57:34) kk & jojo reservadamente fala para Professor: os recursos utilizados permite o acesso a muitas informações, porém, o acumulo de conhecimentos sem um direcionamento poderá ocasionar um desvio de conhecimento. (08:58:22) vit@l czt & josman grita com Professor: Vemos que a parte interessante do curso EAD eh a diversidade no uso das diversas midias e a questao do tempo, ou seja podemos adequa-lo de acordo com a disponibilidade. A parte desinteressante o alto custo dos equipamentos. (08:58:34) ada e antonio responde para Professor: Para quem ja tem um conhecimento prévio o ensino à distancia é grandioso. Mas precisamos saber lidar com as diferenças culturais. Como lidar com seres humanos que nao sabem sequer o que é telefone imaginemos o que seja internet?.



(08:59:03) andrea e ana paula fala para Professor: o conhecimento pode ser adquirido de várias formas, e o universo de aprendizagem se torna mais extenso e atrativo, e o que não é interessante é a falta de socialização que as aulas presenciais proporcionam. (08:59:05) Lais e Veronica fala para Professor: A EAD possibilita aquisição de conhecimento de uma forma mais abrangente dando autonomia ao aluno p/ navegar na direção do seu interesse.... Mas se esse conhecimento não for bem direcionado acaba se dando uma evasão e consequentemente o resultado será negativo....

b) Tutoria – interação continuada entre um especialista e um ou mais alunos sobre um tema específico, numa disciplina ou num curso, em que o aluno necessita ajuda acadêmica e acompanhamento na realização das etapas propostas. O extrato do chat abaixo transcrito, realizado no dia 29/07/03, no Curso *Estratégia e Tomada de Decisões para EAD*, promovido pela UNISUL nos mostra como é uma tutoria via chat. (Quadro 3)

Quadro 3

(21:40:27) Aluno Fabio: Estou tentando finalizar “minhas tarefas”. encontrei dificuldades nas pesquisas sobre “questões da tecnologia” e dos custos. Professora, espero que a conexão te deixe plugada. Sobre a rede: parece ser um problema em nossos cursos. (21:42:11) Tutora - Pois Fabio, o seu problema é comum a muitos, pesquisar os custos. Com este curso percebi que temos um nicho de mercado a atender, já pensou um portal com informações sobre fornecedores de EAD (21:42:23) Aluno Fabio - Eu fiquei encantado com o material enviado. O texto é muito bom. Eu aprendi bastante. Tenho certeza de que minhas opiniões a dimensão do EaD não é a mesma. (21:43:51) Tutora - Que bom que você está aproveitando e gostando dos materiais. Quanto à rede, é bom deixar claro que quando digo nossa rede, falo em termos de Brasil. (21:44:02) Aluno Fabio - E, acho que a instituição que trabalho seria um cliente em potencial do portal. Falta informações sobre os custos e os recursos. (21:45:29) Tutora - Pois verifiquei que a dificuldade para muitos ficou na hora de realizar esta pesquisa. Mas por outro lado não concebo a imagem de um estrategista e tomador de decisão que não pesquisa estas referências. você não concorda..(21:49:44) Aluno Fabio - Sobre a rede. A Senhora tem parâmetros de outros países Como é o funcionamento da rede na Espanha, por exemplo. Sobre o estrategista e a pesquisa. Li hoje na revista “@prender virtual” que não podemos tomar decisão sem referências de pesquisas. Concordo com a Senhora. Portanto, a instituição que quer investir em EaD precisa de uma equipe capaz de pensar, pesquisar, produzir e entender o significado e as perspectivas da EaD. E esse o caminho. O material que consultamos durante o curso reforça a importância da equipe de trabalho. (21:51:14) Aluno Fabio - Desculpa, e uma pergunta. E esse o caminho Sobre equipe, pesquisa....(a afirmação feita anteriormente). (21:53:40) Tutora - Sobre a rede em outros países, pelo que tenho certeza funciona bem em países como EUA, Canadá, Austrália, Suíça. Na Espanha é



Europa quando por lá estive no final de 1999, te falo que achei bem lenta, mas estavam tomando ações para melhorar. Veja só, aqui em casa tenho Net Verta e mesmo assim, hoje foi difícil. Quanto à equipe de trabalho, a EAD sem ela não de nada, pois são muitas as funções. Por exemplo, aonde eu trabalho, na unisul virtual acompanho o trabalho de outros colegas da equipe e todo dia alguma pesquisa de fornecedor e custos de equipamentos esta sendo feita. (21:56:49) Tutora - Desculpe citar a Suíça, e depois a Europa como duas coisas, mas o texto saiu assim... (21:59:39) Tutora - Veja que nas ferramentas síncronas, como este plugados, o improvisado e que rege o andamento. A digitação precisa ser precisa, mas como somos humanos, estamos fadados a erros. Mas já que estamos por hora dialogando entre nos. Me fale sobre a sua instituição, vocês estão implantando ou já possuem cursos na modalidade EAD. (22:00:05) Aluno Fabio - Professora, e uma dica interessante. Percebo que não existe solução simples para problemas complexos. Talvez esteja aí o fracasso de projetos em EaD. No UNISAL, perguntaram: quanto custa um projeto de EaD Não conheciam o impacto, as possibilidades e a dimensão do EaD. Por exemplo. Acho muito importante a UNISUL conciliar projetos mistos - material impresso e aprendizado no ambiente virtual. A UNISU diversifica as mídias. O que quero dizer: não podemos quantificar o EaD sem saber o que queremos, qual o objetivo, qual o público. Acompanhar diariamente os custos e uma demonstração de seriedade. Do UNISAL temos 2 pessoas fazendo o curso. Acredito que temos uma missão: apontar caminhos, sensibilizar. (22:03:30) Tutora - Fabio, uma instituição assumir a EAD e uma questão de mudança de cultura. Realmente precisa de tempo, vocês estão no caminho certo, primeiro precisam formar agentes multiplicadores da idéia, convencer uma boa parte do grupo e aí aos poucos realizar a aquisição da tecnologia... (22:04:46) Tutora - Sem duvida, e interessante realizar um bom planejamento estratégico, saber aonde se espera ir, a quem atender, o que fazer, o que comprar pronto, etc. (22:08:58) Tutora - Sem duvida Fabio, quando a gente percebe a dimensão de coisas que envolver oferecer serviço educacional a distancia, verifica a necessidade do planejamento, da pesquisa, do design, da produção dos materiais, do apoio e suporte ao aluno e tecnologias. (22:10:13) Tutora - Oi Verônica, estamos falando sobre a experiência do Fabio e a implantação da EAD da instituição dele, junto com os princípios da EAD, e isso Fábio. (22:12:21) Aluno Verônica – tenho experiência com EAD, mais com material impresso e uma proposta pedagógica bem articulada que de conta da distancia , o que nem sempre acontece quando ficamos na expectativa de responder pela Internet o material tem que ser auto-explicativo para isso. (22:15:50) Aluno Fabio - Verônica. E interessante perceber que o EaD modifica a concepção de produção do material impresso. Não é o mesmo que escrever uma apostila para o ensino presencial ou um artigo para uma revista. Estou correta As IES precisam formar e investir em pedagogos que pensem no “perfil” do material e na metodologia de ensino. (22:16:18) Aluno Verônica - neste curso tenho muitas dificuldades para conseguir acompanhar a proposta pedagógica, minhas expectativas e os recursos tecnológicos. (22:17:31) Tutora - Verônica, me fale mais das dificuldades para melhor entendê-la. (22:19:07) Aluno Verônica - o material impressos tem uma proposta, apos ler não consigo desenvolver as atividades por falta de conhecimento não solicitados na inscrição ou mesmo por discordar de algumas coisas.



(22:22:29) Tutora - Pois então, primeiro você deveria rever o objetivo do curso, perceber que ele é voltada para o projetista, estrategista, tomador de decisões. A dinâmica do curso pressupõe leitura para contextualização do assunto, e como atividade (formulário) propõe que você realize um projeto voltado para uma instituição, aonde parte disto implica em conhecer o que tem ou que não tem... (22:23:47) Aluno Verônica - para que quer trabalhar com EAD ter formação para elaborar material didático para qualquer mídia é uma questão indispensável, algumas pessoas confundem material para aula presencial ou de apoio com material para EAD que tem características própria e que faz a mediação neste processo. (22:26:46) Tutora - depois propõe pesquisa de equipamentos e recursos, e assim vai estruturando e afinando suas decisões. Mas me diga, você ao acompanhar as unidades on-line não percebe também as instruções auto-explicativas. (22:26:53) Aluno Verônica - temos recursos tecnológicos e formação para professores e tutores em ead e conheço os recursos da nossa instituição, mais determinados tipos de atividades os bolsistas podem fazer ou seja levantamento de preço, mas analise destes dados ai sim acredito que seja do estrategista. (22:28:29) Tutora - O que você acha Fábio. (22:28:43) Aluno Fabio - Verônica. Acho que eu era uma dessas pessoas que confundiam as coisas. O texto do curso explica a característica do material impresso, a preocupação que devemos ter com a redação. A necessidade do texto provocar o aluno em relação à auto-aprendizagem. Tua afirmação reforça essa perspectiva. (22:29:13) Aluno Verônica - A minha tendência e o material impresso, gosto de objetividade quero ler um material que possa fazer correlação, ler um texto do México e sair à caça de informações. (22:33:00) Tutora - Pelo que você está dizendo você já tem um modelo estruturado do que é EAD. Te digo que existe várias verdades, diversas formas de realizar o processo de aprendizagem. Quando comecei a realizar este projeto, por ser muito nacionalista, também inicialmente me muni de muitas pedras, mas resolvi flexibilizar, e hoje acredito que estudar a partir da realidade de um outro País promove um colorido diferente, E que cabe nos, alunos e professores construirmos juntos a realidade do nosso País. Veja que nas participações no Fórum e, Galeria, foi isso que se deu. (22:36:02) Aluno Fabio - Bom, o material impresso do curso e objetivo, mesmo assim, provocam a reflexão. O que é bom. Estou contente com o material. Estou com dificuldades para terminar de responder os questionários, pois nunca trabalhei com esse tipo de informações. Mas se pretendo ser um estrategista em EaD, tenho que pesquisar e conhecer mais sobre as questões de custo, tecnologia.... (a intenção e opinar sobre o curso). (22:39:49) Tutora - Verônica acho que fui objetiva demais, me perdoe às palavras tão diretas. Mas entenda que o Curso em si, claro como outro qualquer tem aspectos positivos e outros nem tanto. Para mim o importante é aproveitarmos a oportunidade de estarmos reunidos neste entorno.

c) Desafio colaborativo – através da internet é possível que os estudantes trabalhem em torno de um desafio ou a resolução de um problema, usando recursos como cartas de correio eletrônico, encontrando-se no chat ou compartilhando informações numa lista de interesses. O desafio pode ser



bastante amplo, posto que pode envolver desde a resolução de um problema até o planejamento de soluções a um problema real da comunidade. Os estudantes aprendem a trabalhar com outros para alcançar um objetivo comum e descobrem que a cooperação pode ser uma opção viável para a resolução de conflitos ou problemas.

Os alunos de diversas escolas realizam projetos conjuntos, coordenando seu trabalho através do chat. A realização de debates entre alunos de diversas escolas e/ou países constitui outra atividade de grande riqueza educativa. (MOREIRA, 2002).

Abaixo transcrevemos um trecho do chat realizado no dia 10/10/02 pelos alunos dos Cursos de Pedagogia, Matemática e Psicologia, na disciplina Informática Educativa da Universidade Federal de Alagoas, no qual um desafio é lançado. (Quadro 4)

Quadro 4

(11:28:30) lucimar/luciana *fala para* Professor: Hoje estamos passando um momento de transição com relação ao ensino da matemática. Requer que seja ensinado matemática com significado, mas temos diante de nós enormes dificuldades: na nossa própria formação(tradicional), falta de estrutura na escola pública. Sabemos que apesar disto precisamos estudar para nos atualizarmos, mas isto significa um sacrifício pessoal. Isso nos leva a pensar em desistir da profissão. (11:30:35) rosselin/cristiane *fala para* Professor: Como podemos trabalhar utilizando o banco de dados da internet se o governo não investe em educação, existe alguma pressão da comunidade acadêmica para que a aula virtual faça parte do processo ensino/aprendizagem?

d) Debate a partir de um tema – os professores discutem em grupo tema relacionado com o ensino, através do qual trocam suas opiniões sobre temas relacionados à docência e, nesse caso, pedem ajuda sobre determinadas temáticas aos colegas. Dessa maneira, é possível aproveitar o chat para estabelecer contatos concretos de trabalho com professores e alunos de outros estabelecimentos. Esses contatos se concretizam em “projetos colaborativos” que têm como objetivo compartilhar experiências sobre a base de um ou mais conteúdos, até gerar, finalmente, conhecimentos em forma conjunta.



O extrato do chat abaixo mostra-nos o debate resultante da atividade envolvendo a exploração e debate do tema Internet na Educação, realizado no dia 27/09/02, pelos alunos do Mestrado em Educação Brasileira, da Universidade Federal de Alagoas. (Quadro 5)

Quadro 5

(16:30:54) Professor: Vamos iniciar nossa interação sobre o tema Internet na Educação. Inicialmente gostaria que vocês escrevessem sobre como foi a experiência de ter usado a Internet e que perspectivas vêem no uso na educação. (16:33:30) magda fala para Professor: A experiência é sempre agradável pq traz o sabor da novidade e da interação possibilitando um momento muito agradável de discussão. (16:36:18) amelzia sorri para TODOS: Mesmo para os estudos, pesquisas, sinto que minha curiosidade é pouca. Sou da cultura livresca. São raras as vezes que conecto com a rede. É algo que estou em busca de mudanças. (16:36:35) irailde: possibilita romper com a aula enquanto transmissão do conhecimento, viabiliza a pesquisa. (16:36:36) Severina: Amelzia, sinto que a internet, por um lado, veio crescer também frustrações pois tenho pouco tempo para ela e também ainda é uma ferramenta car... (16:37:39) Professor fala para magda: como lidar com a frustração de não encontrarmos o que procuramos na Internet ou de não termos tempo para fazer estas buscas?. (16:38:29) magda fala para Professor: Acredito que nada de efetivo acontece se não houver primeiramente uma intenção/propósito e um planejamento para que haja uma aprendizagem significativa. (16:39:12) Severina: para mim a internet tem possibilitado realmente muitas informações e também acesso aos livros também... (16:41:18) amelzia sorri para TODOS: Vejo adolescente e jovens têm muita curiosidade e vão aprendendo com mais facilidade tanto para utilizar e aprender, manter contatos, etc. (16:43:02) magda fala para Professor: De fato a frustração é algo q incomoda, principalmente pq não sinto nenhuma atração pelo uso da internet e tenho muito mais intimidade com o livro. Gosto de grifar, sou detalhista e não acompanho a velocidade e o ritmo virtual. Esse é um dos motivos pelos quais rejeito sempre que posso seu uso, apesar de saber de sua importância vital. (16:45:04) Professor fala para magda: diante dessa situação, como conviver com estas possibilidades? (16:46:37) Professor fala para magda: severina e magda estão colocando um ponto muito importante, que é o texto escrito diante do texto digital. Em nenhum momento se discute a extinção de um em detrimento do outro e sim as possibilidades de termos os dois num mesmo contexto. ea e precia. (16:47:16) Severina: Amelzia, concordo com a questão “o mundo parece pequeno” também me preocupa a falta de acesso só que dentro de uma biblioteca o mundo também fica pequeno, vc acha?. (16:47:37) magda fala para Professor: Não há como retroceder. É uma questão de adaptação, a qual, na medida do possível, estou buscando. Acredito q não desenvolverei o prazer mas farei uso como instrumento mediador, por necessidade. (16:48:22) Professor fala para magda: a partir da necessidade precisamos buscar formas prazerosas de atingir o que se busca. (16:49:04) amelzia sorri para TODOS: O texto escrito é nossa praia. Foi um aprendizado ter prazer pela leitura e pelo estudo. Certamente esta possibilidade surgirá com este novo aprendizado com a informática.



e) Aula virtual – o chat se converte em um espaço de encontros virtuais para discutir as tarefas, construir um texto, rediscutir um projeto, realizar trabalhos ou promover o intercâmbio de idéias sobre algum tema. A possibilidade de termos várias pessoas em vários lugares, a partir de computadores interligados em rede, permite criar uma comunidade virtual. O chat seria um exemplo desse tipo de comunidade, devido à sua capacidade para promover o sentimento de pertencer e estar num grupo na medida em que conversam ou discutem sobre assuntos comuns. A capacidade de interação grupal dá lugar a distintas formas de aprendizagem colaborativa e nela os estudantes trabalham em equipe ajudando-se reciprocamente.

As discussões grupais que se realizam através do chat constituem uma das categorias de atividades grupais que exigem uma tomada de decisões conjunta e a resolução criativa de um problema.

Algumas atividades em grupo oferecem muitos benefícios, mas também existem algumas desvantagens, como a distração dos participantes do grupo, fugindo da temática proposta e entrando em conversas sem propósito, reforçando a mediocridade, incrementando a ansiedade, provocando enfrentamentos culturais. Nessas interações, é fundamental o papel moderador do professor ou de quem estiver assim responsável: controlar a situação e as trocas entre os alunos, examinar os elementos que possam estar produzindo confusão ou se distanciando do foco principal, sugerir vias alternativas de discussão.

No registro do chat abaixo, realizado no dia 25/01/03 pelos alunos da disciplina Metodologia do Ensino Superior II do Curso de Especialização em Docência no Ensino Superior do Centro de Estudos Superiores de Maceió, temos uma aula discutida online, a partir da leitura do texto *Ensinar no século 21* de Alvin e Heidi Tofler, publicado na Folha de São Paulo de 08/03/1998 e disponível no site: www.folha.com.br. (Quadro 6)

Quadro 6

(16:41:33) Professor fala para Todos - Na leitura do texto Ensinar o século 21, os autores Heide e Alvin Tofler colocam cinco elementos necessários para uma educação no século 21: informática, mídia, pais, comunidade e professores. Vocês concordam com a escolha destes



elementos? Que relações trazem ao nosso contexto de docência?. (16:42:34) Everton Fabiano fala para Professor - MUDA O PAPEL DO PROFESSOR E DO ALUNO NO PROCESSO DE APRENDIZADO. (16:44:46) Everton Fabiano fala para Professor - PROFESSOR PASSA A SER UM ORIENTADOR NO QUE SE REFERE A SELECIONAR INFORMAÇÃO E TRANSMITIR-LA DE MODO ATRAENTE E ORGANIZADO, FAZENDO USO DA TECNOLOGIA ATUAL. (16:45:45) isabel / lenilce fala para Everton Fabiano - o prof. tem que estar preparado p/ usar nova tecnologias e incentivar os alunos a fazê-lo. (16:46:12) Professor fala para Everton Fabiano - Esse é um papel interessante e difícil de fazermos, mas é fundamental para estarmos na docência hoje. (16:46:32) dupla12- fala para Todos - temos dificuldade de gerenciar as informações que são passadas no bate-papo. (16:46:30) Everton Fabiano fala para Professor - ALEM DE ENSINAR A SELECIONAR INFORMAÇÕES O ALUNO PASSA A SER EXIGIDO NO SENTIDO DE FILTRAR AS INFORMAÇÕES E EFETUAR SUA PRÓPRIA SELEÇÃO DE ACORDO COM SEUS INTERESSES. (16:47:26) Everton Fabiano fala para isabel / lenilce - DEVE CONSTAR NA FORMAÇÃO DO PROFESSOR, JÁ NA UNIVERSIDADE.. (16:47:37) Professor fala para leila e alexandre - Investir em tecnologias só tem sentido se acompanhada de mudanças inovadoras nas práticas de sala de aula e nos currículos dos cursos. Somente comprar máquinas levará a uma situação: para que usá-las se não sabemos como?. (16:48:47) isabel / lenilce fala para lucymeire - vc acha que o prof. da rede pública está capacitado p/ as novas tecnologias, conforme o governo deseja? (16:48:58) isabel / lenilce fala para lucymeire - vc acha que o prof. da rede pública está capacitado p/ as novas tecnologias, conforme o governo deseja?. (16:49:12) Juliana e Armando fala para aline e jonólia - Bem, no que entendemos sobre o texto e claro que concordamos, é que só investir em equipamento colocando nas salas de aulas um computador, sem que haja um planejamento não faz sentido. (16:49:12) vania e ironaldo fala para Everton Fabiano - Vocês acham que a dificuldade para introdução de novas tecnologias na escola pública resolveria se todas tivessem apenas os equipamentos e educadores treinados?. (16:49:48) DUPLA3 comenta com Todos - ACHAMOS QUE AS NOVAS TECNOLOGIAS PROPOSTAS PARA O ENSINO DO SÉCULO 21, NÃO CONDIZ COM A REALIDADE... , POIS EM ESCOLAS QUE AS VEZES POSSUEM MÁQUINAS NÃO TEM PESSOAS CAPACITADAS PARA OPERÁ-LAS. (16:50:01) dupla12- fala para Carol e Carla - sim.PQ? (16:50:19) dupla 10 fala para Todos - O texto, como os próprios autores afirmam, apresenta um projeto utópico para a realidade brasileira. Pois, num país que a grande massa supervaloriza apenas futebol, pagode e carnaval, torna-se difícil implantar certos valores. A começar pela Educação, que é muito desvalorizada, tanto quanto aos salários dos professores, ao desenvolvimento da pesquisa e principalmente a seriedade das pesquisas no país, sem atender a ideologias somente dominantes. O texto é muito interessante quanto utópico. (16:50:30) Everton Fabiano fala para Professor - Ó INVESTIMENTO EM TECNOLOGIA SÓ TEM SENTIDO SE VIER ACOMPANHADO DE UM INVESTIMENTO, ATUALIZAÇÃO, DO PESSOAL QUE VAI SERVIR DE DOCENTE PARA DIFUNDIR A UTILIZAÇÃO DESSES RECURSOS. (16:50:48) Juliana e Armando fala para aline e jonólia - Quando falamos em planejamento,



incluir-se também treinamento do professores e preparação dos alunos para aceitarem mudanças tão radicais. (16:50:58) Arli e Alinne fala para Professor, como seria na prática esse lugar onde as crianças trabalhariam de verdade na conquista de um melhor aprendizado?. (16:52:03) aline e jonólia fala para Professor - a utilização das novas tecnologias, continuam a ser reflexo de uma disparidade social, que mesmo tendo um acompanhamento educativo, sua inserção nas escolas será fadada a um enfeite institucional?. (16:53:25) leila e alexandre fala para Professor - então que conclusão .poderíamos almejar um maior aprendizado para o aluno a partir de situações concretas na sua comunidade incentivando a habilidades básicas, fazendo com que a educação saia mais da paredes de tijolo. (16:54:26) Carol e Carla fala para Todos - O QUE VCS ACHAM DA INTRODUÇÃO DA INFORMÁTICA NA EDUCAÇÃO INSERIDA NA ATUAL CONJUNTURA DE NOSSO PAÍS?. (16:56:33) Hanah, Marci e Eli fala para Todos - voltando ao assunto ..., o que vcs acham do aproveitamento nas comunidades?. (16:56:55) lucymeire fala para Everton Fabiano - o texto enfatiza a realidade da educação?. (16:57:25) Professor fala para Arli e Alinne - Que sugestões podemos trazer para diminuir as dificuldades do acesso as tecnologias e na incorporação da mesma nas nossas aulas?. (16:57:32) isabel / lenilce fala para Neto (sem dupla) - lembre que o pessoal carente tem que ser preparado p/ o mercado de trab. que exige conhecimento e habilidade p/ lidar c/ o computador. (16:57:47) DUPLA3 pergunta para o Professor - O TEXTO RESSALTA QUE UM DOS OBJETIVOS DA EDUCAÇÃO É O DE SIMULAR NA SALA DE AULA , A VIDA REAL DOS ALUNOS NO FUTURO. COMO EXECUTAR ESSA TAREFA?. (16:57:54) Juliana e Armando fala para Neto (sem dupla) - A prefeitura entra com a sala de aula na escola publica e a telemar entra com a doação dos equipamento e móveis para a sala, entra também com acesso gratuito com banda larga e internet . (16:58:50) Professor fala para Arli e Alinne - O projeto Telemar apontado pela dupla Juliana e Armando é uma experiência pioneira do uso da internet na escola e permitiu a inclusão digital de alunos carentes na escola envolvida.....(16:58:51) clauimir fala para isabel / lenilce - voces acham que muitos professores sabem menos sobre uso de computador do que os alunos?. (16:59:28) Juliana e Armando fala para Neto (sem dupla) - Na cidade de Murici participamos da implantação desse projeto e vimos a satisfação das crianças, que nunca tinham visto um computador e nem tão pouco a internet ficarem maravilhados. (17:00:04) Everton Fabiano fala para Professor - O investimento nao pode ser só em maquinas, tem deser tambem na atualizacao da populacao. (17:00:10) Professor fala para DUPLA3 - fazendo articulações com a vida cotidiana, com o nosso dia-a-dia, organizando conteúdos curriculares que contemplem esta realidade. (17:02:30) lucymeire fala para Everton Fabiano - nao ha resistencia mas sim falta de iniciativa. (17:03:03) Arli e Alinne fala para Todos - Seria ótimo e necessario a participacao de outras empresas no mesmo projeto. (17:03:17) Everton Fabiano fala para clauimir - Investimento em atualizacao tecnologica e educacional. Arté que uma consciencia seja formada. (17:03:18) Hanah, Marci e Eli fala para Todos - acreditamos que as coisas ainda estão longe da perfeição. Enquanto as pessoas não derem valor à educação como um bem precioso, não poderemos ter uma melhoria social. (17:04:30) aline e jonólia fala para Professor - As dificuldades existem... mas é necessário um amparato educacional e social para



defendermos a inclusão dos indivíduos na renda nacional, e não permitir o acesso sem inserir estes em um plano maior... (17:04:46) leila e alexandre fala para Todos - a mudança haverá quando o problema for de todos. (17:05:16) Everton Fabiano fala para Professor - Solução = Liberdade + educação + desconforto. (17:05:47) Arli e Alinne fala para Todos - Pessoal, o uso da tecnologia é importantíssimo,mas devemos lembrar que as escolas tem carencia de quadro e giz, quanto mais de computadores...(17:06:19) aline e jonólia fala para leila e alexandre - o problema nunca será de todos, mas o problema é vigente, resolve-lo ou adiar?. (17:07:58) Professor fala para Todos - Pessoal, pela discussão vimos muitas dificuldades e muitos problemas no no cenário educacional proposto pelos autores do texto. A realidade brasileira está longe do contexto americano trazido no texto, mas não está a parte do que acontece. Existem experiências acontecendo e existem práticas se estabelecendo. Precisamos ver os pontos positivos e o que de qualidade podemos trazer para a nossa prática. (17:09:14) aline e jonólia fala para Todos - algumas soluções já foram tomadas em rede pública, como direcionar a compra do material necessario da escola na mão dos diretores e do conselho escolar, porque os diretores, os professores e a comunidade não prima por essa inovação em sala de aula?.

f) Avaliação – pode-se utilizar o chat para avaliar formativamente os grupos ou cada aluno, pois cada encontro pode ser gravado. Nesses registros o professor poderá avaliar o desempenho dos alunos e seu próprio desempenho nessa interação e revisar seu desempenho, traçando novas estratégias para os próximos encontros virtuais. Na avaliação, o professor prepara uma série de perguntas e as coloca durante a realização da sessão de chat. Todos os participantes respondem e, ao mesmo tempo, podem fazer observações sobre os comentários expressados pelos demais alunos.

No trecho do chat abaixo, realizado no dia 08/03/03 pelos alunos disciplina Metodologia do Ensino Superior II do Curso de Especialização em Docência no Ensino Superior, do Centro de Estudos Superiores de Maceió, temos o registro de uma atividade envolvendo uma avaliação do uso da ferramenta chat na sala de aula. Partiu da seguinte problematização: pode-se trabalhar com um papo educacional em uma sala de chat?. Apresenta sugestões a respeito de como um professor poderia usar grupos de discussão e listas de distribuição da internet na sala de aula, como um recurso para o próprio professor ou para uma atividade com os alunos. Para essa atividade, devem simular que são professores participantes de várias regiões do país. Eles devem se comunicar usando somente o chat e não falar em voz alta. (Quadro 7)



Quadro 7

(09:05:39) Professor: Pessoal, já deu para sentir o clima de uma interação no chat. Vamos agora para a etapa final desta atividade que é dizer se acharam esta ferramenta (Chat) interessante e dizer como usariam na sua aula presencial ou numa aula a distância. (09:07:15) Josenil e Luiz Car: o chat é muito interessante, que deve ser uma ferramenta no processo de ensino /aprendizagem. (09:08:35) BRÍCIO/FÁTIMA pergunta para Professor: O chat, professor é um momento de grande interação e satisfação do usuário. (09:08:45) vit@l & risoleta fala com Professor: Achamos interessante ateh demais, jamais utilizei para discursao sobre tema isolado, tentaremos nas proximas navegadas, escolhermos temas com enfase em educacao superior, pois soh achavamos que Chat só servia para abobrinhas. Valeu professor. (09:08:48) ada e antonio responde para Professor: Usaria sempre utilizando e incentivando a pesquisa, a organizacao metodologica do conhecimento e , na medida do possivel, para propiciar novas formas de interacao social. (09:08:56) andrea e ana paula fala para Professor: o chat é interessante,mais é preciso que o docente trace suas estratégias e objetivos para que o resultado seja alcançado. (09:12:02) cesar: o chat e bem interessante, so que precisa de uma coordenacao que organize os dialogos, se nao hah uma poluicao visual. (09:12:25) rosilene/margarida *fala para* Professor: É de suma importância o processo de aprendizagem, sendo vivenciado de forma interativa.Obrigada. (09:15:49) lucila *sorri para* Professor: aula torna-se dinâmica e rica possibilitando contato com várias opiniões ao mesmo tempo ‘ seria usada esta técnica no laboratório como este. (09:16:18) sonia: A ferramenta (Chat) com certeza além de interessante para a comunicação de um grupo independente de ser dentro da prática pedagógica; tanto na sala de aula presencial como na aula a distância. Com certeza o docente como o discente se não se atualizar na área/informática ficará marginalizado. Enfatizamos ainda a praticidade e eficiência de aplicarmos nas práticas pedagógicas o arsenal disponível para aprendizagem.

g) Intercâmbios pessoais – muitos projetos utilizam a Internet para que os alunos ou grupos de alunos de diversos cursos da mesma escola, de outra escola do país ou de diversos países do mundo possam “falar” eletronicamente com outros estudantes, professores, especialistas ou outro tipo de “entidades”. Os intercâmbios podem ser indivíduo-a-indivíduo, indivíduo-a-grupo ou grupo-a-grupo. Os tipos mais frequentes de projetos dessa categoria são: a correspondência escolar, as aulas globais, as “aparições especiais” eletrônicas, os serviços de perguntas e respostas e a representação de personagens. É muito atrativo e motivador para os alunos conhecerem outras culturas, acercarem-se delas e compartilhar experiências, trabalhos e projetos. Os estudantes se comunicam mediante correio eletrônico com estudantes de outros lugares.



Na sala de aula, preparam os textos (sons e imagens) que pensam enviar e mostram sua revisão para o professor, transmitindo-os por correio eletrônico. Dessa maneira, conhecem outras realidades e praticam outros idiomas. Um exemplo desse tipo pode ser a experiência em que os grupos participantes, pertencentes a realidades culturais diferentes, se informam e refletem sobre sua própria identidade cultural, para, daí, conhecer o resto, confrontando sua visão com a imagem que os demais têm sobre esta. Aprendem sobre a cultura dos demais grupos participantes e enriquecem a imagem prévia que tinham destes. É importante que o professor contate previamente os “companheiros de conversação”, selecionando um tempo acordado para a conversação. O professor precisa comentar com os alunos as expectativas da conversação com base em um planejamento prévio detalhado, posto que, se não está dirigida, os alunos só conversarão para socializarem-se. Com o devido planejamento, podem realizar “emparelhamento” a cada aluno com um aluno ou pessoa de outro lugar ou grupo, ou um curso completo com outro curso de outra localidade.

Sugestões de uso do Chat na sala de aula

Troca de Mensagens: A partir de um tema ou problema é iniciada uma discussão via chat.

Construção coletiva de texto: o texto pode ser iniciado por um aluno e finalizado por outro aluno.

Seminário: O aluno elabora um relatório sobre determinado assunto e envia para a lista de discussão, solicitando participar de um debate numa sala de chat.

Debate virtual: a partir de um determinado assunto, podem-se promover debates argumentativos com análises prós e contras.

Socialização de pesquisas: realizar num primeiro momento uma pesquisa na Internet sobre um tema sugerido pelo professor e logo após fazer a discussão através do chat.

4. Considerações finais

O chat é um recurso dinâmico como espaço de discussão, mas é preciso que todos os participantes compartilhem os mesmos objetivos. Em



virtude de uma superlotação da sala, a comunicação pode ficar a desejar, pois os participantes não tem respostas às perguntas feitas. Para isso, é importante, após a sessão de chat, que a mesma seja disponibilizada a todos os participantes para uma análise mais detalhada e para elaboração de novas colaborações que poderão ser disponibilizadas por e-mail ou fórum de discussão.

Prado (2001) nos coloca, como uma das possibilidades de se trabalhar com o chat, a sua gravação para leitura e discussão posterior. Segundo a autora, o registro da conversa on-line pode ser tratado como um texto a ser organizado, a ser trabalhado pelo professor junto com os alunos, organizando as questões em categorias para serem discutidas e ampliadas.

A partir das interações realizadas no chat com os professores, ao avaliarmos o uso desta ferramenta, sua importância e suas possibilidades de uso pedagógico, podemos destacar como pontos positivos: 1) a possibilidade e importância de se conhecer a opinião dos outros em relação ao mesmo tema, permitindo ampliar a visão do participante; 2) o espaço do chat é interessante, pois nem sempre as pessoas sentem-se a vontade para colocar suas posições pessoalmente; 3) permite trocar informações e interagir com várias pessoas no mesmo instante, estando elas em diversos lugares; 4) é uma ferramenta de interação de grupo ou em dupla que nos permite trocar idéias, atualizando ou consumindo novos pontos de vista sobre um determinado assunto, lembrando, porém, que a invasão de pessoas inoportunas pode eventualmente estragar a evolução do conhecimento; 5) é uma ferramenta que permite uma conversa *online*, ou seja, em tempo real ou simultânea; 6) cria um debate sobre um determinado assunto *online*, a respeito do qual os alunos colocam suas experiências e expectativas sobre o assunto; 7) pode-se, através de chats, abrir uma discussão em uma aula programada juntamente com os alunos e interagir com alunos de outras universidades, outras realidades, novas idéias; 8) um professor pode orientar uma pesquisa para cada aluno, individualmente, executá-la e, em dia e hora marcado, todos entrarem no chat para discutir o conteúdo pesquisado; 9) o chat pode ser uma excelente ferramenta para os tímidos, permitindo que aconteçam contribuições dessa forma, enquanto pessoalmente não seria possível para eles colocar um determinado assunto.



O uso do chat como ferramenta de comunicação possibilita a troca de informações em tempo real, discussões colaborativas e construções em grupo. O chat permite interagir e assimilar várias opiniões a respeito de qualquer assunto. Ao contrário de muitas opiniões, o chat não é ferramenta para jogar conversa fora. Ele pode, sim, ser usado com finalidade educativa e bem usado. Não podemos esquecer que o chat ainda é um recurso disponibilizado para poucos – vivemos num contexto em que a grande maioria vai à escola para comer, outros vão para satisfazer as necessidades ou expectativas de seus pais. Mas, quando mal utilizado, se torna um passatempo para pessoas desocupadas que perdem tempo com banalidades.

Algumas situações conflitantes no uso do chat em sala de aula ou a distância exigem uma revisão da forma do seu uso e novas pesquisas sobre a utilização do chat como ferramenta didática. Por exemplo, o professor poderá ter dificuldades em interagir com várias pessoas ao mesmo tempo e, também, em interagir a partir da escrita, que demora e exige tempo para organização da mensagem. Ter contato simultaneamente com várias pessoas ao mesmo tempo é interessante, pois alguns concordam, outros discordam, mas a presença física não deve ser substituída em todas as situações, pois nem sempre se pode avaliar e observar a expressão facial do outro. É preciso criar formas de trabalhar o texto, evitando um intercâmbio desorganizado. Outras dificuldades são: a dispersão dos alunos numa sala de chat por falta de interesse no assunto, as brincadeiras entre os alunos; a falta de autonomia no estudo, levando à dispersão e fuga do assunto.

Cada vez mais se percebe a utilidade dos chats para o desenvolvimento de trabalhos colaborativos e discussões focadas, juntamente com as mídias assíncronas e eventuais discussões presenciais. Eles permitem um senso de comunicação imediata, de presença pessoal (o que se resente na comunicação assíncrona). Os diálogos gerados nesta forma de comunicação, quando bem estruturados, podem ser uma boa saída para diminuir a sensação de isolamento e a distância transacional, e questões pendentes podem ser resolvidas rapidamente e mal entendidos, solucionados.



Referências

CARVAJAL, Ayesia M. **El chat como herramienta de comunicación en la educación a distancia:** usos y potencialidades para fomentar el aprendizaje cooperativo. Disponível em: <http://www.sadpro.ucv.ve/docencia>. Acesso em: 06 dez. 2002.

CHAVES, Maria C. **Mídias síncronas e assíncronas na aprendizagem colaborativa em rede.** Disponível em: www.eca.usp.br/prof/moran. Acesso em: 20 mar. 2002.

DUART, Josep; SANGRA, Albert. **Aprender en la virtualidad.** Barcelona: Gedisa, 2000.

HARASIM, Linda et al. **Redes de aprendizaje:** guía para la enseñanza y el aprendizaje en rede. Barcelona: Gedisa, 2000.

LÁZARO, Olga J. Actividades com el chat en la clase de Elle: lenguaje usado. **Cuadernos Cervantes de la Lengua Española:** la revista del Español en el mundo. Disponível em: <http://www.cuadernoscervantes.com/multimedia.html>. Acesso em: 17 jan. 2002.

MOREIRA, Manoel A. et al. **Redes virtuales para la educación de adultos:** una guía pedagógica. Gobierno de Canarias: Universidad de La Laguna, Canarias, 2000.

PALOFF, Rena M.; PRATT, Keith. **Construindo comunidades de aprendizagem no ciberespaço:** estratégias eficientes para salas de aulas on-line. Porto Alegre: Artmed, 2002.

PRADO, Maria E. **Educação a distância:** os ambientes virtuais e algumas possibilidades pedagógicas. Salto para o Futuro/SEED/MEC. Brasília, DF: MEC/SEED, 2001. p. 20-25.

Avaliação e Educação a distância: conceitos e propostas

_____ Antonio Germano Magalhães Júnior _____

Normalmente, antes de tomarmos qualquer decisão, avaliamos a situação que estamos vivenciando. Então, para começarmos uma conversa sobre avaliação e educação a distância, devemos, inicialmente, compreender como a avaliação se constituiu como prática pedagógica nos estabelecimentos escolares. Você já foi avaliado alguma vez? Claro que sim! A todo instante estamos avaliando e sendo avaliados, mas como poderíamos definir o ato de avaliar?

Segundo Luckesi (1997, p. 92-3), o termo “avaliar também tem origem no latim, provindo da composição a-valere, que quer dizer “dar valor a ...”. Porém, o conceito “avaliação” é formado a partir das determinações da conduta de “atribuir um valor ou qualidade a alguma coisa, ato ou curso de ação...”, que por si, implica um posicionamento positivo ou negativo em relação ao objeto, ato ou curso de ação avaliado”.

Podemos perceber que a ação de julgar é característica daqueles que pretendem avaliar. Mas você poderia perguntar: Todos que dizem estar avaliando não estão emitindo um julgamento de valor? Sim, mas o ato de avaliar não pára por aí. Quem pretende avaliar deve se posicionar e agir fundamentado no julgamento que realizou. Surge então um grande questionamento em relação às avaliações realizadas nas instituições educacionais. Ao aplicar instrumentos de avaliação, como provas, trabalhos, dinâmicas de grupo ou outras estratégias quaisquer que auxiliem o professor a adquirir informações sobre o desempenho dos seus alunos, deve-se passar a uma tomada de posição e realizar ações que possibilitem agir em relação ao que foi diagnosticado através da aplicação dos referidos instrumentos.



Muitos professores somente aplicam instrumentos de avaliação e repassam seus resultados para os meios de controle de notas, não proporcionando ações que possam intervir na melhoria do desempenho dos alunos.

Para melhorarmos as ações avaliativas nas instituições educacionais, devemos primeiramente compreender como e por que a avaliação passou a existir nos estabelecimentos educacionais, para depois melhor entendermos os fundamentos teóricos que norteiam o ato de avaliar e as possibilidades de realizar uma ação avaliativa que auxilie os alunos a desenvolverem uma prática mais autônoma (FREIRE, 2000) na aquisição do conhecimento.

Quando tentamos historicizar o surgimento das práticas de avaliação, reportamo-nos há cerca de 2000 anos A.C., período em que o ato de avaliar estava associado à seleção de bons soldados para exercerem a guarda de imperadores no Oriente. Avaliar era julgar quem tinha as qualidades necessárias para exercer determinada atividade. Mas qual a relação que podemos estabelecer entre as escolhas de soldados para compor uma guarda real e a avaliação nas escolas? Sabemos que nos estabelecimentos escolares os professores definem os conteúdos e, seja através de objetivos, competências, habilidades, ou outra forma qualquer de estabelecer parâmetros, apresentam o que aqui chamaremos de “perfil de desempenho”, o qual orientará os alunos nas atividades realizadas nos estabelecimentos educacionais e estabelecerá o que deve ser alcançado para que os professores possam afirmar que os seus alunos obtiveram o desempenho desejado.

Podemos perceber que antes de avaliar devemos ter ciência do que queremos e como faremos o julgamento de valor necessário para podermos intervir no processo de aprendizagem. Você pode estar pensando: avaliar lembra punição. Pedagogicamente a avaliação não surge na escola como um ato punitivo, mas como uma forma de auxiliar os alunos a modificarem suas ações em busca de atingir o que se esperava que eles desempenhassem. Mas você poderia afirmar: Presenciei, muitas vezes, professores utilizarem avaliações para punir os alunos! Mas o que você realmente vivenciou foi a utilização de instrumentos de avaliação como mecanismos de disciplinamento e repreensão dos alunos.



Mas por que não podemos chamar de avaliação o ato de aplicar uma prova e lançar as notas baixas que os alunos obtiveram, através de um instrumento que, muitas vezes, não teve definidos os critérios que norteariam o julgamento dos professores em relação à aprendizagem dos alunos? Primeiramente já mencionamos que aplicar um instrumento é uma das fases do ato de avaliar. O que caracteriza a função pedagógica da avaliação são as ações que os professores realizarão em relação aos resultados obtidos através dos instrumentos, para nortear suas práticas pedagógicas em busca do aprimoramento da aprendizagem dos alunos.

Falamos de avaliação e sua utilização como estratégia punitiva, agora devemos questionar como esta prática avaliativa pode conduzir a uma “Pedagogia do Exame”.

Quando a ação de avaliar é utilizada como uma medida punitiva, ela perde seu princípio pedagógico. Perdendo seu sentido, a ação de julgar pode incorrer em um erro que poderá prejudicar em muito a ação educativa da escola. Percebemos que muitos alunos estão se preocupando, logo nos primeiros contatos com seus professores ou tutores, com o que precisarão fazer e demonstrar para obter a aprovação no final do curso. Mas será que o objetivo do acesso dos alunos aos meios educacionais não deveria estar diretamente relacionado com a aquisição dos conhecimentos, e a aprovação ao final do processo não seria uma consequência do ato de demonstrar que atingiu o desempenho necessário ao que se propõe a formar? Podemos, através desta reflexão, perceber muitas incoerências vivenciadas cotidianamente nos mais diversos meios educacionais.

Depois de termos questionado como a avaliação vem se constituindo como prática no cotidiano das práticas educacionais, devemos tentar compreender alguns pressuposto teóricos que norteiam as ações avaliativas.

Quando mencionamos o termo avaliação, devemos ter clareza dos pressupostos teóricos que direcionarão a definição sobre o que é importante ser avaliado, a forma como proceder à coleta das informações e as ações empreendidas a partir dos resultados obtidos.



Como a avaliação pode auxiliar a desenvolver autonomia e reflexão? Sabendo que o ato de avaliar é uma ação que deve desencadear um julgamento de valor e uma tomada de decisão, acreditamos que o processo da avaliação deve auxiliar na construção da autonomia dos alunos.

A prática da avaliação na EAD

Na educação a distância a autonomia é um fator preponderante que deve ser trabalhado mesmo antes do início do curso. Durante os seminários introdutórios, deve-se alertar e preparar o aluno que irá utilizar a modalidade de educação a distância, demonstrando a necessidade de uma cultura da autonomia. Na modalidade de educação a distância, existe a exigência de um processo de autogestão que normalmente não exercitamos durante nossas experiências educacionais no sistema regular de ensino no Brasil. A presença de um professor que “cobra” presencialmente as nossas atividades, muitas vezes utilizando punições, deixa de ser algo cotidiano na modalidade de EAD. Não acreditamos que as famosas repreensões e muitas vezes castigos sejam necessários ou suficientes para que ocorra a aprendizagem. Mas devemos considerar o exercício de mais de quinhentos anos de práticas educativas eminentemente presenciais para podermos agir na EAD.

Passemos a pensar um pouco sobre o que podemos chamar de um instrumento de avaliação que possa gerar aprendizagem e não somente informação (MACHADO, 1995). Quando pretendemos construir um instrumento de avaliação, algumas considerações devem ser observadas. Já sabemos que os instrumentos de avaliação são utilizados para auxiliar os professores na coleta de informações que poderão subsidiar as tomadas de decisão em relação aos alunos. Neste sentido, a construção dos instrumentos deverá ser bastante cuidadosa, possibilitando, assim, a tomada de decisões que auxiliem não somente os passos de seus alunos, mas também o caminhar do próprio professor. Citaremos alguns procedimentos que devem nortear a construção dos instrumentos de avaliação:



- ⇒ conhecimento sobre a população que deverá ser avaliada, considerando suas particularidades cognitivas;
- ⇒ definição dos objetivos, ações, habilidades ou competências a serem avaliados;
- ⇒ definição das funções da avaliação: formativa, somativa ou diagnóstica;
- ⇒ estabelecimento dos critérios de avaliação;
- ⇒ elaboração dos itens, aspectos ou questões que deverão compor o instrumento;
- ⇒ análise dos instrumentos de avaliação por especialistas ou pessoas mais experientes na construção de instrumentos de avaliação;
- ⇒ montagem final do instrumento.

Quando refletimos sobre os vários aspectos que devemos considerar quando pretendemos construir instrumentos de avaliação, parece que enfrentaremos uma tarefa exaustiva, por isso às vezes, alguns a encaram como “uma besteira, coisa de tecnicista”. Mas, quando se trata de um julgamento que vai influenciar na vida de pessoas, decidindo até a famosa “passagem de ano”, obtenção ou não de uma certificação, como também aspectos da nossa vida, já que estaremos novamente com muitos dos alunos que terão que repetir o curso por causa das decisões que tomamos em relação à aprendizagem, devemos ser cuidadosos e competentes. Avaliar é uma ação de responsabilidade que marca vidas e pode estimular ou fazer desistir alguém que está em processo de aprendizagem.

Será que existe alguma diferença conceitual entre a avaliação presencial e a realizada a distância? Pessoalmente não encontro grandes diferenças: as duas partem do pressuposto de que, como professores, temos o dever de auxiliar nossos alunos na tarefa a que eles se propuseram quando procuraram um estabelecimento educacional; neste ato de educar, a avaliação é um instrumento de acompanhamento e decisão em relação à aprendizagem. Tratando-se do conceito de educação, tanto presencial como a distância, também não vejo diferença. O que percebo como algo que é particularmente importante é a autonomia, atitude primordial na prática da educação a distância. Estou



considerando autonomia como ação de se conduzir sem necessariamente ter alguém constantemente para caminhar junto. Não estou negando ou afirmando que devemos caminhar sozinhos, mas devemos estar preparados para enfrentar, em alguns momentos, esta caminhada sozinhos, sem nos sentirmos “abandonados” ou incapazes de prosseguir.

Sinto-me na responsabilidade de esclarecer alguns pontos para não gerar mal entendidos. Primeiramente, quando mencionamos o termo EAD temos que melhor caracterizar esta modalidade de educação. Utilizaremos os referenciais contidos no módulo um do curso promovido pela UniRede, na área de Educação a Distância:

- ⇒ Alunos e educadores estão separados pelo tempo e/ou espaço.
- ⇒ Há um canal, ou melhor, canais (tecnológicos e humanos) que viabilizam a interação entre educadores e alunos, portanto um processo mediatizado.
- ⇒ Há uma estrutura organizacional complexa a serviço dos alunos; um sistema de EAD com subsistemas integrados: comunicação, tutoria, produção de materiais didáticos, gerenciamento, etc.
- ⇒ A aprendizagem se dá de forma independente, individualizada e flexível (auto-aprendizagem) (MARTINS; POLAK, 2000, p. 87).

Se a modalidade de Educação a Distância tem particularidades, devemos perceber que estas devem considerar um princípio da educação, que é a construção do conhecimento exercida em processo coletivo. Mas parece que estamos em uma “sinuca”: EAD é uma modalidade de educação que se processa rompendo uma sincronia de tempo e espaço em relação ao convívio professor e aluno. Como construir educação coletiva em uma situação em que estarei “sozinho”? Estar distante não significa não poder ou não dever interagir. Chegamos a um fator fundamental para que a EAD possa ocorrer com sucesso: a garantia e a prática da interatividade. Devemos diferenciar a ação de comunicar da prática da interação. Interagir implica dialogar, cooperar e experimentar, não somente informar e corresponder à informação. Não devemos nos esquecer da importância da interatividade quando pretendemos trabalhar com avaliação na Educação a Distância. Avaliador e avaliado devem



dialogar antes, durante e depois do processo de construção do conhecimento. Quando tratamos de cursos realizados a distância, os canais de interação devem não somente ser múltiplos, mas estarem sempre abertos. Os alunos que estão em uma situação de não presencialidade com seus iguais, ou mesmo com o professor, sentem-se muitas vezes isolados ou mesmo “abandonados” no seu exercício construtivo.

Um dos problemas que enfrentamos em EAD é o alto índice de desistência nos cursos e falta de participação dos alunos nos processos interativos. Mas como solucionar ou mesmo amenizar esta problemática? Primeiramente devemos considerar que nossa cultura escolar foi construída muitas vezes dentro dos parâmetros da presença, cobrança e controle do professor que se fazia, ou se faz, presente em todos os momentos do aluno. Não somos contra a participação efetiva do professor no ato de construir o conhecimento com os alunos, mas devemos ter consciência de que o professor é alguém que caminha com o aluno, para que este alcance a autonomia, e não um ser que represente o saber, que, sem cuja presença, não se possam trilhar caminhos e exercitar a autonomia.

Existem práticas nos estabelecimentos educacionais que passam despercebidas, mas que são bastante significativas quando tratamos de EAD. Muitos professores dizem: Façam as tarefas, e o que não souberem nós resolveremos no próximo encontro. Parece-me que esta construção discursiva apresenta um problema no que tange ao desenvolvimento da autonomia. Quando tivermos dúvidas, devemos encontrar soluções por caminhos diversos, exercitando o ato de pesquisar, procurando vivenciar, com as atividades escolares, o que diariamente passamos na vida. Cotidianamente não temos, a todo instante, alguém que nos ajude a resolver nossas situações-problema e temos que “apelar” para o nosso discernimento ou conhecimentos que trazemos e conseguimos manipular. Acredito que muitos alunos e professores não compreendem o que seja o ato de pesquisar. Pesquisa é uma palavra que nos veio do espanhol. Este por sua vez herdou-a do latim. Havia em latim o verbo *perquiro*, que significava “procurar; buscar com cuidado; procurar por toda parte; informar-se; inquirir; perguntar; indagar bem, aprofundar na busca” (BAGNO, 1999, p.17).



Partindo do pressuposto de que a ação educativa deve ser investigativa, o ato de afirmar “façam o que sabem, que o resto eu ajudo” me parece uma saída, no mínimo, pouco construtiva. O importante é *fazer com e não fazer por*. Na EAD devemos construir situações que proporcionem a construção de conhecimentos por parte dos alunos, deixando claro que, nas dúvidas, existe toda a comunidade que está ao seu redor. Assim para termos um trabalho responsável e de qualidade utilizando a EAD, os alunos devem ter acesso a meios de pesquisa, como bibliotecas, virtuais ou não, arquivos, museus, laboratórios, ou seja, ambientes que proporcionem o ato investigativo. Quando não podemos dispor, nos chamados pólos de apoio na Educação a Distância, de todos estes meios, devemos disponibilizar o que os conteudistas⁸ e outros especialistas na modalidade reconhecem como o mínimo necessário para a obtenção do sucesso na formação dos alunos na área específica em que estão sendo construídos os conhecimentos.

Voltemos a nos dedicar mais especificamente à avaliação em EAD. Parece que vez por outra fugimos do “mote” da nossa conversa, mas é necessário que estejamos constantemente fazendo “pontes” para outras temáticas que são extremamente necessárias na abordagem da nossa problemática. Quando pensamos em avaliar alunos que estão envolvidos em programas de EAD, têm-nos à mente coisas do tipo: será que, se eu não estiver presente, estas pessoas não vão estar constantemente, como diriam alguns, “pescando”, “colando”, ou seja, não produzindo o conhecimento de forma reconstrutiva e verdadeiramente investigativa? Para podermos pensar no problema, acrescento mais uma interrogação: Quando é que podemos garantir que os alunos não estão somente reproduzindo algo que leram em um manual qualquer? Se partirmos de situações do cotidiano, o que normalmente acontece é que os alunos que dizem não “colarem” estão, muitas vezes, exercitando uma brincadeira de bricolagem, mesmo sem estarem com os instrumentos de consulta em mãos. O que queremos dizer com isto? Ora, os alunos não abrem os cadernos ou livros na hora da avaliação, mas abriram anteriormente e memorizaram o que

⁸ Conteudistas seriam aqueles profissionais responsáveis pela elaboração do conteúdo a ser trabalhado no curso. Ex: Um curso na área de administração de negócios deve ser elaborado por uma equipe multidisciplinar, envolvendo especialistas na confecção de materiais para a EAD, os responsáveis pelos conteúdos do curso, os especialistas em gestão de programas em EAD e outros que devem assessorar e compor esta equipe de trabalho na tentativa de obterem o sucesso desejado.



poderia ser cobrado no momento em que os instrumentos de avaliação vão ser aplicados. Não é considerado “cola” quando um aluno reproduz na íntegra o que estava nos manuais, sem demonstrar que saberia utilizar, manipular e reconstruir os conhecimentos adquiridos na relação aluno, material didático e professor em situações outras que não as previamente exercitadas pelo avaliador.

São muitas interrogações, e para tantos questionamentos nós temos algumas afirmações que podem estimular as práticas de avaliação. Um professor que está verdadeiramente interessado em que o aluno, envolvido em programas de EAD, construa o conhecimento de forma reflexiva, deve se empenhar não somente na elaboração do material apropriado para este fim, nem somente possibilitar a utilização de múltiplos canais de interação, mas também em vivenciar uma sistemática de avaliação que possibilite a tomada de decisão por parte tanto do professor como dos alunos em relação aos caminhos que devem ser trilhados na busca da aquisição de conhecimentos significativos e aprimoramento da autonomia. Ao construir uma atividade que vai servir de instrumento para coletar informações sobre como os alunos estão em relação à construção da autonomia e do conhecimento, em programa que envolve EAD, devemos ter em mente o seguinte: estes alunos devem trabalhar, preferencialmente, com situações-problema que envolvem o seu cotidiano. Estas formas de trabalhar podem envolver situações de análise, comparação, síntese e interpretação, dependendo dos objetivos que pretendemos alcançar. Outro aspecto a ser observado é que, se estamos trabalhando com conceitos e acreditamos que estes são fundamentais para que os alunos tenham sucesso na construção de seu saber reflexivo (PIMENTA; GHEDIN, 2002), devemos construir avaliações em que os alunos possam analisar situações de seu cotidiano através dos conceitos que elegemos como conteúdos fundamentais para o processo de formação. Ao realizar uma investigação com um olhar reflexivo sobre o cotidiano próprio do aluno acreditamos que não ocorrerá somente a aquisição e manipulação de um cabedal de conceitos previamente construídos, mas uma vivência reflexiva que possibilitará a tomada de decisão sobre seus atos rotineiros, na busca de reforçá-los e multiplicá-los ou mesmo de mudar suas práticas, proporcionando uma melhoria pessoal e profissional. Estamos falando em metodologia da problematização (BERBEL; GIANNASI, 1999).



Esta problematização deve ser, preferencialmente, construída pelos próprios alunos, tomando como referências seu cotidiano problemático e desafiador, que é vivido de forma coletiva, mas sentido de forma individual.

Gerar atividades avaliativas que tenham significado para os alunos possibilita não somente recolher informações que auxiliarão na tomada de decisões no transcorrer das atividades do curso, mas uma estimulação na realização das tarefas, por tratar-se de situações vivenciadas e, muitas vezes, categorizadas como problemas. Não é nenhuma grande descoberta pedagógica saber que atividades que estimulem o pensar e agir sobre situações dos próprios alunos são mais significativas e proporcionam um maior nível de aprendizagem. Mas parece que, às vezes, nosso sentimento egocêntrico, de sabedores da verdade, aqueles que “conhecem” os problemas que surgirão nos outros, fazem-nos retirar do “palco” as vivências de nossos alunos, também atores principais, como os seus professores, neste espetáculo que é o ato de educar.

Trabalhamos a importância das atividades avaliativas centradas em situações vividas pelos alunos, mas acreditamos que podemos relatar alguns exemplos deste tipo de atividades que, ao mesmo tempo em que fornecem, para os professores, informações úteis na ação avaliativa, respeitam e valorizam o conhecimento e as práticas dos alunos. Um exemplo que podemos mencionar é uma atividade a ser trabalhada em uma disciplina que poderia ter o nome de “Planejamento e Gestão da Educação a Distância”. Esta disciplina, com certeza, possuiria conteúdos específicos e com conceitos particulares, mas poderíamos realizar uma atividade em que os alunos fossem estimulados a realizar a leitura dos conteúdos da disciplina na expectativa de poderem construir, ou mesmo avaliar, uma ação educativa realizada na sua comunidade. Uma atividade que exigirá não somente a leitura reflexiva do material, mas a construção de algo significativo.

Outro aspecto a ser trabalhado nas avaliações em cursos a distância é a realização de atividades envolvendo mais de uma disciplina. Normalmente os alunos reclamam muito da quantidade de trabalhos a serem realizados nos cursos. Tivemos uma experiência que poderia ser chamada de “interessante” se não estivesse na categoria de “trágica”, ocorrida em um curso que utilizava



a EAD como modalidade de trabalho. Os alunos começaram o curso sabendo que deveriam entregar os trabalhos em uma data previamente estipulada, mesmo antes de terem acesso ao material didático que seria trabalhado. Muito bem. Quando os alunos receberam o material, foram logo saber o que deveria ser feito para conseguirem a certificação que o curso proporcionaria, mas, para desgosto de muitos, perceberam que eram “muitas atividades, difíceis de serem realizadas no tempo determinado e que pareciam ter sido planejadas individualmente pelos diferentes professores do curso, que trabalhariam conteúdos específicos de suas áreas”. Este pequeno relato estimula a realização de questionamentos que podem auxiliar na tomada de decisões no momento de planejar programas de EAD. Primeiramente os educadores deveriam planejar os conteúdos a serem trabalhados, conhecendo a realidade da clientela que irá fazer parte do curso.

Por que não podemos proporcionar atividades avaliativas que envolvam diferentes disciplinas? Podemos ter como exemplo uma atividade que envolva conteúdos de Fundamentos da EAD e Meios Interativos em EAD. Uma sugestão seria a realização de uma problematização envolvendo a realidade dos alunos e os Fundamentos da EAD, que deveria ser apresentada utilizando-se de uma ferramenta como a Internet, através da construção de um Home Page, isso se a construção de páginas na Internet fosse um conteúdo que o educador acreditasse ser fundamental para os alunos no transcorrer do curso. Acredito que o exemplo criado, um tanto quanto na “marra”, serviu para demonstrar que existem possibilidades e que essas devem ser perseguidas por todos aqueles que acreditam não somente na EAD, mas também na EDUCAÇÃO em sentido mais amplo.

Não posso deixar de mencionar as correções das avaliações, outra problemática vivenciada nos cursos que utilizam a EAD. Caros amigos e amigas, não é um princípio da EAD, somente, o que eu vou relatar. Avaliar é emitir julgamento de valor, que auxiliará o caminhar dos alunos e educadores. Sabendo disso não podemos realizar avaliações somente no final do curso ou da disciplina; temos que procurar realizar atividades avaliativas no transcorrer do curso, para que estas que norteiem o prosseguimento do trabalho dos educadores e alunos. Para que tenhamos sucesso nessa tarefa de estarmos em



diálogo avaliativo, esta expressão foi criada a propósito, já que acreditamos que não podemos seguir o princípio de construir com os alunos se não estivermos conjuntamente julgando como está se processando esta caminhada, é preciso dialogarmos e decidirmos conjuntamente sobre o assunto. Encontramos outro problema em muitos dos programas que trabalham com EAD: a falta de profissionais em quantidade e competência suficiente para caminhar com os alunos. Quando menciono estes profissionais, não me refiro somente aos professores responsáveis por conteúdos particulares dentro de um curso, mas também aos chamados “Tutores”, profissionais responsáveis por um acompanhamento mais sistematizado aos alunos.

Acreditando que já foram feitos questionamentos que podem dar trabalho o bastante para muitos anos de dedicação exclusiva, finalizarei este texto com lembretes sobre alguns aspectos que acredito serem relevantes: antes de tudo estamos tratando com educação e temos que realizá-la na perspectiva de que podemos até fazê-la a distância, mas nunca distante; a avaliação é instrumento de auxílio e tomada de decisão, então o princípio é que avaliar serve para auxiliar os alunos e o educador no caminhar construtivo e reflexivo do conhecimento; devemos ter bastante competência quando formos construir os instrumentos de avaliação, considerando a metodologia da problematização como um bom caminho para ser trilhado, respeitando o saber e o cotidiano dos alunos; os alunos não devem ser avaliados somente no final do curso ou disciplina, mas durante todo o processo, sempre possibilitando o retorno rápido e dialógico dos resultados da avaliação. Alunos não gostam de ficar esperando longos períodos de tempo pelos resultados e encaminhamentos que a avaliação poderá proporcionar. Quando demora muito, a avaliação não terá mais sentido, servindo somente como mero repasse de notas, não influenciando na retomada da aprendizagem por parte de professores e alunos; os tutores são peças fundamentais na EAD: são eles que, muitas vezes, responsabilizam-se por “levar” o curso até o final com baixos índices de desistência; não podemos esquecer que uma avaliação deve considerar a construção autônoma do alunos e para isso os programas de EAD devem possuir pólos de apóio que possibilitem o exercício da autonomia.



Acredito que as problemáticas sugeridas auxiliarão no pensar e no fazer, mas espero que não sejam tomadas como “receitas de bolo”, algo que é só fazer que vai dar certo. Educação é construção coletiva e deve respeitar as particularidades locais, culturais e sociais dos alunos. Não esqueçam: educação pode até ser realizada a distância, mas nunca distante dos alunos.

Referências

BAGNO, Marcos. **Pesquisa na escola**: o que é, como se faz. São Paulo: Loyola, 1999.

BERBEL, Neusi A; GIANNASI, Maria J. **Metodologia da problematização aplicada em cursos de educação continuada e a distância**. Londrina: EDUEL, 1999.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

LUCKESI, Cipriano C. **Avaliação da aprendizagem escolar**: estudos e proposições. 6 ed. São Paulo: Cortez, 1997.

MACHADO, Nilson J. **Epistemologia e didática**: as concepções de inteligência e conhecimento e as práticas docentes. São Paulo: Cortez, 1995.

MARTINS, Onilza B; POLAK, Ymiracy. (Org.). **Educação a distância – UniRede- módulo 1: fundamentos e políticas de educação e seus reflexos na educação à distância**. Curitiba: MEC/SEED, 2000.

PIMENTA, Selma G; GHEDIN, Evandro (Org.). **Professor reflexivo no Brasil**: gênese e crítica de um conceito. São Paulo: Cortez, 2002.

Recursos Avaliativos em aulas virtuais

Luís Paulo Leopoldo Mercado

1. Introdução

A Internet na educação a distância é um desafio à formação dos professores devido à necessidade destes estarem preparados para conduzir o trabalho em grupo, serem dinâmicos, saberem guiar diversas situações simultâneas e dominar o conteúdo envolvido nos projetos com Internet, a qual cria novas chances de reformular as relações entre alunos e professores e de rever a relação da escola com o meio social ao diversificar os espaços de construção do conhecimento, ao revolucionar processos e metodologias de aprendizagem, permitindo à escola um novo diálogo com os indivíduos e com o mundo.

Para Sanchez (2003) o trabalho com Internet implica a criação de ambientes de aprendizagem voltados para a socialização, solução de problemas, gestão compartilhada de dados, informações e a criação e manutenção de memória coletiva compartilhada, que contenha informações de interesse do grupo, capazes de modelar conhecimentos sobre as mais diferentes áreas de aplicação.

As aulas virtuais permitem criar um espaço virtual de apoio ao ensino presencial, isto é, facilitam a integração e uso das TIC (multimídia, tutorias web, chats educativos, videoconferência) nas salas de aula convencionais de modo que se complementem as modalidades de educação presencial e virtual; e oferecem uma modalidade de educação à distância através da Internet, abrindo possibilidades dos professores cursarem estudos desde sua casa ou lugar de trabalho, que por motivo de idade, situação profissional ou residência não podem assistir as aulas.



Avaliações dinâmicas e interativas são um desafio no contexto da educação a distância, podendo estas serem realizadas na forma virtual com aplicação de testes on-line, realizada por questionários através da Internet, cujas respostas podem ser enviadas por formulários para o mediador, e avaliação ao longo do curso (contínua), através de comentários postados em fóruns, listas de discussão que ficam armazenados e demonstram a participação do aluno nas atividades do grupo durante todo o período de colaboração.

2. Aulas Virtuais como Espaço de Aprendizagem

Segundo Harasim et al (2000) a utilização da Internet permite interligar diferentes indivíduos em comunidades de ensino e aprendizagem para facilitar a aquisição de informação e a construção do conhecimento. Engloba o uso dos recursos que estão disponíveis na Internet no processo de aprendizagem autônoma: contatos e intercâmbios com pessoas (especialistas, colegas) e informações, acesso a arquivos de instituições formativas, participação em grupos de discussão moderados ou não, dentre outros.

Neste contexto, surge o conceito aula virtual (SALINAS, 1998; 2000), que faz referência a experiências de ensino-aprendizagem em distintas modalidades de comunicação mediada pelo computador, que se apóiam nas possibilidades da Internet.

Aula virtual é um espaço ou plataforma digital através do qual o computador simula uma sala de aula real. Através desse espaço o aluno pode acessar e desenvolver uma série de ações que são próprias de um processo de ensino presencial como conversar, ler documentos, realizar exercícios, formular perguntas ao professor, trabalhar em equipe.

Duart e Sangrá (2000) conceituam aula virtual como espaço de formação, comunicação e informação colocado a serviço do estudante para facilitar seu processo de aprendizagem e aquisição de novos conhecimentos. Permite a relação dos estudantes entre eles, dos estudantes com os formadores e dos formadores entre si. É concebida como um espaço em que o estudante pode interagir com os distintos agentes que intervêm no processo de aprendizagem:



formadores, seus companheiros de estudo, materiais de aprendizagem e o resto de membros e serviços da comunidade virtual.

Para Sangrá e Sanmaned (2004) as aulas virtuais são maneiras de incorporar os efeitos didáticos das aulas reais e contextuais, quando não é possível reunir fisicamente os participantes em um processo de ensino-aprendizagem.

Na educação virtual ou online (SILVA, 2003), a ênfase se dá tanto nos materiais de estudo como a relação entre professores e estudantes se realiza exclusivamente através da Internet. Todo o processo de ensino-aprendizagem, incluída a avaliação se realizam através da Internet.

As aulas virtuais acontecem em ambientes ou plataformas virtuais de aprendizagem que proporcionam diversos serviços aos professores e aos estudantes. Esses ambientes integram em um único espaço e-mail, chat, www, fóruns, ftp, videoconferência. Existem vários ambientes disponíveis para a docência online: WebCT, Lotus Learning Space, First Class, Netcampus, AulaNet, TelEduc, e-Proinfo.

Vários serviços podem ser oferecidos num ambiente virtual (SANTOS, 1999): plano docente de cada um dos estudos oferecidos, como programa das disciplinas, formas de avaliação, orientações para estudo e bibliografia; espaço de anotações e materiais de consulta, no qual os professores colocam a disposição dos estudantes os textos da disciplina e outros arquivos que possam ser de interesse; serviço de correio eletrônico para facilitar a comunicação entre os professores e os alunos; mural de anúncios e agenda, para informar aos estudantes das próximas atividades da disciplina ou de eventos relacionados; fóruns de discussão, que permitem debates nos quais estudantes, professores e outros especialistas trocam seus pontos de vista sobre determinados temas; espaços e instrumentos para trabalho colaborativo; espaços para criação de provas objetivas por parte dos professores, que serão acessíveis aos alunos na Internet; facilidades administrativas para professores, como obtenção de listas dos alunos, entrada de notas, acompanhamento de atividades, relatórios de acessos ao ambiente e consulta aos materiais do curso; links a outras páginas web da universidade



(ou de outras instituições) que possam oferecer informação e serviços de interesse dos estudantes; serviço de videoconferência que permitam debater diretamente com especialistas que não possam estar presentes.

Em conseqüência, uma aula virtual permite ao professor complementar através da Internet a atividade docente tradicional, e por outra, permite estender sua oferta educativa a novos grupos sociais através de cursos à distância on line. A existência de uma aula virtual nas universidades convencionais torna possível que os alunos se matriculem em um programa ou curso com a finalidade de cursá-lo através da Internet ou o professor desta universidade pode publicar seus materiais didáticos ou tutoriais oferecidos pela Internet para o estudo da disciplina que oferece. Este tipo de serviço requer uma organização educativa própria, de materiais de estudos digitalizados especialmente desenvolvidos para o ambiente virtual e de uma infraestrutura tecnológica.

No contexto das aulas virtuais, podemos ter a constituição das chamadas comunidades virtuais de aprendizagem, que segundo Palloff e Pratt (2004) são agregações culturais a partir de grupos de pessoas que se encontram e realizam atividades em comum no espaço da Internet, que podem ser criadas e desenvolvidas, nas quais os membros sejam de uma mesma sala de aula, de diferentes salas de um mesmo nível, de diferentes salas de diferentes níveis ou de todo um contexto escolar e entre contextos escolares diferentes. Sem dúvida, as mais interessantes podem ser as que se desenvolvem entre alunos de diferentes escolas, inclusive de diferentes países ou culturas, de maneira que a comunidade virtual torna realidade encontros e interações que seriam praticamente inviáveis em contextos totalmente formais.

Para Palloff e Pratt (2002, p. 53) “a comunidade é o espaço através do qual ocorre a aprendizagem on-line. Os participantes dependem um dos outros para alcançar os resultados exigidos pelo curso. Se um deles conectar-se a um site em que nenhuma atividade ocorre há alguns dias, pode se sentir desestimulado ou ter uma sensação de abandono. Sem o apoio e a participação de uma comunidade que aprende, não há curso on-line”.

Uma comunidade virtual (SMITH; KOLLOK, 2003) pode ser um espaço em que todos os profissionais possam compartilhar informações, já



que trabalham com projetos comuns, possam organizar debates online e outras atividades apoiadas nas possibilidades comunicativas da Internet; realizam experimentação de ferramentas de aprendizagem colaborativa e a promoção de projetos de inovação por parte de grupos de professores do coletivo.

As comunidades virtuais desenvolvem uma dinâmica de intercâmbio rica e relevante em seu conteúdo, pode derivar numa comunidade virtual de aprendizagem no sentido de obter um contexto de aprendizagem colaborativo que enfatiza as interações inter e intragrupo nas quais os membros participam autonomamente num processo de aprendizagem, quando resolvem um problema como grupo.

3. Recursos Avaliativos nas Aulas Virtuais

Para Alves, Errico e Mesquita (2002) apesar dos avanços que a Internet proporciona ao ensino a distância, a falta de credibilidade dos métodos de avaliação à distância ainda é uma realidade. Vive-se, dessa forma, um paradoxo: cursos formais ministrados nessa modalidade precisam realizar suas avaliações de modo presencial. Em muitos cursos a distância, a avaliação é realizada por meio de provas presenciais ministradas ao final do curso ou em períodos pré-determinados. No entanto, estes casos permitem apenas a avaliação dos resultados finais, servindo como processo de hierarquização dos alunos, não havendo a preocupação em acompanhar e medir o processo de aprendizagem durante todo o curso.

Benito e Perez (2003) nos colocam que num curso à distância o acompanhamento dos aprendizes é muito mais difícil que em cursos presenciais, já que o formador só tem a percepção do comportamento e desenvolvimento do aprendiz quando este participa ativamente do curso, expondo dúvidas, participando de discussões, realizando as tarefas ou contribuindo com os colegas. Para acompanhar o desenvolvimento dos aprendizes é necessário rastrear um grande volume de dados gerados pelas interações e atividades dos aprendizes no curso. O formador tem grande trabalho, procurando, coletando e analisando informações relevantes ao acompanhamento do curso. É necessário



acompanhar cada nova ação dos aprendizes, além de estar atendo para detectar possíveis problemas no processo de aprendizagem, como a falta de acesso, atraso de tarefas, falta de participação no grupo.

Nos cursos a distância, a avaliação formativa pode ser realizada por meio de acompanhamento das participações dos aprendizes nas atividades propostas no curso, tendo como fonte registros deixados nas diferentes ferramentas disponibilizadas no ambiente virtual. Interações essas, decorrentes das atividades desenvolvidas ao longo do curso. Neste contexto, as características informativa e reguladora desta abordagem de avaliação têm revelado uma especial importância por favorecer a percepção do acompanhamento dos aprendizes e a identificação de problemas a distância, possibilitando uma orientação mais efetiva das aprendizagens em andamento. Esse processo de avaliação demanda muito trabalho e tempo do professor no acompanhamento, análise e orientação das participações dos alunos, o que consiste num dos principais problemas da avaliação formativa, seja ela presencial ou a distância.

O uso de instrumentos virtuais na avaliação em educação a distância permite um retrato mais fidedigno do processo de aprendizagem desenvolvido pelo aluno, trazendo a oportunidade de refletir sobre o processo de ensino desenvolvido pelo professor.

Dentre os diversos recursos existentes, podemos mencionar os que envolvem registros avaliativos. O registro é um instrumento que permite conhecer o que se faz e como se faz em uma situação de ensino determinado e, como tal, é uma ferramenta efetiva para melhorar e mudar as práticas pedagógicas.

No cenário das aulas virtuais, o próprio aluno realiza os registros e estes passam a ser fontes primárias de recolhimento de informações através de textos escritos nos chats, fóruns de discussão, e-mails, produtos do trabalhos desenvolvidos nas aulas.

Com os registros, o professor poderá acompanhar de forma sistemática as observações feitas dos avanços e dificuldades dos alunos. O registro possibilita uma análise crítica e reflexiva do processo educativo vivido por alunos e professores.



Para Masetto (2000) os ambientes virtuais permitem registros individuais dos avanços, paradas, retrocessos ou dificuldades, em cada uma das atividades previstas e no conjunto do trabalho que vem desenvolvendo.

Dentre os recursos avaliativos que envolvem registros disponíveis na Internet, que propiciam uma avaliação contínua para atender comunidades de aprendizagem, temos:

3.1 Diários (Diários de bordo, diários reflexivos, diários de campo)

Instrumentos utilizados para registrar as observações efetuadas, as situações que se destacaram, como: raciocínio utilizado, procedimentos envolvidos, estratégias desenvolvidas, participação, interesse, criatividade e a solicitação de auxílio para realizar as atividades. O diário do professor é um documento de reflexões sistemáticas, em que este dialoga consigo mesmo, analisando atividades realizadas, revendo encaminhamentos, documentando o percurso da turma. Contém a história do grupo e os avanços do próprio professor, que organiza sua reflexão sobre todos os aspectos do trabalho: sua postura, concepções dos seus alunos, forma como organiza as atividades e o espaço da sala de aula. No quadro abaixo, temos um exemplo de registro da prática pedagógica de um formador, disponibilizado no ambiente virtual do Curso Informática Educativa.

Diário de Bordo - C.L.E.M.

Turma A 2 - Módulo I 07/08/2004, 21:54:38Compartilhado com formadores

Turma A2 período 21 e 22/07/2004 - Sem sombra de dúvidas a expectativa em desenvolver este trabalho no núcleo de S.J.L, com professores que ainda não tinham tido a oportunidade de trabalhar com a inclusão das tecnologias no seu cotidiano escolar era desafiador, as incertezas do que realmente teríamos disponíveis para desenvolver as atividades solicitadas principalmente as que precisavam da utilização da Internet gerou ansiedade, entretanto tivemos a grata surpresa de termos a disposição um laboratório com máquinas novas e interligadas em rede facilitando o acompanhamento do desenvolvimento das atividades, faço uma ressalva em relação ao espaço físico que por ser pequeno e dividido dificultava o acompanhamento de alguns professores, para solucionar um pouco este problema usamos o recurso do serviço de som disponível no auditório, facilitando para que todos escutassem as explicações dadas, principalmente o grupo que ficou



na sala menor. Outro ponto que deve ser levado em consideração é que em torno de 80% dos professores estavam tendo o contato pela primeira vez com os computadores sendo necessário um acompanhamento mais de perto. No primeiro dia fizemos uma breve apresentação do grupo e iniciamos a apresentação da disciplina utilizando o retroprojeter e transparências fornecidas pelo Coordenador da disciplina. Em seguida fomos para o laboratório e demos início a algumas orientações sobre o uso dos computadores e iniciamos com a solicitação de que cada dupla criasse sua pasta para arquivar as atividades, logo após demos início à atividade 1, em seguida demos continuidade as atividades com a leitura do texto recomendado para a atividade 2 e a realização da atividade. Só conseguimos cadastrar os e-mails na parte da tarde, pois a Internet apresentou problemas pela manhã. Encerramos as atividades do primeiro dia recomendando que se eles tivessem a oportunidade já fossem lendo os textos Como empobrecer mentes jovens e Fonte inesgotável de recursos transformadores da sociedade. No segundo dia iniciamos com a leitura dos textos e em seguida fomos para o laboratório realizar a atividade 3, como não tivemos mais o acesso a Internet a atividade 4 foi orientado que as figuras usadas fossem do clipart, o vídeo recomendado foi passado no momento da tarde enquanto tentávamos resolver o acesso a Internet, para o envio das atividades pelo e-mail. Não tivemos acesso ao Teleduc, e a atividade 5 foi explicada e ficou para ser enviada por e-mail. O fato de já trabalhar em conjunto com a Sônia facilitou bastante o entrosamento, o planejamento e a condução dos trabalhos, tivemos uma sintonia muito boa e uma percepção que ajudou a desenvolver o planejamento pensado para esta turma A2, uma turma de professores interessados em aprender um pouco sobre o uso das tecnologias com o objetivo de enriquecer e ampliar sua visão de professor. As atividades estão organizadas no computador em pastas por duplas, todas já foram impressas e a avaliação está sendo realizada continuamente a medida da realização e entrega das atividades propostas nos momentos presenciais e a distância. Em suma a experiência foi muito boa e correspondeu a minha expectativa, entretanto faço algumas considerações no sentido que deve ter no laboratório nos dias de aula presenciais um técnico de informática que possa dar um suporte para que os computadores tenham garantido o acesso a Internet, e que seja repensado também a quantidade de atividades presenciais ou o tempo de desenvolvimento das mesmas, pois dois dias é pouco para a realização das atividades solicitadas uma vez que a maioria dos professores não tinha tido ainda o acesso ao computador.

Neste exemplo, temos a utilização do diário como instrumento capaz de contribuir para a reorganização da aprendizagem, bem como fornecer ao professor informações sobre a aprendizagem dos alunos e sobre o seu ensino. Envolve também atividade de auto-avaliação proporcionando aos alunos informação, tanto do processo de aprendizagem que estão seguindo, como da qualidade do conhecimento que estão construindo.

Para Masetto (2000) os registros da auto-avaliação do professor, através de comentários e reflexões registradas ao longo das atividades propostas,



quando bem feitas, constituir-se-ão na melhor informação e motivação para a aprendizagem porque são provindos do próprio aprendiz: ninguém o conhece melhor do que ele próprio e ninguém menos do que ele saberá onde mexer para corrigir.

É fundamental que, junto como o professor, o aluno se auto-avaleie com relação às ações que realiza. A auto-avaliação pode ser realizada por meio de formulários, relatos em fóruns/chats. Esses recursos possibilitam a construção de uma consciência crítica do aluno, frente as tarefas propostas.

Os diários virtuais podem ser feitos usando uma outra ferramenta virtual, que são os blogs. O diarismo online envolve a publicação e a exposição pessoal na Internet. Para Santos et al (2003) o que antes era restrito ao espaço físico dos diários pessoais em papel é hoje socializado para todos, por meio da Internet, através dos blogs, nos quais os autores podem editar e atualizar mensagens no formato hipertextual, podendo disponibilizar textos, imagens, sons a qualquer tempo e espaço e permitindo também interagir com outros sujeitos, pois o formato blog permite que outros usuários possam intervir no conteúdo veiculado pelo autor do blog, que se pluraliza, compondo, assim, uma comunidade virtual.

3.2 Fóruns de Discussão

Discussão assíncrona, conduzida por professores ou tutores, que incentivam as trocas de idéias e experiências. A natureza assíncrona do fórum favorece a reflexão e a elaboração das participações, possibilitando maior qualidade e aprofundamento. São grupos de alunos interessados em um tema que se comunicam através de um mural de anúncios, para onde enviam suas mensagens e onde podem acessar para ver as mensagens que foram enviadas pelos demais.

Para Santos et al (2003) o fórum permite o registro e a comunicação de significados por todo o coletivo, permitindo que a mensagem circulada seja comentada por todos os sujeitos envolvidos.



Nos fóruns, é possível ler, contestar ou enviar mensagens iguais as que se enviam de correio eletrônico ou numa lista de discussão.

Se o leitor achar conveniente, pode responder algumas das mensagens e enviar a resposta ao grupo. Também pode enviar uma mensagem original em que defenda uma proposta, dando seu ponto de vista sobre algum tema ou assinalando alguma pergunta para alguém do grupo responder.

O processo é totalmente feito online. Não há necessidade de baixar as mensagens para o computador. Os softwares gerenciadores de fórum permitem a busca por assunto, autor, conteúdo, data. As mensagens tendem a ser mais curtas e sintéticas em termos de discussão do que nos e-mails e listas de discussão.

Quando utilizamos fóruns como apoio à participação de sala de aula presencial, esses recursos se tornam um importante aliado para o aluno e para o professor aprofundarem a discussão iniciada em sala usada como uma forma de pré-preparação para a discussão presencial e é uma forma alternativa de participação do aluno quando há timidez, pouca habilidade lingüística ao se expressar ao vivo, não assertividade para interromper discussões mais acirradas, sensação de pouco tempo para elaborar argumentos convincentes. Através da leitura das mensagens, é possível monitorar o nível de entendimento dos conteúdos, reconhecer dúvidas e conceitos mal assimilados ou trabalhados sem a devida profundidade. Com essas informações em mãos, pode-se reorganizar o planejamento das aulas presenciais e utilizar os interesses e sugestões dos alunos, incorporando-os ao curso. É possível, por meio da comunicação assíncrona, preparar previamente as aulas com envio de textos, questionários, pedir resenhas, fazer resenhas para entrega de materiais e colocar questões para reflexão. Grupos pequenos de trabalho colaborativo podem desenvolver materiais com conteúdos mais complexamente trabalhados, no seu ritmo e no horário de melhor produtividade intelectual, para, num segundo momento, colocar em discussão com seus pares.

Abaixo apresentamos a proposta de discussão num fórum realizado a partir da leitura de um texto disponibilizado no ambiente virtual do curso Multirreferencialidade, Diversidade Cultural e Educação.



Atividades			
	Título	Data	Compartilhar
	Atividade 1 - Discussão do Texto Las TIC en la enseñanza: posibilidades y retos	17/01/2005 10:41:33	Totalmente Compartilhado
Comentário			
<p>1. Leitura do Texto: Las TIC en la Enseñanza: posibilidades y retos, de Martin Carnoy, disponibilizado aos alunos e nesta página no item material de apoio.</p> <p>2. Discussão do texto no fórum: As TIC na Aprendizagem.</p>			
Multirreferencialidade, Diversidade Cultural e Educação			
Fóruns de Discussão			
Fórum <i>As TIC na Aprendizagem</i>			
#	Título	Autor	Data
1.	As TIC na Aprendizagem	L. P. M.	17/01/2005
2.	Re: As TIC na Aprendizagem...	M. A.	31/01/2005
3.	Re: Re: As TIC na Apre...	L. P. M.	31/01/2005
4.	Re: As TIC na Aprendizagem...	A R V R	15/02/2005
5.	As TIC transformam a o...	L P M	17/01/2005
6.	Re: As TIC transformam...	M A	31/01/2005
7.	Re: Re: As TIC transfo...	L P M	31/01/2005
8.	As TIC na Aprendizagem	Y N	02/02/2005
9.	As TIC transformam a o...	Y Ns	02/02/2005
10.	As TIC ampliam possibi...	A R V R	15/02/2005
11.	Dificuldades diante das...	A R V R	15/02/2005
1.	As TIC na Aprendizagem		Segunda, 17/01/2005, 12:00:07 LPM
<p>O texto “Las TIC en la Enseñanza: posibilidades y retos”, de Martin Carnoy analisa as possibilidades e dificuldades frente a utilização das Tecnologias da Informação e Comunicação em diversos setores da Sociedade, centrando-se especificamente na educação. No caso da educação, a informação quase não é empregada para melhorar a aprendizagem dos alunos, principalmente porque os gestores educativos e os professores desconhecem boa parte das ferramentas de tratamento da informação que dispõem. Discuta neste fórum essa colocação e outras que considera relevantes no texto.</p>			



2.	Re: As TIC na Aprendizagem	Segunda, 31/01/2005, 13:48:35 MA
Os recursos necessários também são um grande entrave neste contexto, uma vez que para capacitar é preciso ter disponível acesso a tecnologia, local específico, disponibilidade do professor/educador, além do fato de mudança cultural que dentro destas mesmas premissas precisa de tempo para ocorrer. Outro dado importante é o fato de aceitabilidade concreta por parte do educador. Os livros didáticos e as aulas presenciais ainda são a referência maior destes profissionais que custão a dar crédito a esta nova fase da educação.		
3.	Re: Re: As TIC na Aprendizagem	Segunda, 31/01/2005, 15:05:01 LPM
Ve toca em pontos cruciais: acesso a tecnologia e aceitabilidade pelo professor. O acesso é algo que é objeto de várias ações governamentais e de organizações não governamentais, dentro do conceito da inclusão digital. Já a aceitabilidade pelo professor, parte do querer pessoal de cada um e isso torna mais complexa essa questão. Existem várias ações visando melhorar a formação de professores frente as TIC. O problema é que muitas vezes essas ações ficam, só em cursos de capacitação e não repercutem na prática do professor.		

Para Prado (2001) a dinâmica e o gerenciamento do fórum de discussão, com vistas a instigar a participação e a interação entre os alunos exige que o professor fique atento para alguns aspectos: escolher um tema que seja pertinente para os participantes; elaborar questões abertas e provocativas e que possam ser facilmente interpretadas pelos alunos; utilizar uma linguagem clara, não muito extensa nem demasiadamente acadêmica; (re) alimentar as discussões de forma equilibrada, para que os participantes encontrem espaço para interagir entre si; cuidar para que as discussões possam ampliar as idéias, podendo, com isso, gerar subtemas, mas sem perder o foco, para que não ocorra uma pulverização de questões desarticuladas.

3.3 Chats (bate-papo)

A principal característica do chat vem da sua utilização para comunicação em grupo. O chat funciona em um servidor no qual várias pessoas se encontram virtualmente para conversar. O diálogo pode tomar qualquer direção, dependendo do grupo, por isso o chat fica muito mais próximo da esfera do lúdico e do lazer.



A aplicação na educação está na possibilidade de compartilhar informações em tempo real (ao mesmo tempo em lugares diferentes), servindo de plataforma para debates, discussões, análises de alguns problemas desde diferentes pontos de vista.

Por ser síncrono, o “chat” gera uma tensão maior, pois o tempo de participação é normalmente dividido entre vários participantes, sendo, portanto, quase sempre limitado. As mensagens também precisam ser curtas o suficiente para serem lidas no espaço exíguo oferecido.

A tensão imposta pelo pouco tempo e a limitação de espaço nos “chats” se manifestam na linguagem, que costuma ser caracterizada por formas lingüísticas e expressivas bastantes simplificadas, abreviadas, como vc em lugar de ‘você’; tb em lugar de ‘também’; pq em lugar de ‘porque’ e acrônimos (EMHO para dizer ‘em minha humilde opinião’).

Pallof e Pratt (2002) argumentam que muitas vezes a discussão sincrônica via chat não leva a uma discussão ou participação produtiva. Para os autores o participante com maior facilidade de escrever tende a dominar a discussão, inclusive que a sincronia se perde quando a resposta a determinado comentário se dá várias linhas mais tarde. Outro problema surge quando o participante se confunde devido a falta de clareza entre as instruções que guiam o encontro. Mas, para estes autores, se respeitarem certos pontos, tais como: número de participantes reduzido, clareza nas instruções e atendimento ao horário definido, este encontro em rede pode ser dinâmico e produtivo, podendo facilitar o intercâmbio de idéias e levar a uma aprendizagem.

Assim, o chat se converte em um espaço de encontros virtuais para discutir tarefas, construir texto, rediscutir projetos, realizar trabalhos ou promover intercâmbios de idéias sobre algum tema. O chat é um exemplo de comunidade virtual devido a capacidade para promover o sentimento de pessoas pertencerem e estarem num grupo na medida em que conversam ou discutem sobre assuntos comuns. A capacidade de interação grupal dá lugar a distintas formas de aprendizagem colaborativa, na qual os estudantes trabalham em equipe ajudando-se reciprocamente.



As discussões grupais que se realizam através do chat constituem uma das categorias de atividades grupais que exige uma tomada de decisões conjunta e a resolução criativa de um problema.

Algumas atividades em grupo no chat oferecem muitos benefícios, também tem algumas desvantagens, como a distração dos participantes, fugindo da temática proposta e entrando em conversas sem propósito, incrementando a ansiedade, provocando enfrentamentos culturais. Nestas interações é fundamental o papel moderador do professor ou de quem for responsável: controlar a situação e as trocas entre os alunos, examinar os elementos que possam estar produzindo confusão ou distanciando do foco principal, sugerir vias alternativas de discussão.

Pode-se utilizar o chat para avaliar formativamente os grupos ou cada aluno, pois cada encontro pode ser gravado. Nestes registros, o professor poderá avaliar o desempenho dos alunos e seu próprio desempenho na interação realizada e revisar seu desempenho, traçando novas estratégias para os próximos encontros virtuais. Na avaliação o professor prepara uma série de perguntas e as coloca durante a realização da sessão de chat. Todos os participantes respondem e podem fazer observações sobre os comentários expressados pelos demais alunos, que podem contribuir simultaneamente.

No chat abaixo temos o registro de uma atividade envolvendo uma avaliação do uso da ferramenta chat na sala de aula. Partiu da seguinte problematização: Pode-se trabalhar com um papo educacional em uma sala de aula?. Apresente sugestões a respeito de como o professor pode usar o chat na sala de aula, numa atividade com os alunos.

(09:05:39) Professor: Vamos agora para a etapa final desta atividade que é dizer se acharam esta ferramenta (Chat) interessante e dizer como usariam na sua aula presencial ou numa aula a distância. (09:07:15) Josenil e Luiz Car: o chat é muito interessante, que deve ser uma ferramenta no processo de ensino /aprendizagem. (09:08:35) BRÍCIO/FÁTIMA pergunta para Professor: O chat, professor é um momento de grande interação e satisfação do usuário. (09:08:45) vit@l & risoleta fala com Professor: Achamos interessante ateh demais, jamais utilizei para discursao sobre tema isolado, tentaremos nas proximas navegadas, escolhermos temas com enfase em educacao superior, pois soh achavamos que Chat só servia para



abobrinhas. Valeu professor. (09:08:48) ada e antonio responde para Professor: Usaria sempre utilizando e incentivando a pesquisa, a organizacao metodologica do conhecimento e , na medida do possivel, para propiciar novas formas de interacao social. Como nao disponho em sala de aula de computados o incentivo ao uso da informatica e sempre distante. (09:08:56) andrea e ana paula fala para Professor: o chat é interessante,mais é preciso que o docente trace suas estratégias e objetivos para que o resultado seja alcançado. 09:11:22) heriberto/lidiana: professor, achamos uma boa ferramenta de interação/ disseminação de conhecimentos. (09:11:51) Rejane e Carla reservadamente grita com Professor: penso que o computador, as vezes, para mim ainda e algo estranho mas a ferramenta e simplesmente maravilhosa. (09:12:02) cesar: o chat e bem interessante, so que precisa de uma coordenacao qie organize os dialogos, se nao hah uma poluicao visual. (09:12:25) rosilene/margarida *fala para* Professor: É de suma importância o processo de aprendizagem, sendo vivenciado de forma interativa. Obrigada. (09:12:36) marileide *fala para* Professor: esta ferramenta temcomoobjetivo a interacao professor versos aluno no processo ensino apredizagem no campo da tecnologia. (09:12:53) Lais e Veronica *fala para* Professor: E interessante e motivadora, numa aula presencial possibilitaria uma interacao e poderia ser utilizada da forma como foi agora.... A distancia poderia se estabelecer um tema p/ ser discutido c/ povos de culturas diferentes... (09:13:06) Josenil e Luiz Car *reservadamente fala para* Professor: o chat vai ser uma ferramenta importante no processo ensino aprendizagem. (09:15:49) lucila *sorri para* Professor: aula torna-se dinâmica e rica possibilitando contato com várias opiniões ao mesmo tempo ‘ seria usada esta técnica no laboratório como este. (09:16:18) sonia: A ferramenta (Chat) com certeza além de interessante para a comunicação de um grupo independente de ser dentro da prática pedagógica; tanto na sala de aula presencial como na aula a distância. Com certeza o docente como o discente se não se atualizar na área/informática ficará marginalizado. Enfatizamos ainda a praticidade e eficiência de aplicarmos nas práticas pedagógicas o arsenal disponível para aprendizagem.

Outra forma de usar o chat numa aula virtual é para realizar seminários virtuais, atividade que demonstra a organização de aprendizagens e concepções dos alunos acerca dos assuntos já discutidos. Possibilita ao aluno preparar, apresentar e expor o que está explorando e aprendendo.


Semelhante à atividade fórum, no entanto nesta modalidade, um ou dois grupos ficam responsáveis por propor as questões a serem discutidas, conduzir as discussões do chat, fazer uma análise e avaliar a participação dos colegas. São atividades que oferecem ótimas oportunidades para os alunos organizarem suas aprendizagens e idéias acerca dos diversos assuntos já explorados e discutidos em aulas. O aluno dever ser estimulado a preparar e expor por escrito o que



está estudando, na forma de seminários.

No exemplo abaixo, temos a realização de um seminário virtual no curso Multirreferencialidade, Diversidade Cultural e Educação.

Atividades

	Título	Data	Compartilhar
	Atividade 2 - Seminário Virtual no Chat	17/01/2005 11:02:47	Totalmente Compartilhado

Comentário

Organização do Seminário Virtual a ser discutido na sala de chat do Educarede.

1. Organização do material (construção de texto base) disponibilizado a cada grupo:

Grupo 1 - EDUCAÇÃO VIRTUAL NA CIBERSOCIEDADE

Textos de Referência:

(1) ALMEIDA, Maria E. Educação, ambientes virtuais e interatividade. In: SILVA, Marco. Educação on line. São Paulo: Loyola, 2003.

(2) MORAN, José M. Contribuições para uma pedagogia da educação on line. In: SILVA, Marco. Educação on line. São Paulo: Loyola, 2003. (pp. 39 a 50).

(3) SILVA, Marco. Criar e professorar um curso on line: relato de experiência. In: SILVA, Marco. Educação on line. São Paulo: Loyola, 2003. (pp. 51-74).

Grupo 2 - COMUNIDADES DE APRENDIZAGEM

Textos de Referência:

(1) CASTELLS, Manuel. A galáxia da Internet: reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. cap. 4 – Comunidades virtuais ou sociedade em rede? (pp. 98-113).

(2) PALLOFF Rena e PRATT, Keith. Construindo comunidades de aprendizagem no ciberespaço: estratégias eficientes para salas de aulas on line. Porto Alegre: Artmed, 2002. Capítulos 2 – Definindo e Redefinindo a comunidade (p. 45-57); capítulo 3 – O que sabemos sobre a aprendizagem eletrônica (p. 59-72); Capítulo 4 – O tamanho do grupo e o tempo (p. 73-86).

2. Cada grupo vai elaborar o texto-base e enviar ao professor até o dia 25 de janeiro. Os textos serão disponibilizados aos alunos no dia 26 de janeiro, na página do curso no TELEDUC.

3. Realizaremos nosso chat no dia 31 de janeiro as 15 horas. Para isso é preciso que cada aluno tenha lido o texto de cada grupo. Para entrar no chat:

- Entre na Internet. Clique em www.educarede.org.br

- Clique em Bate-papo.

- Clique na sala já agendada (no final da página): Multirreferencialidade e TIC.

- Coloque seu nome e senha TIC

4. O chat terá duração de duas horas e inicialmente haverá uma introdução do tema pelo professor que passará a coordenação de cada grupo para apresentar os pontos principais do texto elaborado para discussão coletiva. Cada grupo terá cerca de uma hora para apresentação e discussão. Todos deverão participar da discussão.

5. O chat, ao término da realização, será gravado e disponibilizado no item Material de Apoio na página do curso neste TELEDUC para que todos possam ler e analisar com calma as contribuições de todos.

**Multirreferencialidade, Diversidade Cultural e Educação****Material de Apoio**

Título	Data	Compartilhar
 Chat de Apresentação do Seminário Virtual realizado no dia 31/01/2005	31/01/2005 16:00:14	Totalmente Compartilhado

Comentário

(16:06:32) Professor fala para TODOS: Realizaremos nosso chat, com duração de aproximadamente 1 hora e 30 minutos. Inicialmente haverá uma introdução do tema pelo professor que passará a coordenação de cada grupo para apresentar os pontos principais do texto elaborado para discussão coletiva. Cada grupo terá cerca de quarenta e cinco minutos para apresentação e discussão. Todos deverão participar da discussão. O chat, ao término da realização, será gravado e disponibilizado no item Material de Apoio na página do curso neste TELEDUC para que todos possam ler e analisar com calma as contribuições de todos. (16:19:22) Professor fala para TODOS: Vamos começar pelo grupo 1 - EDUCAÇÃO VIRTUAL NA CIBERSOCIEDADE O grupo é formado por Gerson, José Ricardo, Márcia, Marco Antonio e Waldemar. Este grupo produziu uma apresentação em Power Point, já disponibilizada no nosso ambiente do curso no TELEDUC. Nesta apresentação foram trabalhados os seguintes textos: Educação, ambientes virtuais e interatividade (ALMEIDA, 2003), Contribuições para uma pedagogia da educação on line (MORAN, 2003), Criar e professorar um curso on line: relato de experiência (SILVA, 2003). (16:21:07) Professor fala para TODOS: Passo a palavra para o coordenador do grupo, para que ele possa coordenar a apresentação e desencadear nosso seminário virtual. O tempo para o debate deste grupo será de 40 minutos, iniciando agora as 15:35 e encerrando as 16:05. (16:26:04) dema2 fala para TODOS: Educacao On-line definimos como um conjunto de ensino aprendizagem que sao disponibilizados por meio de interacao virtual. (16:26:44) Professor fala para TODOS: O que seria uma interação virtual? (16:27:39) dema2 fala para TODOS: Desta forma apresenta-se como uma proposta alternativa de complementacao de um modelo presencial e a distancia. (16:30:32) dema2 fala para TODOS: Uma interacao na qual varia pessoas estariam em contato por meio distante atraves de uma sala ilusoria ou fisica desde que usado os recursos de video conferencia tele conferencia ou internet, (16:34:12) marcia fala para TODOS: Entretanto, indago acerca das interações provenientes das relações interpessoais em uma educação online, afinal os texto sugeridos apresentam apenas vantagens. (16:34:29) dema2 fala para TODOS: Um fato interessante a destacar que a interacao virtual pode ser online ou off line que significa respectivamente dizer dizer comunicacao em tempo real e em tempos diferentes (16:36:41) gerson pergunta para dema2: Como a interação virtual pode ser off line (16:37:23) dema2 fala para TODOS: Os textos apresentam tambem situacoes que nos levaram a refletir sobre o uso desta, por exemplo dificuldades para as pessoas de camadas mais baixas (16:38:23) gerson pergunta para dema2: Gostaria de entender como a interação virtual pode ser também off line (16:39:01) Professor fala para TODOS: Marcia toca num ponto interessante na educação virtual: as relações interpessoais. Essas interações são objeto de estudos ainda iniciais, que precisam ser aprofundados ou iniciados, já que a literatura que nos chega, traz uma visão positiva do uso das TIC, até por que é uma área em consolidação. Hoje se discute muito até que ponto existe interação, se existe aprendizagem nessa interação e se o aluno que não interage aprende? Ainda não se tem respostas sólidas para essas indagações. (16:39:52) dema2 fala para TODOS: Atraves dos meios de comunicacao ,por ex teleconferencia e video conferencia. (16:40:12) marcia fala para TODOS: Desta forma, superamos as barreiras



de tempo e espaço na aquisição de informações e construção de conhecimentos, exigindo do professor flexibilidade e condições de adaptação a diferentes situações, contudo, não ficará a troca de experiências deficiente? (16:40:42) Professor fala para TODOS: Gerson pergunta sobre a interação virtual offline. Off line quer dizer sem conexão, ou seja, vc usa as tecnologias mas não tem resposta simultaneas, ou baixa uma informação, analisa e a devolve em outro momento. Seria o exemplo de ler um texto do autor e discutir o texto com o mesmo, mas não em tempo real, mas num forum ou por mail. (16:41:17) dema2 fala para TODOS: Ha primeiro de se romper com a cultura atual da aprendizagem. Os educadores e alunos estao acostumados a aula presencial, qualquer outra proposta tera resistencia como tudo que e novo. (16:41:29) Professor fala para TODOS: Dema2, que dificuldades as pessoas de camadas mais baixa teriam? (16:42:49) jamesson fala para TODOS: Um aspecto importante a analisar, de início, é o que temos como interação (inter-ação). A noção inicial, vinculada a um idéia de materialidade, nos remete à ação mútua (com algo), afetando ou influenciando o desenvolvimento ou a condição um do outro. E aqui está, ao ver de nosso grupo, o maior problema das novas tecnologias: a interferência/substituição da materialidade das relações humanas, que é do dialógico, do performático, do olhar, do gesto, do odor, do tato, da dor... (16:42:54) gerson fala para Professor: Acredito que o acesso a tecnologia seria uma dificuldade. (16:43:23) dema2 fala para TODOS: Acesso a TIC devido ao necessario poder aquisitivo que precisa ter ou acesso as estas salas. Sem contar o treinamento basico para manuseio desta tecnologia. (16:43:33) Professor fala para TODOS: Marcia questiona as transformações do trabalho docente e foca a questão das trocas de experiências. Acredito que as tecnologias facilitam as trocas de experiências por permitirem facilidades no acesso as informações e na divulgação das mesmas. O problema é transpor essas experiências para os recursos midiático das tecnologias e oferecer motivação para leitura dos mesmos pelos usuários. (16:43:59) dema2 fala para Professor: Acesso a TIC devido ao necessario poder aquisitivo que precisa ter ou acesso as estas salas. Sem contar o treinamento basico para manuseio desta tecnologia. (16:47:13) Professor fala para TODOS: Jamesson traz um novo ponto para essa discussão: a imaterialidade no contexto virtual. Esse é um elemento novo na nossa forma de lidar com o mundo e está presente numa sala como essa se fosse aberta ao público. Não teríamos certeza com quem estaríamos teclando, não teríamos a visão material dos nossos colegas e não teríamos certezas se o que estamos discutindo de fato seja algo lido, discutido e sistematizado. Poderíamos embarcar em caminhos obscuros, por não podermos materializar nossas presenças. (16:47:37) dema2 fala para Professor: Qual motivacao seria esta uma vez que as nossas bibliotecas estao sempre vazias, nosso habito de leitura aumentou porem quem dos paises desenvolvidos mesmo com toda motivacao dada para este fato. (16:47:57) Professor fala para TODOS: Marcia coloca: desta forma, há restrições e cuidados quanto a adoção da educação online que precisam ser destacadas, fazendo-se necessário principalmente formação para os docentes. Senti falta de leituras sobre formação específica para os educadores. (16:49:37) gerson fala para TODOS: Acredito que da mesma forma que todos os demais processos relacionais da sociedade estão em constante evolução/transformação. Não faz sentido defender um modelo educacional atual apenas por medo ou precaução infundada. Necessário é, sem dúvidas, cautela neste processo para não cairmos na mão de mais um jogo de mercado. Todavia, lebrems que Comenius também causou uma revolução qd propõe as bases da didática como a conhecemos hj (16:51:00) dema2 fala para TODOS: Muito provavelmente estes educadores estariam em outro nivel de formacao, digo, estariamos diante de um educador com capacidade adaptttativa ampliada e muito flexivel a mudancas, uma situacao hoje muito distante da nossa realidade (16:52:45) dema2 fala para TODOS: O mercado sempre estara ditando a



regra deste jogo, selecionando, extratificando, marginalizando os profissionais que não tiverem a altura do projeto das TIC (16:53:41) gerson fala para TODOS: A educação de massa substituiu em muito a educação individualizada q com certeza possuía suas vantagens, mas não forecia a interação como a entendemos hj. Os modelos educacionais são assim mudam com o tempo (16:54:29) marcia fala para gerson: Compartilho de suas colocações, e preocupa-me também a constituição da identidade dos educandos mediante o alto volume de informações, conheço a presença do mediador, contudo, até que ponto está seu poder coordenação? (16:56:21) adriana fala para TODOS: Gostaria que fosse comentado as “contribuições para uma pedagogia on-line” (16:57:41) gerson fala para marcia: Tb não podemos mensurar, nem termos certeza da qualidade da educação e dos educadores do modelo atual. Não se sabe tb até q ponto são capazes de coordenar verdadeiramente uma sala de aula visto q não raras vezes joga-se fora a didática e o conhecimento acumulado por séculos. (16:57:59) Professor fala para TODOS: dema 2 e gerson colocam elementos contraditórios sobre as TIC e enfatizam o lado negativo ou prejudicial das mesmas. Mas precisamos estar atentos a um ponto forte: o acesso a informação. Cada vez mais temos acesso a informação e cada vez mais sabemos menos em utilizar de forma crítica e aplicada essas informações, sem contar que grande parte das informações disponíveis são informações sem valor. Entã, lidar com esse contexto de riqueza/pobreza passa a ser um desafio da formação de professores e nossos cursos de formação não estão preparando para tal situação. (16:59:06) marcia fala para adriana: A pedagogia online vem superar a pedagogia da transmissão proporcionando ao educando o acesso a um maior número de informações, conseqüentemente um conteúdo que é em parte preparado e em parte construído ao longo do curso, cuja autonomia e interação é parte constituinte da educação online (17:00:19) jamesson fala para TODOS: É importante objetar toda e qualquer noção que transforma as novas tecnologias como agentes causadoras de revoluções humanas. Como dizia Marshal McLuhan, os meios se apresentam, antes, como extensões do homem, facilitando-lhe a vida, multiplicando-lhe a funcionalidade em seus afazeres contidianos. Nenhuma tecnologia da inteligência, até o momento, multiplicou, sensivelmente, a capacidade intelectual humana e sequer sua relação efetiva com seus semelhantes... (17:00:28) dema2 fala para TODOS: Qual poder vc se refere. Quando tratamos de edc. on-line falamos em democracia plena, aprendo o que eu quiser ate onde achar necessario para o meu desenvolvimento. O risco e minha formacao atraves de informacoes tendenciosas, que esta incluso no poder do coordenador. (17:00:36) Professor fala para TODOS: Pessoal, o tempo do grupo 1 esgotou. O debate está interessante e já tratamos de vários pontos nesse curto espaço de tempo. Vamos passar para a a apresentação do grupo 2 e no final se sobrar tempo debateremos os dois temas. Lembro que essa nossa interação está sendo disponibilizada no nosso curso no ambiente TELEDUC no item material de apoio. Após o término do chat vcs poderão entrar lá e ler todas as interações disponibilizadas e ampliar a discussão realizada.

Outra forma de usar o chat numa aula virtual é para realizar entrevista pessoal ou em grupo, que permite um intercâmbio de informação que oferece ao professor elementos para a avaliação do processo e do aluno, já que oferece ao aluno uma retroalimentação imediata. Geralmente a entrevista apresenta-se de forma mais ou menos estruturada e sobre uma temática ou questões de



discussão previamente conhecidas pelos alunos. As entrevistas possibilitam uma troca comunicativa mais relevante, permitindo abordar temáticas mais complexas, redirecionar o discurso.

3.4 Webfólio

Webfólio é definido por Nevado, Bosso e Menezes (2004) como o conjunto de registros das trajetórias, processos e produtos das aprendizagens no ambiente virtual. É uma coletânea de trabalhos realizados e selecionados pelo educando, auxiliando-o a desenvolver a capacidade de auto-avaliar-se. Ao professor oferece a oportunidade de traçar referenciais para a classe. Agra, Gewerc e Montero (2002) definem webfólio como o instrumento que utiliza as ferramentas tecnológicas com o objetivo de coleccionar as múltiplas evidências do processo de aprendizagem em diferentes meios (áudio, vídeo, gráficos, textos). Para os autores, os webfólios constituem-se “espaços” privilegiados de registro dos processos e produtos da aprendizagem num determinado contexto.

No webfólio valorizam-se todas as etapas, mesmo inacabadas, dos processos de busca e investigação que os alunos realizam, do mesmo modo que as impressões, opiniões e sentimentos despertados pelo assunto em pauta ou até pela forma de trabalho, questionamento aos encaminhamentos dados e assim por diante.

O professor pode encontrar no webfólio elementos para planejar suas ações e intervenções na prática cotidiana. Por isso, não espera até o final da unidade ou do curso para se inteirar do que anda acontecendo na ação dos seus alunos. Pode, a qualquer momento, buscar elementos para entender os diferentes ritmos e percursos dos alunos.

No exemplo abaixo, temos um webfólio organizado por um aluno do curso Metodologia do Ensino Superior, no qual estão as produções desenvolvidas no curso.



Webfólio - Portfólio Individual



Itens	Data	Compartilhamento	Comentários
Educação na Sociedade do Conhecimento: Aprendizagem e Docência em Ambientes Informáticos	19/02/2005	Totalmente Compartilhado	
RASCUNHO E ANOTAÇÕES - Novas Formas de Pensar e Aprender	19/02/2005	Totalmente Compartilhado	
Novas Formas de Pensar e Aprender	19/02/2005	Totalmente Compartilhado	
Apresentação em Power Point	25/02/2005	Totalmente Compartilhado	
Aula Pesquisa na Internet	26/02/2005	Totalmente Compartilhado	
Análise dos Registros do Chat do dia 26/02/05	28/02/2005	Totalmente Compartilhado	
Dificuldade na Introdução das TICs	28/02/2005	Totalmente Compartilhado	
O Papel da Internet na Sala de Aula	28/02/2005	Totalmente Compartilhado	



Comentário de Aluno



Comentário de Formador



Comentários enviados por mim

O webfólio está acessível on-line de forma permanente a tutores e professores, o qual permite uma visão atualizada e cotidiana dos processos de cada aluno e oferece a possibilidade de trocar idéias e concepções de maneira fluida, intervir e construir conhecimento de maneira conjunta. Esta opção também permite o intercâmbio entre alunos, os quais podem compartilhar reflexões, idéias e aprender com os companheiros, transformando-se este instrumento numa potente ferramenta de aprendizagem grupal.

O webfólio permite disponibilizar diários, documentos produzidos nas atividades desenvolvidas nos módulos do curso e também pode incluir trabalhos realizados por iniciativa própria ou por sugestão dos professores, materiais, produtos desenvolvidos fora dos módulos e comentários sobre o trabalho do aluno preparados pelos professores e/ou tutores, relativos ao processo formativo do estudante.

Ao utilizar o webfólio, construindo-o, revendo-o e aperfeiçoando-o, o aluno tem oportunidade para: articular claramente o que realiza no curso e fora dele; traçar conexões entre suas experiências e aquisições ou realizações; registrar experiências, que poderia esquecer ou subestimar, assegurando



retomada de temas, problemas não resolvidos, avanços e o replanejamento; aumentar seu nível de auto-conhecimento e confiança; visualizar aspectos principais que emergem em suas áreas de estudo e de interesse, que o ajudará a tirar maior proveito das oportunidades no curso e em qualquer outro lugar; demonstrar suas competências à medida que assume posições de participante ou de liderança na aula, na comunidade, nas experiências de estágio, de pesquisa e de trabalho; demonstrar desenvolvimento de competências no âmbito de tecnologias multimídia e com o apoio de computador.

3.5 Ferramentas de Monitoração da Participação

Uma das dimensões da avaliação mais ricas para avaliar a eficácia das atividades de aprendizagem colaborativa consiste na análise do nível de participação, dos intercâmbios comunicativos ocorridos durante uma atividade ou durante o curso; em fim, da dinâmica de trabalho do grupo e de cada um dos membros.

Souto et al (2001) apresentam um modelo de monitoração do aprendiz baseado em três requisitos principais: identificação do aprendiz remoto, rastreamento das suas interações com o material instrucional e identificação do padrão de comportamento cognitivo do aprendiz a partir da observação de suas interações com o ambiente. A identificação/autenticação é feita cada vez que o aprendiz entra no curso. O rastreamento é realizado enquanto o aprendiz navega pelas página web, já que todas as suas interações são registradas no *log*, que fica armazenado em uma base de dados. Posteriormente, estas informações são analisadas, com o objetivo de obter os valores de variáveis de índice pré-definidas (padrão de navegação, tempo de acesso total a cada página, desempenho em testes, etc), para posterior identificação do padrão de comportamento do aprendiz por agentes inteligentes, e respectiva adaptação do material instrucional a ser disponibilizado pelo sistema ao aprendiz.

A observação da participação oferece um conjunto de dados de caráter quantitativo acerca do número de vezes que se tem um determinado comportamento, e que o sistema de comunicação reconhece e contabiliza.



Estes dados nos informam de forma geral o número de participações, o volume de mensagens enviadas por pessoa em relação com o momento da atividade (início, meio, final), em relação com a temática principal da mensagem, a quem se dirige estes dados que, são de grande utilidade para complementar os dados resultantes da valorização desde o ponto de vista do aluno e da análise qualitativa das intervenções.

Santos (1999) enumera várias atitudes e comportamentos de alunos em cursos a distância via Internet que podem ser monitorados, acompanhando seus interesses e desempenhos, como: caminhos percorridos sobre os conteúdos disponibilizados pelo professor; utilização e pesquisa de fontes suplementares fornecidas pelo professor; contribuições e em que graus ocorreram na realização de tarefas cooperativas; frequência e periodicidade com que contataram o professor; assiduidade e graus de participação em chats, videoconferência, listas e fóruns de discussão; utilização dos recursos disponíveis no curso; fontes consultadas e sua frequência; iniciativa de pesquisar fontes suplementares por conta própria; contribuição em atividades conjuntas; relevância das mensagens postadas; resposta aos desafios propostos ao final de cada conteúdo; número de acessos realizados versus tempo total de acesso, auto-avaliação e co-avaliações realizados pelos alunos, como prova de suas efetivas participações no ambiente.

Na figura 1 temos, como exemplo, as ferramentas de controle de acesso utilizada no ambiente TelEduc:

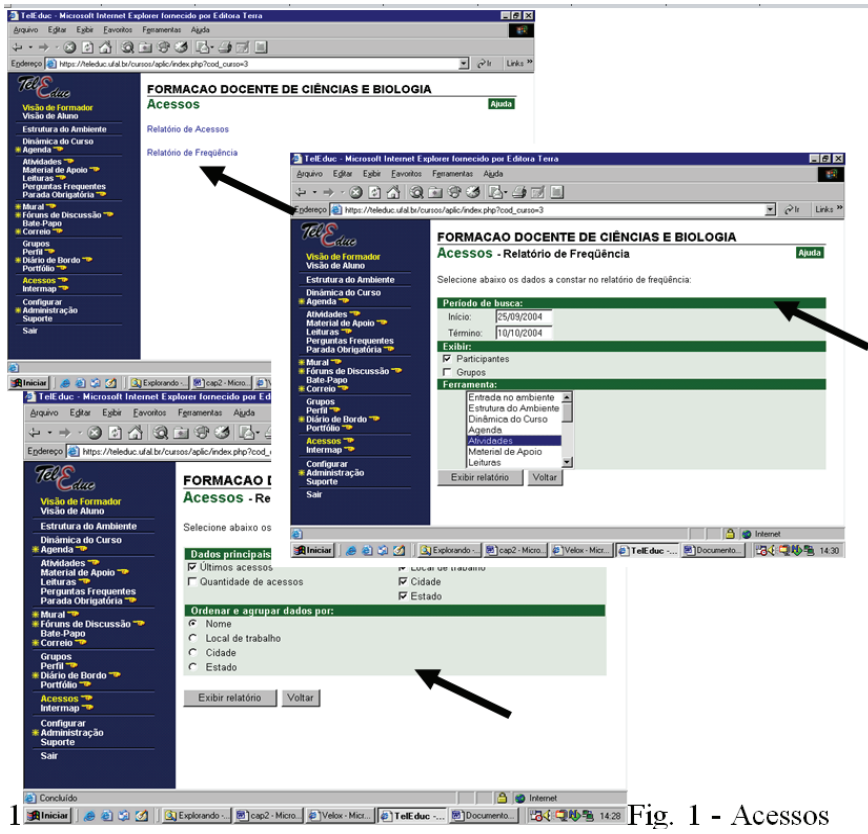


Fig. 1 - Acessos

O relatório de participação pode ser usado em todo o processo de acompanhamento de uma atividade para a verificação dos aprendizes que estão participando.

Em uma atividade de fóruns de discussão, se durante esta verificação, o formador desejar visualizar todas as participações de um determinado aprendiz, ele não precisará percorrer o fórum para buscá-las. Clicando no número de contribuições da coluna de participação, o formador pode acessar um relatório cujo conteúdo é o conjunto de todas as mensagens postadas pelo aprendiz no fórum em questão.



A análise do relatório de participação auxilia o formador a distinguir aprendiz ativos e passivos na atividade, podendo incentivar aqueles que não estão participando.

4. Considerações Finais

Esse texto tratou do contexto das aulas virtuais e algumas possibilidades avaliativas oferecidos por recursos da Internet, visando uma avaliação contínua. Foi abordada a avaliação da aprendizagem em aulas virtuais nos ambientes de aprendizagem na Educação a Distância na Internet, em espaços de apoio ao ensino presencial e semi-presencial, utilizando ambientes virtuais de aprendizagem que facilitam a integração e uso das tecnologias da informação e comunicação. Apresentou e analisou recursos avaliativos em aulas virtuais utilizando as ferramentas de registro, como diários, fóruns de discussão, chats, enfocando atividades de avaliação, seminários virtuais, entrevistas; webfólio e ferramentas de monitoramento da participação do aluno nas atividades das aulas virtuais.

Referências

AGRA, Maria J.; GEWERC, Adriana; MONTERO, Lourdes. **El portfólios como herramienta de análisis en experiencias de formación on lin e presenciales**. TIEC, 2002.

ALVES, Remulo M; ERRICO, Luciano; MESQUITA, Renato C. **Um modelo informacional para avaliações de alunos no ensino a distância via web**. XIII Simpósio Brasileiro de Informática na Educação – SBIE, UNISINOS, 2002. pp. 464-473.

BENITO, Bárbara; PÉREZ, Adolfn. La evaluación de los aprendizajes en entornos de aprendizaje cooperativo. In: SANCHEZ, Francisco M. **Redes de comunicación en la ensenanza**: las nuevas perspectivas del trabajo corporativo. Barcelona: Paidós, 2003.

DUART, Josep; SANGRA, Albert. **Aprender en la virtualidad**. Barcelona: Gedisa, 2000.



GARCIA ARETIO, Lorenzo. **La educación a distancia:** de la teoría a la práctica. Barcelona: Ariel, 2001.

HARASIM, Linda et alii. **Redes de aprendizaje:** guía para la enseñanza y el aprendizaje en rede. Barcelona: Gedisa, 2000.

HEIDE, Ann; STILBORNG, Linda. **Guia do professor para a Internet.** 2ª ed. Porto Alegre, Artmed, 2000.

MASETTO, Marcos; MORAN, José; BEHRENS, Marilda. **Novas tecnologias e mediação pedagógica.** Campinas: Papirus, 2000.

NEVADO, Rosane A; BASSO, Marcos V; MENEZES, André S. **Webfólio:** uma proposta para avaliação na aprendizagem. Conceitos, estudos de casos e suporte computacional. Manaus: UFAM. Anais do SBIE 2004. Disponível em: <http://java.icmc.sc.usp.br/dilvan/papers/2004-SBIE/SBIE-2004.pdf>
Acesso em: 10.02.05.

PALOFF, Rena M.; PRATT, Keith. **Construindo comunidades de aprendizagem no ciberespaço:** estratégias eficientes para salas de aulas on-line. Porto Alegre: Artmed, 2002.

PALLOFF, Rena; PRATT, Keith. **O aluno virtual:** um guia para trabalhar com estudantes on-line. Porto Alegre: Artmed, 2004.

SALINAS, Jesus. **Campus electrónicos y redes de aprendizaje.** España: EDUTEC, 1998.

SALINAS, Jesus. **Uso educativo de las redes informáticas.** EDUTEC, 1999. Disponível em: <http://editor.edutec.rediris.es/documentos/1999/educar.html>. Acesso em: 16/11/00.

SANCHEZ, Francisco M. **Redes de comunicación em la enseñanza:** las nuevas perspectivas del trabajo corporativo. Barcelona: Paidós, 2003.

SANGRA, Albert. **La calidad en las experiencias virtuales de educación superior.** Disponível em: http://www.uoc.es/web/esp/art/uoc/0106024/sangra_imp.html. Acesso em: 08/01/02.



SANGRA, Albert; SANMAMED, Mercedes (Coords). **La transformación de las universidades através de las TIC: discursos y prácticas**. Barcelona: Editorial UOC, 2004.

SANTOS, Neide. Estado da arte em espaços virtuais de ensino e aprendizagem. **Rev. Bras. de Informática na Educação**. n.04, abril de 1999. Florianópolis, SBC.

SANTOS, Neide et al. **Cooperação e aprendizagem on-line**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

SILVA, Marco (org). **Educação online**. São Paulo: Loyola, 2003.

SMITH, Marc; KOLLOCK, Peter. **Comunidades em el ciberespacio**. Barcelona: Editorial UOC, 2003.

A pesquisa na Internet no Ensino de História

Aristóteles da Silva Oliveira

1. Introdução

Analisaremos a utilização da Internet no ensino de História a partir de uma perspectiva construtivista na qual valorize a criatividade, autonomia, subjetividade, em que os erros dos alunos são vistos como formatos de aprendizagem rompendo, assim, com a perspectiva tradicional de conceber o ensino e aprendizagem caracterizada pela transmissão/recepção das informações. Este paradigma apresenta problemas de definição, métodos e não atende as exigências da Sociedade do Conhecimento.

A investigação histórica foi muito prejudicada, pela falta de fontes confiáveis, fragilidades das mesmas ou inacessibilidade. O advento das tecnologias e em especial do computador favoreceu a sistematização da informação, recuperação e preservação de documentos, imagens e sons nos quais ficam disponíveis através da Internet para toda a comunidade, o que antes era privilégio de alguns.

Gradualmente os professores por meio de investimentos estão sendo capacitados para utilizar pedagogicamente os recursos tecnológicos na educação, porém, a deficiência de professores qualificados para manejar esses recursos ainda é enorme carecendo de políticas e investimentos em capacitação e equipamentos.

Mas encher as escolas de computadores não irá trazer mudanças significativas para a aprendizagem se não vier acompanhada de mudanças na forma de conceber o processo de ensino e aprendizagem. Pois, é com a apropriação teórico-prático desse instrumento que as mudanças ocorrem, professores e alunos mais motivados para o processo ensino-aprendizagem.



A pesquisa é o elemento chave do estudo de história, a Internet e as tecnologias da informação e comunicação tornar a investigação muito mais dinâmica e interativa, através dos recursos tecnológicos os alunos são estimulados a estudarem e resolver problemas que só por meio desses recursos são possíveis de solucionar.

Procuraremos analisar a pesquisa no ensino de História usando como principal ferramenta a Internet destacando as principais contribuições que ela propicia para a pesquisa e o ensino de História. É bem verdade que para utilizar a Internet na educação é necessário definir os métodos apropriados para conseguir bons resultados, assim, escolhemos como metodologia inicial realizarmos uma extensa e profunda análise bibliográfica dos principais autores que abordam a questão e paralelamente assinalando nossa visão de como deve ser utilizada essa ferramenta.

2. Utilização das Tecnologias da Informação e Comunicação no Ensino de História

As instituições responsáveis pela educação das nossas crianças, jovens, adultos e professores estão cada vez mais recorrendo às possibilidades de inserir essas ferramentas no cotidiano escolar. Nas mais diversas áreas curriculares os usos das TIC estão, por sua vez, mais intensos, exigindo mudanças de paradigmas para a comunidade escolar.

Contudo, não vemos o ensino de História, seguir esses mesmos passos nas mais distintas séries. Poderíamos apontar como conseqüência, o despreparo de professores qualificados para uso das TIC como ferramentas de ensino-aprendizagem; um casamento indissolúvel como modelos tradicionais de ensino-aprendizagem e o medo de saber que muitos alunos sabem melhor utilizar as tecnologias, além, de muitos alimentarem desconfiança do uso eficaz das tecnologias no ensino de História.

Muitos professores de história acreditam que a sua função é transmitir para os seus alunos os conhecimentos construídos e acumulados durante o tempo e que fazendo isso se torna bons profissionais no campo em que atua,



visão está que caracteriza um modelo arcaico de aprendizagem mais que é adepta da maioria dos professores de história, raros são aqueles que vêem o aluno com potencial, dotados de experiências e questionamentos que extrapolam os conteúdos curriculares.

Hoje, os alunos participam mais ativamente das aulas de história mais permanecem arraigados com a idéia que o professor é responsável em transmitir o conhecimento. Cabe ao professor mostrar-lhes que o aluno tem autonomia e liberdade para construir o conhecimento e que ele não detêm todo o conhecimento histórico, pois isso é impossível. Pelo contrário, deve assinalar que seu papel é de guiar e gerenciador de atividades que possibilitem a aprendizagem, mas que não é sua função transmitir conhecimento, pois como afirma Cadavid (2000).

O conhecimento se constrói, não é dado. O conhecimento é um processo dinâmico e interativo através do qual a informação externa é interpretada pela mente. Isto significa que conhecemos a realidade através dos modelos que construímos para explica-la, e que estes modelos sempre são susceptíveis de ser melhorado e transformados. Por outro lado, cada sujeito tem que construir e reconstruir de forma permanente seu próprio conhecimento de si mesmo e do mundo.

Mudando os conceitos dos professores e alunos do papel que cada um tem que desempenhar no processo de ensino-aprendizagem fica mais fácil aproveitar potencialmente as TIC no ambiente escolar, a cooperação e ajuda mútua configura o novo cenário em que a tônica é a construção do conhecimento colaborativo entre professor-aluno, aluno-aluno.

Notadamente, as aulas que são mediadas pelas TIC, atrai mais o interesse dos alunos e facilita o trabalho do professor é nesta perspectiva que o ensino de História deve acompanhar os avanços tecnológicos buscando uma melhor qualidade do ensino e da aprendizagem.

Outro aspecto importante o qual devemos sublinhar é a possibilidade das interfaces possíveis de acontecer mediante o uso das TIC no ensino de



História. A interdisciplinaridade é favorecida com a utilização da tecnologia e, um conteúdo, pode ser estudado a partir de várias perspectivas. O aluno percebe, então, que os conteúdos estudados têm ligação direta com outras áreas o que dá flexibilidade ao conteúdo e possibilita trabalhar com diferentes professores simultaneamente.

Perceber que a história não está isolada dos outros saberes escolares e que para conhecer melhor e interpretar os fatos históricos é necessário dialogar com outras disciplinas aumenta a capacidade de análise e interiorização dos conteúdos trabalhados na sala de aula pelos alunos.

Trabalhar a partir de uma perspectiva construtivista exige mudanças teórico-metodológico, principalmente, na relação professor-aluno, pois “não vale a pena ensinar dentro de estruturas autoritárias e ensinar de forma autoritária. Pode até ser mais eficiente a curto prazo – os alunos aprendem rapidamente determinados conteúdos programáticos – mas não aprendem a ser pessoas, a ser cidadãos”. (MORAN, 1997, p. 7).

Ensinar História é formar alunos críticos, seletivos, questionadores, enfim, conscientes de seu papel e valor histórico dentro da sociedade não é apenas introduzir novos meios tecnológicos no ensino de História que fará mudar ou melhorar a qualidade do ensino, pelo contrário, os meios tecnológicos servem, sobretudo para auxiliar e ao mesmo tempo facilitar a aprendizagem do aluno, mas podem ser também utilizados para perdurar modelos tradicionais de ensino. Sendo assim, só será significativo quando acompanhado de métodos claros, definidos de utilização, sobre isso Mercado (1999, p.64) afirma:

As novas tecnologias, por si só, não são veículos para aquisição de conhecimento, capacidades e atitudes, mas precisam estar integradas em ambientes de ensino-aprendizagem, situações que permitam ao aluno os processos de aprendizagem necessários para atingir os objetivos educacionais desejados.



3. Ensinando História com Internet

O estudo da história é fascinante, através dela podemos ter uma compreensão maior das ações do homem no tempo e das formas que ele criou para sobreviver e dominar a natureza. Estudar história é estudar o homem, entender sua origem, costumes crenças, a cada dia o homem constrói a história: no seu trabalho, na escola, em casa.

O Ensino de História está fundamentado na pesquisa, preservação e transmissão do saber histórico acumulado pela humanidade. A responsabilidade dos professores de história com seus alunos é criar uma ponte lógica entre o passado e presente sem, no entanto, cair na rotina da transmissão/recepção do conhecimento.

Hoje, o professor tem um grande aliado que subsidia e auxilia o seu trabalho na sala de aula – a Internet. Analisaremos a seguir as possibilidades didáticas da utilização da Internet como ferramenta auxiliar do professor no processo ensino-aprendizagem colocando as principais contribuições e vantagens de utilizar essa ferramenta como instrumento didático.

Atualmente, muitos estudos são desenvolvidos sobre as possibilidades pedagógicas da utilização da Internet na Educação, principalmente, no que se refere à melhoria da qualidade do ensino ofertado, mas como os professores de História podem utilizar a Internet como instrumento facilitador e ao mesmo tempo estimulador da aprendizagem? Quais as competências e habilidades exigidas para utilizar todo o potencial que a Internet tem a oferecer para o ensino de História? É o que buscaremos responder neste capítulo.

Existem várias fontes de pesquisa histórica como jornais, livros, revistas, fósseis, cartas, desenhos rupestres, objetos, entre outros, cada uma oferecendo contribuições para reconstruir ou entender um fato em determinada época, porém, é preciso verificar a autenticidade dessas fontes sua importância e relevância para a humanidade. Não é diferente com a Internet, pois nem tudo que está disponível na *Web* vem de fontes confiáveis. Há, no entanto, um aspecto positivo é que toda e qualquer pesquisa pode ficar a disposição de alunos, professores, e a comunidade e podem ser confrontados com sites e outras fontes de pesquisas que abordem a mesma temática.



Falar das vantagens de utilizar a Internet para ensinar e aprender história não é uma tarefa fácil, pois muitas das pesquisas relacionadas ao uso da Internet na educação não atendem às demandas da especificidade da disciplina o que representa, também, um aspecto positivo, pois se configura um campo vasto para pesquisa, projetos e experimentos. E, este, é um dos objetivos desse trabalho, mostrar as possibilidades didáticas que o uso da Internet apresenta para o processo de ensino-aprendizagem em História.

O panorama de utilização da Internet na educação é promissor e o ensino de história não pode ficar fora dessas novas ferramentas utilizadas para o ensino e a aprendizagem. Não podemos, como historiadores apenas contemplar essas transformações no campo do saber é preciso integrar-se a esta nova perspectiva e explorar a riqueza e o potencial dessa ferramenta para transformar o ensino e a pesquisa histórica.

A Internet quando foi criada, não tinha a função ou objetivo de educar, porém, o não acesso a ela significa, atualmente, ficar a margem da educação. A utilização dessa ferramenta na aprendizagem deve-se à gama de instrumentos didáticos possíveis que ela fornece, sendo assim, paradigmas, vantagens e desvantagens fomentam as discussões e estudos encabeçados por diversos pedagogos e estudiosos Moran (2000), Mercado (2002), Heide e Stölborng (2000) os quais apresentam para a comunidade escolar metodologias em que delinham o momento e a forma de se aplica este recurso pedagógico adequadamente.

Durante muito tempo a aprendizagem ficou centrado na figura do professor como sendo depositário inequívoco de conhecimento, porém, com a inserção da Internet como recurso didático modifica-se a função do professor, ou seja, passa de detentor supremo do conhecimento, responsável em transmitir informações para um “aluno” mais experiente que busca junto com os colegas na sala solucionar problemas e construir o conhecimento sem nenhum tipo de hierarquia entre professor-aluno, pois ambos buscam o mesmo objetivo.

A diferença está na experiência e habilidade do professor de colaborar na construção individual e coletiva dos alunos. Seu papel, assim, é de norteador,



orientando, incentivador e nunca de uma postura autoritária no qual é pago para transmitir informações e os alunos responsáveis em engolir sem mastigar as informações passadas.

O ensinar e o aprender com a Internet tomam desenhos em que aluno, professor, escola e sociedade só têm a ganhar, portanto, todos devem buscar dos responsáveis pela educação em nosso país medidas político-pedagógica de viabilizar para que todos os estudantes possam conectar-se à Internet, capacitar professores através dos cursos de formação continuada a aplicarem esse recurso de forma coerente e revolucionaria na educação.

Com o uso da Internet na sala de aula e das ferramentas que ela oferece, a aprendizagem tornar-se mais efetiva partindo do pressuposto que os alunos estarão bem mais motivados e fascinados com o computador, do que se estivessem recebendo informações do professor e/ou copiando ou memorizando assuntos dos livros didáticos que seriam cobrados nas atividades ou avaliações.

As possibilidades de utilização da Internet na aprendizagem são variadas, no qual os alunos podem pesquisar e interagir onde de outra forma seria impossível: correios eletrônicos, chats, banco de dados, áudios, vídeos são instrumentos oferecidos que dinamiza o processo de cognição e, simultaneamente, estimula a pesquisa e criatividade dos alunos.

Correios eletrônicos ou como é popularmente conhecido *e-mail* é uma poderosa ferramenta de comunicação que pode ser utilizados por alunos e professores para divulgarem resultados de pesquisas ou trocarem informações relevantes facilitando e enriquecendo a aprendizagem através da socialização das informações obtidas individualmente, mas compartilhada em grupo entre colegas ou instituições de ensino.

Os **chats** poderão ser usados pelos alunos de localidades longínquas ou contíguas para discutirem determinado assunto em voga na mídia e/ou discutirem assuntos referentes às disciplinas curriculares sendo necessário apenas que ao mesmo tempo estejam conectados e anteriormente combinado o dia e hora da interação.



A Internet engloba inúmeros repositórios de informações que estão disponíveis nos mais variados sites de busca oferecendo a comunidade escolar fontes inesgotáveis de pesquisa. O único problema encontra-se na seriedade das informações, pois não existe um controle rigoroso para divulgação de trabalhos na Internet. Qualquer pessoa pode divulgar seu trabalho, cabe, portanto ao professor selecionar ou elencar aos alunos os sites dignos de serem pesquisados.

Várias **conferências** quotidianamente são realizadas virtualmente graças à capacidade áudio/visual de comunicação síncrona. Assim, muitas aulas, encontros científicos e seminários poderão ser ministrados à distância podendo participar alunos de diversas localidades.

Inserir os alunos em **ambientes de aprendizagens *on-line*** significa que esses estudantes estarão sempre atualizados buscando incessantemente pela aprimoração e aprofundamento do conhecimento. Não se concebe mais que alunos possam ficar excluídos dessas transformações metodológicas ocorridas com a inserção da Internet na aprendizagem, está fora desse processo é permanecer no vício de transmissão e recepção de conhecimentos acabados onde não existe espaço para a construção e/ou reconstrução do conhecimento.

O papel do professor ao utilizar a Internet como recurso didático de ensino-aprendizagem implica em mudanças metodológicas principalmente na relação professor-aluno. Neste novo cenário de aprendizagem não se admite mais uma postura autoritária e inatingível do professor no seu convívio com os alunos na sala de aula, a integração entre professores e alunos, a busca pelo conhecimento e o reconhecimento que nem sempre terá respostas ou mesmo que o aluno manejará a máquina mais habilmente do que ele é característica intrínseca da utilização dessa ferramenta.

O contato pessoal em qualquer relacionamento é indispensável e a utilização da Internet não dispensa entre professores e alunos o momento presencial. Contudo, algumas atividades serão mais produtivas caso sejam realizadas a distância, assim, estaremos formando alunos autônomos responsáveis pelo seu próprio crescimento intelectual.



Dessa forma, segundo Moran (2000, p. 8) “combinando a aprendizagem presencial e virtual os professores estarão formando alunos conscientes do seu papel no processo da aprendizagem em que saberão resolver e encontrar respostas sem a interferência de um professor, em outros momentos perceberam que precisam do auxílio de um guia.”

O professor deve injetar nos alunos interesse pelo estudo e pela pesquisa individual ou grupal. Enquadrar alunos em ambientes de aprendizagem virtual requer do professor metodologias inovadoras de atrair a atenção dos alunos, pois eles facilmente se dispersam ao usarem a Internet pelos atrativos e interfaces que ela fornece.

A aprendizagem torna-se mais significativa com o uso das ferramentas que a Internet oferece. Trabalhos interdisciplinares, intercâmbio de informações e perspectivas de aprendizagem integradoras contribui para um processo de ensino-aprendizagem construtivista no qual os erros de professores e alunos são formatos também da aprendizagem.

Instrumentalizar professores e alunos teórico e na prática sensibilizando da importância da Internet como apoio e recurso pedagógico do processo ensino-aprendizagem é crucial frente às transformações sócio-econômicas de um mundo globalizado em que exige constante adequação e atualização da sociedade.

Trabalhar com a Internet exige mais da capacidade de articulação e atualização e constante aprendizagem, porém, os problemas com a utilização não são desculpas para não utilizá-lo, pelo contrário, o professor deve conhecer as experiências bem-sucedidas, os métodos mais eficazes só assim podemos esperar melhor qualidade no ensino ofertado nas escolas.

O principal objetivo da História é estudar o homem e este nas suas diversas dimensões: social, cognitiva, ontológica, etc. compreender a complexidade de estudar o homem e investigar sua origem e as formas que ele criou para sobreviver em meio à natureza e com os da sua espécie e o eterno objeto de pesquisa histórica.

Esta nova concepção de ver a história revolucionou a visão do objeto e dos instrumentos utilizados na investigação história e ficou conhecida como



“Nova História” no qual tiveram grandes teóricos, adeptos e multiplicadores que serviu, sobretudo, para: eliminar a especialidade; desenvolver a pluridisciplinaridade; passar do teórico (debate) para as realizações; combater a história metódica; ampliar o objeto de estudo da História; ter uma nova compreensão da pesquisa histórica.

Foi com a “Nova História” que o conhecimento histórico passou de um grupo seletivo de historiadores para alcançar praticamente toda a sociedade e a mídia em geral: livros, revistas, jornais e agora de forma mais intensa a Internet, sobre essas transformações, Áries e Duby (1984, p. 25) fazem a seguinte afirmação “a história sofreu sem dúvida, muitas transformações, sabemos-lo bem, agora que, sob as suas formas novas, ela conquistou o meio e o grande público”.

Outro fator responsável pela história ganhar as proporções vista foi o desenvolvimento e o acesso aos meios de comunicação, o qual fomentou a produção de filmes que abordassem a temática histórica e possibilitaram também o registro nos livros e revistas as mais novas descobertas historiográficas. Sobre o poder da mídia e sua influência na história Le Goff (1999, p.11) faz a seguinte declaração:

consiste no fato de que, apesar de tudo, é fácil constatar sem pomposidade pode ser definido com o triunfo da história. E, se de contradição se trata, o fato apresenta ainda mais interessante se se tomar em consideração o plano particular em que tal triunfo se manifesta. Refiro-me à procura de grande público a que assistimos. Se lançarmos um olhar pela imprensa, pelas revistas, pelos livros pelo mass media como a rádio e a televisão, pelo número de obras históricas publicadas pelas editoras e pelas respectivas vendas, o triunfo da história é inegável; é uma realidade para qual os próprios interessados não estavam preparados”

Não podemos desvencilhar o ensino de História da pesquisa é um erro quer fazê-lo, pelo contrário, a aprendizagem só é significativa quando o aluno é levado a pesquisar, pois, é nesse momento que ele analisa, seleciona, busca



informações em diversas fontes, utilizar vários instrumentos aprende fazendo e é no fazer que a aprendizagem acontece, sublima, amadurece, ao invés, de receber algo pronto o aluno torna-se pesquisador.

Para Andrade (1995, p. 25), “a pesquisa é um complicador para uma pedagogia que não reconhece o aluno e o professor como agentes da construção do conhecimento”. Assim, podemos afirmar que a pesquisa e o ensino de História deve valorizar estes dois elementos que estão intrinsecamente ligados sem merecer um mais do que o outro, mas de apontá-los como responsáveis pela aprendizagem, pois como ela continua a destacar refletindo sobre o significado de que ensinar História é também ensinar a pesquisar história.

Os principais problemas, enfrentados na pesquisa e no ensino de História, advém de séculos e está arraigado numa metodologia que privilegia os grupos que estão no comando da sociedade em detrimento das descobertas metodológicas apoiadas na “Nova História” e nas recentes descobertas historiográficas. Apesar do avanço na pesquisa e no método de ensina e aprender História, esses avanços ainda não mudaram o ensino na maioria das nossas escolas.

Poderíamos apontar como causa primeira que as escolas hoje preparam seus alunos para passar no vestibular exigindo assim do professor que repasse para os seus alunos todo o conteúdo cobrado no vestibular essa prática é intensificada no ensino médio o qual dificulta para o professor trabalhar de forma livre e organize o seu tempo com atividades e reflexões que contribua para os alunos construírem uma aprendizagem significativa que favoreça seu crescimento como cidadão participativo e atuante da sociedade.

Dessa forma o professor fica impedido de colocar em prática tudo o que aprendeu na teoria e como resultado observam nos seus alunos o desinteresse pela disciplina que se apresentar para eles como meras histórias sem significado e importância para a realidade em que vivem.

Como historiadores sabemos das potencialidades e importância dessa disciplina, pois é só por meio da história que podemos transformar a realidade em nosso entorno. Pesquisar para a História é, sobretudo, entender o homem,



buscar soluções para os problemas do cotidiano e preservar em diversas fontes a ação dos homens em determinada época para que não venha ser perder a produção cultural de determinado período histórico.

Os fatos históricos são únicos e não se repete, essa constatação complica a investigação, pois toda a informação obtida desse fato reflete parte da realidade, mas não toda a realidade, no entanto, todo pesquisador busca ao máximo chegar mais próximo da verdade e para isso utiliza vários instrumentos e técnicas que lhe forneça as informações necessárias para construir a história.

Mas em que consiste o ensino de História? E para quê? Acreditamos que já respondemos, anteriormente, a essa pergunta, mas gostaria de citar o que Carretero (1997, p. 82) assinala sobre o assunto:

Neste sentido, e do ponto de vista do ensino da História, a compreensão da história poderia ser definida da seguinte maneira: como fazer com que as crianças ou os jovens possam visitar este estranho país chamado passado? Não há dúvida que tanto o conhecimento histórico como o das ciências sociais são necessárias para essa viagem, mas é essencial precisar qual o papel que desempenha cada um deles. Se um professor explica um tema sobre o Império Romano, está explicando história? Acreditamos que a resposta não seja, necessariamente, afirmativa. Isto é, se estiver apenas descrevendo as características sociais e políticas desse período, talvez possamos dizer que esteja ensinando sociologia do Império Romano, mas não história. Ou seja, para esta última, deveriam estar incluídos não só os conhecimentos sobre os tempos passados, senão, também, a análise de como se chegou a esse tipo de sociedade naquela época e por que mudou; que relação há entre o Império Romano e a Idade Média, ou entre este e, por exemplo, a busca de uma unidade européia na época de Carlos Magno ou na época de Napoleão; isto é, que relação pode ser estabelecida ao mesmo tempo entre dois momentos no tempo.

Estamos presenciando um momento ímpar na pesquisa e no ensino de História, temos conhecimento e técnicas que causaria inveja a qualquer historiador do passado, mas em contrapartida, não estamos aproveitando esses



avanços tanto teórico-metodológico como os instrumentos para melhorar a qualidade do ensino de História. O que vemos são professores isolados que buscam incorporar esses avanços a sua prática pedagógica.

Atualmente os historiadores estão sofrendo uma espécie de falta de paradigmas que expliquem a realidade, afetando diretamente ao professor de História que fica sem referencial para embasar sua prática. As críticas aos dois modelos de explicação histórica: marxismo e Nova História confundem os professores que não sabem qual teoria incorporar a sua prática essa dicotomia poderá ser resolvida com o surgimento de novos modelos de compreender e explicar a história como afirma Cardoso e Vainfes (1997, p. 23).

em minha opinião, como foi explicado, é inevitável que surjam, a curto ou médio prazo, um ou mais paradigmas explicativos globais, já que as razões que os suscitaram no passado, os graves problemas sociais e mundiais sem resolver, exigiram que se renovem os horizontes utópicos orientadores, amanhã, de lutas sociais menos parciais e mais coerentes do que as de hoje: as quais serão, no entanto, bastante diferentes das lutas de ontem, já que, por mais que ainda no âmbito do capitalismo, as sociedades humanas sofreram e continuam sofrendo transformações de enorme alcance.

O professor de História no seu fazer pedagógico pode criar condições para que cada aula ministrada seja um momento de pesquisa, de interpretação, de investigação, de análise, de interação entre sujeito e objeto, basta-o estar comprometido com seu ofício e ter recursos necessários para desenvolver seus métodos. Isto é um desafio, mas como assinala Vieira, Peixoto, e Aunvhoury (1998, p. 72)

Abrir mão da teoria e das certezas como algo dado e prévio, que norteia e dá substância ao trabalho de investigação, significa um desafio, um estímulo e configura-se como uma tarefa árdua ainda que prazerosa. Desafia e estimula porque, a medida que abre mão de critérios seguros, o historiador, tendo que forjar sua própria trilha, elaborando seus instrumentos de trabalho, aparece como agente da historicidade que



também se interpreta. Nesse caminho rearticula suas relações com a teoria; ele a pensa e a constrói no interior da investigação.

Assim, acreditamos, que as aulas de História será um ambiente favorável à pesquisa e a aprendizagem; ao invés; de um ambiente caracterizado pelo repasse de conteúdos, mudando, assim, os paradigmas e as estratégias didáticas.

4. Metodologias Envolvendo a Utilização da Internet no Ensino de História

O campo da investigação histórica é amplo sendo possível desenvolver vários projetos utilizando como ferramenta a Internet. Através dela os alunos terão acesso a documentos, imagens, sons que pela fragilidade, localização e despesas seria impossível o acesso a eles.

Na web os alunos poderão visualizar documentos e imagens da história local e nacional na qual poderá ser utilizada como tema gerador para várias pesquisas e desenvolvimentos de projetos. Por meio de um único projeto poderá ser estudado vários aspectos de um único país como: clima, moeda, nativos, língua, cultura etc.

O importante é que juntos professores e alunos possam se engajar para que o projeto seja significativo. Para o êxito de qualquer tipo de trabalho utilizando o projeto como instrumento de ensino, aprendizagem e avaliação são necessários que os alunos estejam motivados para trabalharem em grupo e a pesquisar constantemente.

A sociedade a qual vivenciamos, atualmente onde o número quase infinito de informações é gerada fica praticamente impossível de compacta-las num currículo escolar. Então, o que fazer para que os alunos tenham acesso aos saberes produzidos diariamente pela sociedade? E como utilizar dessas informações para o seu crescimento intelectual e profissional? São perguntas atuais colocadas para a escola de hoje.

Os trabalhos com projetos aparecem, assim, como solução eficaz na difícil tarefa de ligar a teoria com a prática como destaca Leite e Santos (2002, p. 1)



A metodologia de trabalho de projeto, centrando-se na pesquisa temática no terreno e/ou na resolução de problemas, pretender introduzir uma dinâmica integradora e de síntese entre a teoria e a prática. A teoria decorre diretamente da prática, tal como esta daquela, num processo interativo, não havendo separação entre o saber e o saber fazer. Assim, integra conhecimentos adquiridos e desencadeia a aquisição de novos conhecimentos e experiências. Pela prática se humaniza, se socializa o saber, a teoria ajuda a ultrapassar o empirismo, estrutura e aprofunda esse saber.

O trabalho de projetos surge da necessidade de ancorar uma educação significativa e de qualidade no qual os alunos apresentam-se como protagonistas de sua aprendizagem. Os projetos são dessa forma uma metodologia que implica na participação ativa dos estudantes em todas as fases da elaboração do projeto até sua conclusão: escolha do tema, recursos que ira utilizar, fontes as quais utilizará.

Os projetos valorizam, sobretudo, a capacidade criativa, selecionadora, crítica, investigadora dos estudantes colocando sobre seus ombros responsabilidades. Para isso, no entanto, é necessário um acompanhamento de perto do professor para que eles se sintam que não estão sós nesse processo.

Trabalhar com projetos na sala de aula é uma tentativa valiosa de romper com práticas educativas que nunca se justificaram e que hoje se torna inadmissível frente às transformações globais que a sociedade está passando. É preparar o aluno para ser um cidadão atuante que saiba trabalhar colaborativamente, que busque solucionar problemas e que se posicione criticamente sobre as dificuldades que aparecem cotidianamente.

No ensino de História, a Pedagogia de Projetos contribui imensamente para a recuperação da dimensão científica do saber histórico, trazendo à sala de aula os métodos e técnicas do ofício do historiador, mesmo que de forma elementar, quando o tema/problema enseja a pesquisa em fontes, sejam elas documentais, icnográficas, através da realização de entrevistas, e naquilo que se convencionou chamar de história oral. Almeida, Almeida; Mesquita (2004, p.35).



Os projetos favorecem que alunos desde as primeiras séries comecem a manejar os instrumentos, a analisar e ter uma visão mais global e integradora das disciplinas já que uma característica intrínseca no trabalho com projetos é a interdisciplinaridade tomada no sentido mais essencial dessa terminologia.

Os alunos terão acesso a instrumentos e técnicas que o ajudarão na caminhada escolar tornando-o cada vez mais autônomo e responsável pela sua aprendizagem como assinala Leite e Santos (2002, p. 5).

No trabalho de projeto estuda-se a problemática (tema ou problema) através de uma ação investigativa e de intervenção. Assim, a aprendizagem é uma atividade de pesquisa. Pretende-se desenvolver espírito crítico, raciocínio rigoroso, criação de hábitos de estudo, operações mentais de observação, procura de informação, autonomia, iniciativa pessoal, crítica documental, análise, confronto, síntese, exploração, criação de alternativas, capacidade de perspectivar pistas diversificadas para abordar os problemas. A MTP pode funcionar como uma alfabetização à investigação científica.

Os projetos devem ser elaborados a partir das sugestões dos alunos, desse modo, sentirão mais motivados para desempenhar seu papel no projeto, o que provavelmente não ocorrerá se o professor determinar o tema. No entanto, não se pode excluir dos projetos temas dos currículos normais das disciplinas, mas que ao se trabalhar haja um diálogo fecundo entre professores e alunos, e em comum acordo, escolha um tema ou temas que os grupos possam trabalhar ou como coloca Hernandez (1998, p.58) “os projetos não são uma fórmula que se pode aplicar de maneira repetida. Cada tema pode surgir de uma circunstância diferente: uma visita a uma exposição, uma questão proposta na imprensa ou na televisão, um debate em sala, um tema que o professor considere necessário estudar. A problematização do tema é uma tarefa chave, pois abre o processo de indagação”.

Trabalhar no ensino de História com projetos, contribui significativamente para os alunos apropriarem-se de técnicas e métodos que despertam a curiosidade, o desejo de aprender, terem uma visão mais



panorâmica da realidade sócio-cultural em que eles vivem, mas, sobretudo, para torna-los responsáveis pela sua aprendizagem.

Enfim, as finalidades dos projetos são abrirem uma relação aberta entre professores, coordenadores, alunos e comunidade favorecendo o intercâmbio de informações e compartilhamento de experiências e contribuições que cada um poderá fornecer.

Os principais objetivos que envolvem a metodologia de trabalho de projetos segundo Leite e Santos (2002) são as seguintes: utilizar uma metodologia baseada numa concepção ativa da aprendizagem em que os alunos são construtores do conhecimento; desenvolver capacidades investigativas; compreender relações dialógicas entre teoria e prática; desenvolver capacidades de trabalho em grupo e de compreensão das dinâmicas grupais; despertar e desenvolver características de criatividade; experienciar metodologias de resolução de problemas; desenvolver processos de autonomia individual e de grupo; sensibilizar à contextualização social e interdisciplinar dos problemas; desenvolver relações de solidariedade e competências de participação social. implicar os alunos numa metodologia de avaliação reguladora; contribuir para a construção de novas relações entre professores e alunos, alunos entre si, com a escola, com a comunidade.

O trabalho com projetos só é viável dentro de uma perspectiva construtivista onde o aluno participa de toda a elaboração do projeto sendo, assim, responsável pelo conhecimento adquirido. E, quando, professores, pais e comunidade participam junto com os estudantes é que o conhecimento tornar-se significativo e lógico.

5. Proposta de projetos usando a Internet – o webquest

A inserção da Internet na sala de aula redefine toda a estrutura organizacional de uma escola interferindo diretamente na estrutura curricular: o tempo, a pesquisa, os métodos, a avaliação, a interação é modificada com o uso dessa ferramenta; dinamizando e alterando o se perfil como centro de excelência par formar cidadãos.



Uma das metodologias mais utilizadas, atualmente, e que favorece a elaboração de projetos é o webquest definido por Mercado e Viana (2004, p. 22) “como um ambiente envolvendo atividades orientadas para a pesquisa em que os aprendizes interagem, estão nos recursos provenientes da Internet”.

O trabalho com projetos permite que os alunos aprendam cooperativamente/colaborativamente por meio do intercâmbio e socialização das informações já que todos os projetos construídos ficam a disposição de toda a comunidade escolar através da Internet.

Os projetos geralmente são desenvolvidos em equipe, cada membro fica responsável em realizar determinada atividade no final o resultado advém de um esforço conjunto, ao invés, dos trabalhos tradicionais onde a competição é alimentada desenvolve-se interfaces entre professores/alunos/Internet.

Cada membro assume, assim, um papel importante na elaboração do projeto no qual dependerá o sucesso do projeto conjugando compromisso pessoal e de grupos. Os estudantes aprendem com os erros, com os colegas. Habilidades antes não desenvolvidas começam a surgir, experiências a enriquecer o processo de aprendizagem.

A utilização efetiva da Internet na educação exige padrões e resultados para o aprendizado do aluno. Sem expectativas de aprendizagem específicas para atividades baseadas na Internet, os alunos perderão a direção, o foco e ficarão sobrecarregados com a súbita quantidade de informações disponíveis para eles (MERCADO e VIANA, 2004).

Assim, o webquest, aparece como instrumento de pesquisa na qual orienta e delinea oferecendo subsídios sólidos e eficazes sem, no entanto, correr o risco de os alunos se dispensarem com o número de informações disponíveis na Web.

O uso do webquest na aprendizagem não exclui o papel de professores e coordenadores, pelo contrário, é preciso o envolvimento e o suporte deles como figuras experientes do processo de ensino que facilite e favoreça a aprendizagem dos alunos. É apenas com a integração entre professores e alunos que a aprendizagem acontece e junto com a tecnologia o processo ensino-aprendizagem começa a modificar, as experiências de projetos desenvolvidos



com alunos nas mais diversas instituições de ensino é uma prova viva na qual podemos vislumbrar um futuro melhor quantitativamente e qualitativamente do ensino ofertado nas escolas.

No entanto, o uso do webquest não está limitado a uma hierarquia escolar tanto pode ser utilizado no Ensino Fundamental e Médio como também no Ensino Superior. Ao utilizar esta metodologia os professores sentem mais seguros de se trabalhar com os recursos disponíveis na Internet.

Ao utilizar o webquest os alunos passam de uma posição passiva e receptiva do processo de ensino-aprendizagem para serem alunos pesquisadores-autores já que é responsável direto pela construção da aprendizagem cabendo ao professor guiar, estimular e avaliar os projetos elaborados pelos alunos.

Uma das características fundamental na utilização do webquest é a autonomia que os alunos têm para elaborarem seu projeto. Usar o webquest não é uma tarefa complexa, pelo contrário, a facilidade de utilização e os recursos que ele disponibiliza incentiva o aluno a pesquisar.

O desenho do webquest segue as seguintes etapas: introdução, tarefa, processo, recursos, organização da informação e uma conclusão com os nomes dos autores, público-alvo e referência bibliográfica. Esse formato do webquest sensibiliza desde cedo os alunos trabalharem metodologicamente contribuindo para o amadurecimento como investigadores.

No ensino de História a metodologia do webquest pode ser usada para construir projetos pilotos como, por exemplo, relacionados à realidade histórica da região ou pertinentes ao currículo trabalhado pelo professor. Assim, se o professor estiver analisando a sociedade escravocrata poderá elaborar um projeto que tenha como foco a sociedade escravocrata no qual os alunos buscarão na Internet os subsídios teóricos para construir o projeto.

Outros projetos poderão ser realizados integrados com outras disciplinas favorecendo, assim, a interdisciplinaridade e contribuindo para que os alunos tenham uma visão mais ampla do tema estudado. A seguir colocaremos um exemplo do webquest que trata da questão palestina e está direcionada para alunos de 5ª a 8ª série do ensino fundamental.



A QUESTÃO PALESTINA: DE QUAL LADO FICAR?

DISCIPLINA: História

Série: 5ª a 8ª série do ensino fundamental

Autor: Aristóteles da Silva Oliveira

Introdução

O fato dos conflitos entre Israel e os palestinos estarem sempre na mídia e a repercussão mundial que este conflito provoca, com opiniões diversas e contraditórias, nos motiva a conhecer melhor essa região, costumes e habitantes que ocupa esses territórios. No entanto, precisamos conhecer as origens desse conflito e o porque ele se arrasta por tantos anos, sem vislumbrar nenhuma solução viável em curto prazo para resolver esses conflitos.

O interesse mundial pela questão palestina deve ser entendido deste uma perspectiva que possa conciliar opiniões distintas sem beneficiar um em detrimento do outro. Para tanto, faz-se necessário conhecer as reivindicações de ambas as partes e buscar soluções plausíveis que favorece um ambiente de paz nesta região.

Outrossim, esperamos sensibilizar os estudantes do real significado da guerra entre palestinos e judeus que perpassa por questões religiosas e principalmente geopolíticas.



Objetivos:

- Conhecer mais profundamente a origem, desenvolvimento e contexto atual dos conflitos entre israelenses e palestinos.
- Analisar as principais reivindicações de palestinos e israelenses sobre o território em conflito.
- Discutir os diversos ângulos que a mídia jornalística aborda sobre a guerra entre estes dois povos.

Tarefas:

1ª tarefa: visitar sites de três jornais diferentes que tratem do assunto da questão palestina e fazer um quadro analítico colocando opiniões favoráveis a Israel e outro aos palestinos.

2ª tarefa: coletar imagens de confrontos entre israelenses e palestinos e posicionar sobre os efeitos que esses conflitos causam a população daquela região.

3ª tarefa: procurar na Internet a bandeira de palestinos e israelenses e o significado de cada uma delas.

4ª tarefa: elaborar uma redação como você fosse um palestino e tivesse que defender a causa israelense e do mesmo modo se você um israelense e tivesse que defender os palestinos, a partir das visitas aos *sites* selecionados.

Procedimentos:

a) Inicialmente visitar três sites de jornais online em seguida elaborar um quadro analítico defendendo as reivindicações de palestinos e israelenses.

<http://oglobo.globo.com/online/default.asp>

<http://jbonline.terra.com.br/>

<http://home.uol.com.br/>

b) Elaborar um álbum seriado de fotos mais marcantes que tratam da questão da palestina.

http://www.feranet21.com.br/fatos_historia/fatos/conflito_arabe_israelense.htm



http://www.bbc.co.uk/portuguese/pulltogether/s_orientemedio.shtml

<http://www.estadao.com.br/internacional/orientemedio/>

c) Visitas os sites que tratam da questão palestina.

http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/oriente_medio.shtml

<http://www.estadao.com.br/internacional/orientemedio/>

<http://www.ricardocosta.com/pub/palestina.htm>

<http://www.midiaindependente.org/pt/red/2003/04/252629.shtml>

<http://www.bomdestino.com/resumos/pdf/aquestaopalestina.pdf>

http://www.clubemundo.com.br/revistapangea/show_news.asp?n=90&ed=4

<http://refazendo.me.sites.uol.com.br/palestina.html>

<http://www.gandalf.com.br/pl/>

Avaliação:

Analisaremos o envolvimento de cada grupo durante todo o processo como principal instrumento de avaliação, também utilizaremos as produções e apresentações dos trabalhos realizados.

Utilizar os recursos da Internet para elaboração de projetos tem um objetivo precípuo: constatar que o uso dessa ferramenta está intrinsecamente ligado a uma aproximação maior entre aluno e professores, e que os recursos disponíveis na web favorecem o processo de ensino-aprendizagem.

O uso da metodologia webquest no ensino de História é uma poderosa ferramenta que poderá revolucionar as aulas, pois, ao invés de receber as informações prontas nos livros didáticos eles terão que pesquisar em diversos sites, selecionar o que será útil para a sua pesquisa e aquilo que no momento não servirá, esses procedimentos torna-os maduros, experientes e pesquisadores.

O exemplo do webquest que colocamos no qual tratou da questão palestina é apenas um modelo, a área do conhecimento histórico é muito rico e proporciona a construção de vários projetos. Mas, é importante destacamos que o professor deverá oferecer aos seus alunos materiais e situações que permitam seus alunos avançarem, disso dependerá o sucesso dessa metodologia.



6. Considerações Finais

As reflexões e análises realizadas neste trabalho foram frutos de questionamentos com relação ao uso da Internet como ferramenta de pesquisa para professores e alunos de história. Procuramos, também, sublinhar as contribuições da pesquisa histórica utilizando como instrumento a Internet colocando os aspectos mais relevantes da utilização dessa ferramenta.

Assinalamos as dificuldades decorrentes do uso da Internet como instrumento de pesquisa, sobretudo, por problemas técnicos ou pela falta de um acompanhamento mais de perto do professor haja vista o aluno ao pesquisar encontra uma gama de informações que não saberá traduzi-los em conhecimento caso a figura mais experiente no processo – o professor não esteja próximo para guiá-los.

Uma das vantagens mais significativas do uso da Internet na educação é a socialização ou troca de informação entre pesquisadores e estudantes. Veja por exemplo a editoração de um livro o qual não é privilégio para qualquer pessoa que pretende fazê-lo. Definir o direcionamento e o público-alvo passar por uma comissão editorial e depois de todo os obstáculos concluídos, quantos poderão ter acesso a esse material? Com a Internet qualquer pessoa pode disponibilizar sua pesquisa na qual poderá ser visualizado por milhares de pessoas sem nenhum custo, poderá também entrar em contato com o autor do texto concordando ou discordando de suas idéias, opinar o que utilizando o livro era praticamente impossível, por não ter nenhum dado pessoal do autor, com a Internet podemos entrar em contato com o autor através do correio eletrônico e chats.

O ambiente de aprendizagem mediado pela Internet favorece a formação de alunos-pesquisadores no qual o foco da aprendizagem transpõe da figura do professor para o aluno, já que esses alunos terão acesso a informações que antes ficavam restritos apenas para os professores que por sua vez transmitia para os alunos o “conhecimento” já pronto, acabado sem nenhuma reflexão ou construção por parte do aluno.



Analisamos que a mudança no perfil das aulas de história ocorrerá através de uma mudança didático-metodológica a qual está ligada diretamente a conscientização de que os recursos tecnológicos com ênfase na Internet favorecem a criação de um ambiente favorável a esta mudança.

A nossa intenção ao elaborar esse estudo foi formular hipóteses de como romper com práticas tradicionais de ensino e aprendizagem no ensino de História, enfocando as tecnologias da informação e comunicação como ferramentas indispensáveis para modificar a relação professor-aluno e criar um cenário apropriado para a construção do conhecimento.

Vimos que os Parâmetros curriculares nacionais traz contribuições significativas para a formação continuada do professor de história. Enfocamos, também, que ensinar história com a Internet estimula a pesquisa e favorece o intercâmbio e socialização de informação. Analisamos que os projetos surgem da necessidade de ancorar uma educação centralizada na aprendizagem ao invés do ensino, reestruturando, assim, toda a organização curricular da escolar.

Acreditamos que as reflexões realizadas servirão, sobretudo, para mostrar que é possível mudar práticas educacionais quando o foco da aprendizagem está pautada numa perspectiva sócio-construtivista de conceber o processo ensino-aprendizagem.

Referências

ALMEIDA, Maria G.; MESQUITA, Fernando. **Metodologia do Ensino de Estudos Sociais**. Maceió: Q-Gráfica, 2004.

ANDRADE, Mariza. Ensino e pesquisa na sala de aula. **Revista Presença Pedagógica**. Belo Horizonte: 1995.

ARIES, Philippe; DUBY, George. **História e nova história**. 3ª ed. Lisboa: Teorema, 1984.



CADAVID, Catalina. Los proyectos colaborativos: una estrategia de aprendizaje significativo en la incorporación de las NTIC al aula. Viña del Mar. **V congreso iberoamericano de informática educativa**, 2000.

CARDOSO, Ciro; VAINFAS, R. (Org.) **Domínios da história**: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

CARRETEIRO, Mario. **Construtivismo e educação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

HERNANDEZ, Fernando. Os projetos de trabalho e a necessidade de transformar a escola. **Revista Presença Pedagógica**. Porto Alegre: v. 4 n° 21, 1998.

LE GOFF, Jacques. **Reflexões sobre a história**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

LEITE, Elvira; SANTOS, Melice. **A área de projecto e a metodologia de trabalho de projetos da intenção à concretização**. IIE-Biblioteca Digital, 2002.

MERCADO, Luís Paulo; VIANA, Maria Aparecida (Orgs.). **Projetos utilizando a Internet**: a metodologia webquest na prática. Maceió: Q Gráfica/Marista, 2004.

MERCADO, Luís Paulo. (Org.) **Novas tecnologias na educação**: reflexões sobre a prática. Maceió: EDUFAL, 2002.

_____. **Formação continuada de professores e novas tecnologias**. Maceió. EDUFAL/INEP, 1999.

MORAN, José M. **Ensino e aprendizagem inovadores com Tecnologias**. Porto Alegre: PGIE-UFRGS, 2000.

_____. Como utilizar a Internet na educação. São Paulo, **Ciência da Informação**, v.26 (2); 1997.

VIEIRA, Maria do Pilar. **A pesquisa em história**. 4.ed. São Paulo: Ática, 1998.

O Ambiente Virtual como suporte ao estágio supervisionado em Biologia

Lílian Carmen Lima dos Santos

1. Introdução

Os ambientes virtuais de aprendizagem vêm ganhando espaço nas discussões sobre educação e tecnologias da informação e comunicação. É importante definir o que são estes ambientes, o que os caracterizam como ambiente de aprendizagem, destacar como o uso das ferramentas disponibilizadas nestes ambientes pode contribuir para a construção do conhecimento, salientando que, não vem a ser a estrutura em si que garante a aprendizagem, mas como são utilizadas na construção de conhecimentos, tendo em vista a ação individual beneficiando o coletivo e, por fim, relatar como um ambiente virtual pode dar suporte ao Estágio Supervisionado, através de um relato de experiência no curso de Ciências Biológicas na Universidade Federal de Alagoas.

A partir das diversas definições sobre ambientes virtuais de aprendizagem mostraremos a relação que existe entre os elementos que fazem parte do conceito deste do ponto de vista dos diversos autores, enfocando a importância de uma plataforma bem estruturada que permita a interatividade. Para Santos (2003, p. 223) ambiente virtual de aprendizagem é um espaço fecundo de significação onde seres humanos e objetos técnicos interagem, potencializando assim a construção de conhecimentos. Já os autores Jonassen, Davidson e Collins (apud BARBERA et al, 2001, p. 159) definem como “uso da tecnologia de rede de computadores para facilitar a comunicação entre estudantes que não coincidem estar no mesmo espaço físico”. Palloff e Pratt (2002, p. 88) consideram a interação entre o professor e os alunos através do



computador, salientando a interação dos sujeitos com a própria tecnologia. Silva (2003, p. 62) define esses ambientes como “sala de aula on line” com uma arquitetura composta de ferramentas que viabiliza a construção da interatividade e da aprendizagem. Cunha Filho (apud LAGO, 2002, p. 90) define como ambientes pedagógicos com características tecnológicas e sócio-cognitivas. Podemos observar nos vários conceitos e definições que elementos básicos como: espaço, tempo, sujeitos, interação, comunicação e objeto são constantes sendo importante a caracterização desses ambientes, permitindo a discussão sobre a aprendizagem on line.

2. Características dos ambientes virtuais de aprendizagem

Nos ambientes virtuais de aprendizagem a estrutura construída deve permitir a troca de informações possibilitadas por recursos interativos, os quais viabilizam a EAD em diversos sistemas de ensino. Porém as discussões não devem focar as ferramentas comunicacionais, mas a aprendizagem construída de forma colaborativa, na qual a comunicação alicerça a construção do conhecimento. A utilização de hipertextos, bem como a possibilidade de integrar várias mídias favorecendo uma leitura não linear, faz destes ambientes um ambiente espaço propício à aprendizagem, lembrando, porém, que “o aprendizado decorre das ‘inter-ações’, ou seja, das relações que se criam nas ações acompanhadas de reflexões sobre seus resultados e produção de significados” (ALMEIDA, 2003, p. 206).

Estes espaços promovem certa flexibilidade, a qual permite aos usuários “fazer descobertas e representações” (op. cit, 2003, p. 206), pois viabilizam e potencializam comunicações, além de permitir a elaboração de atividades conceituais e acompanhamento durante o desenvolvimento do curso ou disciplina, enfatizando que a ênfase não deve ser às ferramentas, mas à “concepção de currículo, de comunicação e de aprendizagem utilizada pelos autores e gestores da comunidade de aprendizagem” (SANTOS, 2003, p.224).

A interação em ambientes virtuais de aprendizagem, segundo Barbera (2001, p. 166) “parte da análise das dimensões que caracterizam o contexto



virtual de ensino aprendizagem”, e ainda de acordo com o mesmo autor as dimensões cognitivas e sociais são essenciais na caracterização da interação, seja entre os sujeitos ou entre o sujeito e os elementos textuais do ambiente.

Os ambientes utilizados na área educacional são elaborados por vários profissionais de conhecimentos específico e técnico, o que contribui para um bom desenvolvimento do ensino e da aprendizagem, pois a aprendizagem deve ser construída objetivando favorecer o envolvimento do aluno de forma colaborativa. A sistematização da prática de estudos é viável, promovendo, assim, o processamento das informações para gerar conhecimento partindo de uma comunicação multidirecional, a qual possibilita o contato entre emissores e receptores criando situações de aprendizagem a partir da colaboração.

São programas digitais disponíveis na Internet providos de ferramentas (correio, fórum, bate-papo, portfólio, mural, dentre outros) as quais viabilizam a comunicação de várias formas, ou seja, comunicação um a um (e-mail), comunicação de um para muitos (fóruns de discussão), comunicação de muitas pessoas para muitas pessoas.

As instituições de ensino que utilizam ambientes virtuais devem estar atentas para as plataformas desses ambientes, pois os mesmos devem possuir uma arquitetura que garanta a interatividade. Mas, não basta ter uma estrutura constituída de várias ferramentas comunicacionais para que se garanta a interação, pois não são os meios disponibilizados que irão garantir a aprendizagem, ou seja, “o meio estrutura a interatividade, mas não a determina” (SANTOS, 2002, p.117). A arquitetura deve possibilitar a comunicação de forma flexível quanto ao tempo e espaço, disponibilizar fontes de informações diversas para os alunos, todo esse contexto redefine o perfil do aluno e do professor que trabalham on line.

O que vem dando um grande suporte à acessibilidade aos instrumentos tecnológicos é a disponibilidade de vários espaços como bibliotecas, laboratórios de informática, dentre outros. Vale salientar que mesmo em sintonia com o ambiente virtual existirão alunos que serão mais e outros menos colaborativos, pois o uso de tecnologias na educação não tem o mesmo resultado em todos os alunos, seja na falta de habilidade com



as ferramentas, resistência em lidar com tecnologias digitais, dificuldade em trabalhar coletivamente, dentre outras causas.

Com as inovações tecnológicas de comunicação e informação, a mediação pedagógica através do professor ainda é garantia de aprendizagem colaborativa e, no universo de informações apresentadas pelos *media* e equipamentos eletrônicos de última geração, o papel do professor é recuperar a origem e a memória do saber, de estabelecer uma certa origem e direcionamento para as práticas, os conhecimentos, as vivências e posicionamentos apreendidos nos mais variados ambientes e equipamentos. Atualmente o professor vem buscando de várias formas dar continuidade a sua formação, apesar das dificuldades econômica e social, acreditando na transformação de sua prática educativa na sociedade digital, onde ao ensinar também aprende ampliando sua prática pedagógica. (KENSKI, 2001, p. 99).

O professor quando atua de forma efetiva, orientando e acompanhando o processo de ensino e aprendizagem, media a aprendizagem coletiva de forma dinâmica e de acordo com Kenski (2001, p.105), “o papel do professor, no ato de ensinar/aprender é partilhar com outros professores e estudantes os recursos materiais e informacionais de que dispõe, para que juntos possam estabelecer alguma ordem”, aproveitando as possibilidades da comunicação via Internet para potencializar a prática educativa de forma flexível, valorizando as relações interpessoais. Para isso o professor precisa estar em contínua formação estando em contato com a tecnologia da comunicação como alternativa de aprendizagem colaborativa a fim de facilitar a aprendizagem.

As ferramentas que fazem parte da interface de um ambiente virtual de aprendizagem possibilitam o relacionamento entre os envolvidos, auxiliando na construção coletiva do conhecimento. Todo o conteúdo a ser trabalhado pode ser compartilhado ao se fazer uso de diversas ferramentas e, esta dinâmica de planejamento e execuções requer habilidade e objetividade.

A disponibilização das ferramentas, nesses ambientes, para a construção do saber, deve estar estruturada de tal forma a possibilitar a interação. As ferramentas que configuram um ambiente virtual de aprendizagem caracterizam o perfil deste espaço devido à função de comunicação que as



ferramentas possuem, podendo formar uma rede de interações, favorecendo uma aprendizagem coletiva de forma construtiva. É importante enfatizar que o papel das ferramentas, quando bem utilizadas, pode apresentar resultados qualitativos e quantitativos devido à importância da comunicação no processo de ensino e aprendizagem de forma colaborativa e que vai além do uso das tecnologias. Para Coll e Cols (apud BARBERA, 2001, p.169), a interatividade parte da articulação do professor e dos alunos em torno de um conteúdo ou de uma tarefa de ensino aprendizagem.

A produção de material pedagógico para ambientes virtuais de aprendizagem é peculiar ao ambiente virtual, pois os textos devem ser atrativos, hipertextuais e com um desenho que favoreça a leitura de forma motivadora garantindo o interesse e a motivação do usuário.

3 - O ambiente virtual TelEduc como suporte ao Estágio Supervisionado

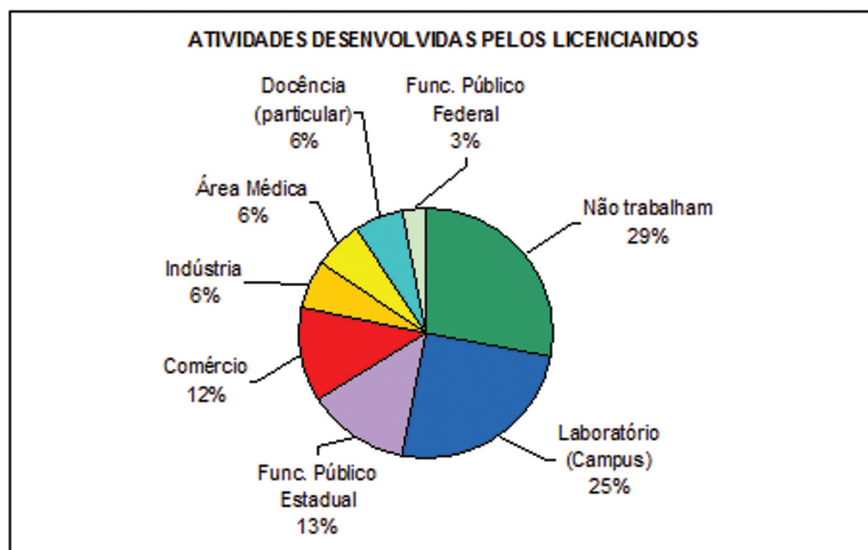
Os estágios de observação e regência são efetivados no final do curso e apresentam dificuldades que são encontradas e enfrentadas na disciplina Estágio Supervisionado, especificamente no curso de Ciências Biológicas da Universidade Federal de Alagoas, no turno noturno, entre elas estão: encontrar escolas que aceitem os estagiários, adequar os horários de estágio com a disponibilidade dos alunos, fazer o acompanhamento sistemático dos estágios, dentre outras. Resolver todas as questões relativas às dificuldades encontradas no estágio não é tarefa fácil e muitas vezes possível. Porém, no que se refere ao acompanhamento dos estagiários nas escolas-campo, a utilização de um ambiente virtual, como suporte, apresentou-se como uma alternativa inovadora e pertinente.

Antes de descrever como a disciplina foi desenvolvida, acho pertinente destacar o perfil da turma. Os dados foram coletados a partir de um estudo diagnóstico realizado na turma no início do ano letivo.

Considere importante fazer este levantamento devido às dificuldades apresentadas quando da organização dos estágios em escolas-campo.

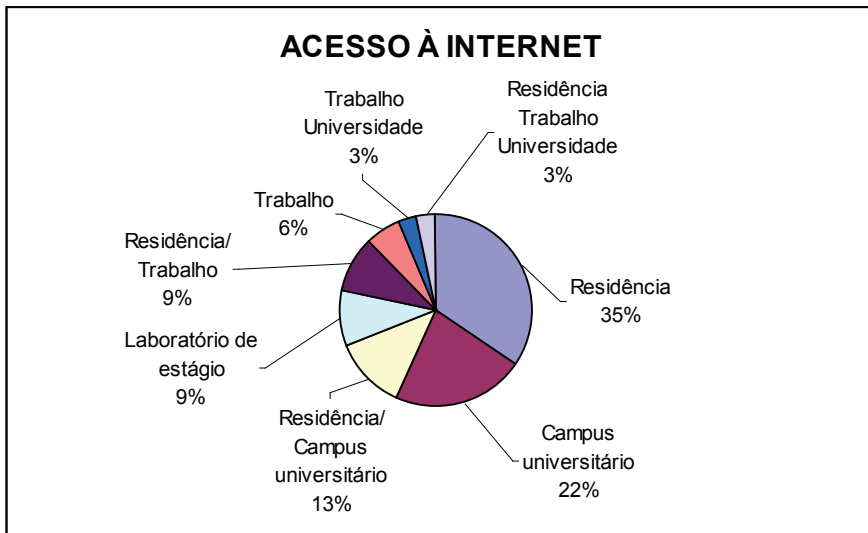


O grupo formado por trinta e dois (32) alunos e apresenta a seguinte caracterização em termos de gênero: 75% do grupo é composto por mulheres; 25% é composto por homens. Quanto às atividades desenvolvidas pelos alunos fora da graduação o grupo apresenta as seguintes características:



A busca destes dados torna-se relevante, visto que os licenciandos do turno noturno apresentam esta particularidade, ou seja, a maioria já exerce outras funções no mercado de trabalho. Este fator é um ponto, até certo ponto, preocupante, quando temos que organizar horários e locais de estágios.

Quanto ao acesso à Internet o grupo apresenta condições diferenciadas no que se refere aos locais de acesso. De acordo com os dados abaixo foi possível fazer uso de um ambiente virtual para dar suporte ao estágio. Estes dados forma essenciais na implementação da metodologia da disciplina.



Alguns licenciandos residem em outros municípios. A ênfase o local de residência dos alunos foi considerado relevante diante da metodologia da disciplina, que conta com estágios de observação e regência em escolas-campo e, os alunos puderam fazer a opção em atuar nos municípios em que possuem residência fixa. A opção foi viabilizada devido à possibilidade em enviar os registros semanais via ambiente virtual. Saliento, ainda, a importância dos alunos conhecerem a realidade onde estão atuando, ainda que seja através do estágio, pois deixa o licenciando mais próximo do contexto social em que vive.

Como pudemos perceber, o grupo apresentado revela possuir algumas especificidades como: inserção no mercado de trabalho – ainda que não seja na área educacional – e residentes em municípios diversos. A ideia de trabalhar com um ambiente virtual via Internet veio atender a essas especificidades apresentadas pelo grupo.



O ambiente virtual de aprendizagem TelEduc¹ foi utilizado para o desenvolvimento da metodologia da disciplina Estágio Supervisionado do curso de Ciências Biológicas/Licenciatura plena da Universidade Federal de Alagoas, no período 2004 no turno noturno.

¹ O TelEduc é um ambiente de ensino-aprendizagem pelo qual se pode realizar cursos através da Internet. Disponível em <http://teleduc.nied.unicamp.br/teleduc/>

A estrutura da disciplina foi montada a fim de favorecer uma interface simples com possibilidades efetivas de realização de atividades e troca de informações. A interface do ambiente é de fácil navegação, permitindo aos alunos a interação, favorecendo ao aluno a oportunidade de experienciar sua participação numa comunidade virtual de aprendizagem colaborativa. É um ambiente que possui ferramentas de informação e de comunicação.

A estratégia adotada pela disciplina, durante o ano letivo de 2004, em fazer uso de um ambiente virtual a fim de acompanhar o estágio, através de relatórios semanais, troca de informações e relatos individuais, permitiu à disciplina um suporte que superou às dificuldades de acompanhamento, de forma sistemática, dos licenciandos nas escolas-campo. A dificuldade em encontrar escolas para o estágio foi vencida a partir do momento em que os próprios licenciandos buscaram autorização nas escolas para fazer o estágio. Desta forma, cada dupla formada, ao procurar uma escola que atendesse às suas necessidades como: acesso, local e horário, ficou responsável para requisitar da escola-campo uma declaração autorizando o estágio dos respectivos licenciandos em suas dependências. Essa atitude deixou os licenciandos, de certa forma, mais seguros e, ainda deu conta da dificuldade de adequação de horário.

O ambiente virtual TelEduc baseia-se em ferramentas de coordenação, administração e de comunicação e a possibilidade oferecida para registrar as ações ocorridas durante o processo de desenvolvimento das atividades viabilizando uma avaliação processual e, segundo Rocha (2003, p. 380) “a consulta facilitada às informações geradas em um curso tem sido o alvo de desenvolvimentos atuais e futuros no ambiente”, caracterizando assim, uma permanente construção do ambiente.

A arquitetura dos ambientes virtuais de aprendizagem é desenhada para possibilitar a interação entre os sujeitos tendo como base a estruturação



e disponibilização de ferramentas que, em potencial, viabilizam a comunicação síncrona e assíncrona. O papel dos formadores e o desempenho dos alunos trabalhando em ambientes virtuais são fatores essenciais na construção de uma aprendizagem baseada na colaboração.

A arquitetura básica do ambiente TelEduc é vista na Figura 1.

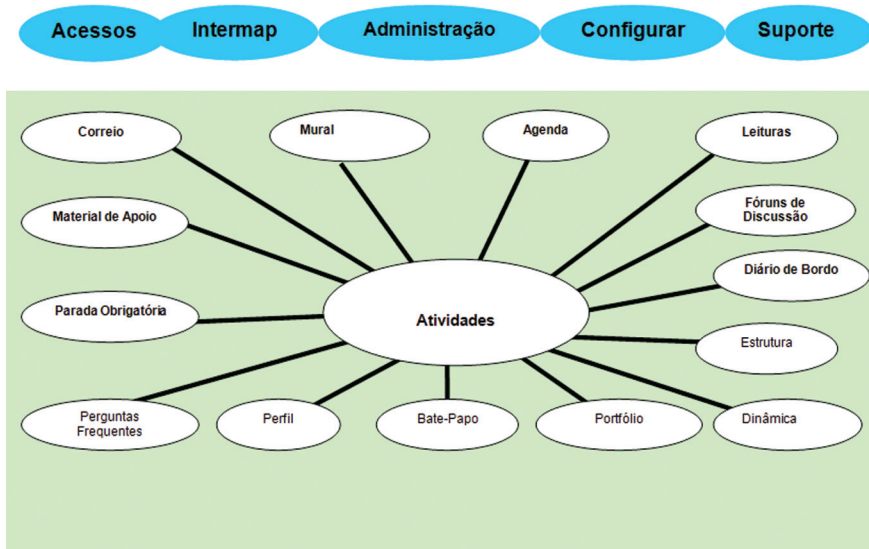


Figura 1 – Estrutura básica do ambiente TelEduc (SILVA, 2003, p. 379)

As ferramentas que estão destacadas foram utilizadas de forma efetiva durante disciplina Estágio Supervisionado, na medida em que foi sendo desenvolvido o estágio nas escolas-campo.

Na figura 1 a ferramenta **Atividades** é o elemento centralizador na dinâmica dos cursos que utilizam este ambiente. A arquitetura apresentada está estruturada com base em ferramentas que são caracterizadas de acordo com a função que desempenham, objetivando viabilizar um processo onde o professor possa interagir, editar material e acompanhar, de forma sistemática, o desenvolvimento do grupo.



Ferramentas de coordenação → organizam e dão suporte às ações que são desenvolvidas durante um curso.

Agenda → As páginas do ambiente TelEduc possuem dois frames, o da esquerda expõe as ferramentas e o da direita expõe o conteúdo relativo à ferramenta selecionada. A página que abre o ambiente é a AGENDA (Figura 2), a qual possui informações atualizadas do curso e onde o aluno pode acompanhar o desenvolvimento do curso. A edição da agenda permite anexar arquivos, digitar textos e disponibilizá-la o tempo que for necessário até uma nova atualização, lembrando que agendas desativadas ficam à disposição, através do link, **agendas anteriores**.

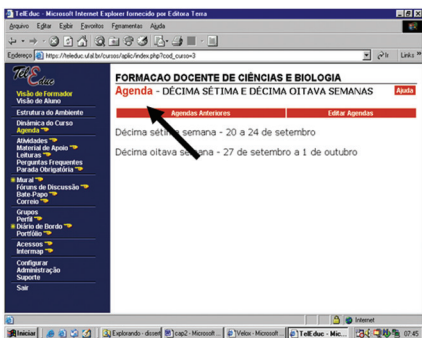


Figura 2 - Agenda

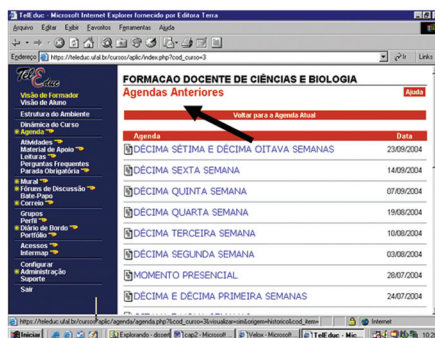


Figura 3 – Agendas anteriores

Nota-se, nas figuras 2 e 3, o agendamento semanal dos estágios, desta forma, os estagiários podem acompanhar a carga horária e ter como base o período para registrar seus relatórios no **Diário de Bordo** (Figura 4).



Vivências com Aprendizagem na Internet (O Ambiente Virtual como suporte ao estágio supervisionado em Biologia)



Registros no Diário de Bordo realizado de forma sistemática e, em sintonia com o andamento semanal.

Figura 4 – Diário de bordo

Atividades, Material de apoio, Leituras à Figuras 5, 6 e 7 respectivamente, são ferramentas que centram os conteúdos a serem trabalhados. São editadas a partir de um título seguida de comentários do professor, devendo, os conteúdos, serem acrescentados como arquivo (arquivos anexos) ou retirados da Internet (endereços da Internet), podendo ser organizados em pastas. Os arquivos podem ser atualizados através de transferências de arquivos. Estas ferramentas são disponibilizadas somente para os formadores onde há a opção de ser compartilhada com outros formadores ou com todos os envolvidos. As ferramentas **Material de apoio** e **Leituras** são utilizadas, respectivamente, para disponibilizar material de apoio às atividades e textos, bem como referencial bibliográfico.

Vivências com Aprendizagem na Internet(O Ambiente Virtual como suporte ao estágio supervisionado em Biologia

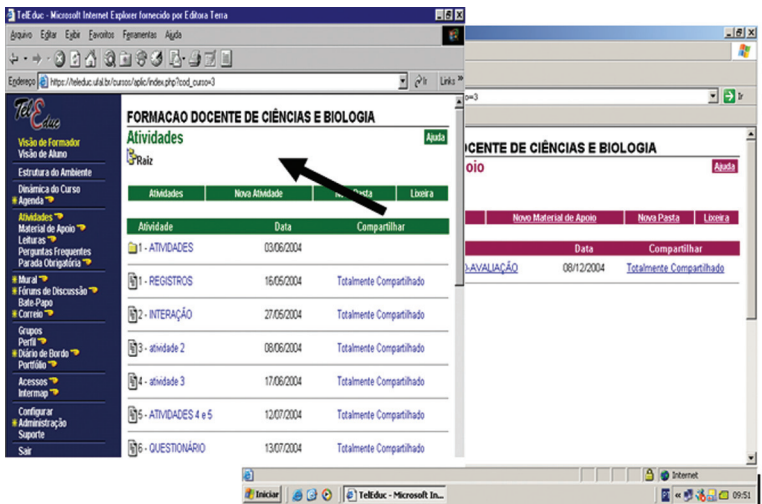


Figura 5 – Atividades

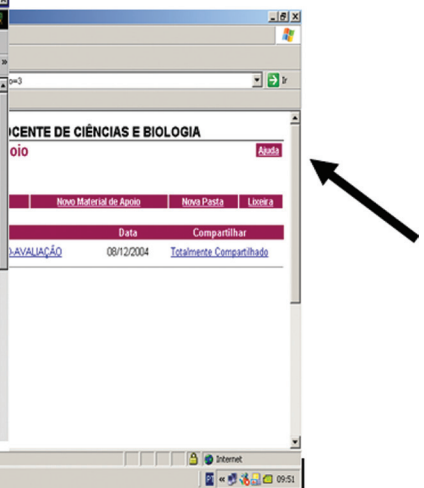


Figura 6 – Material de apoio

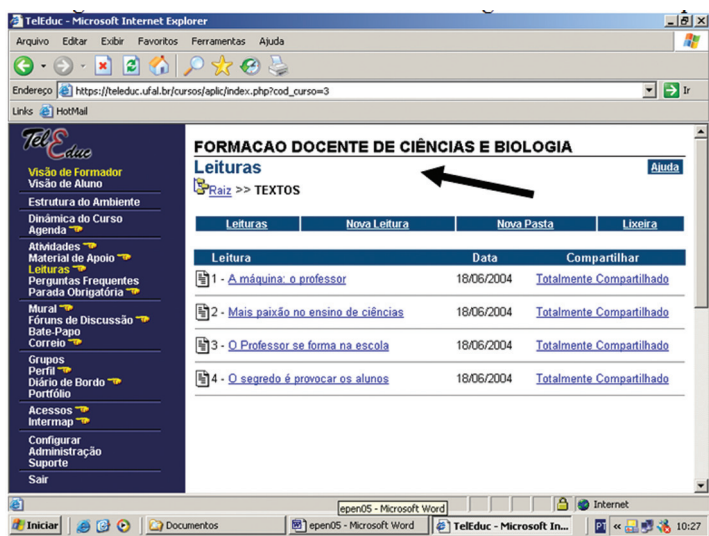


Figura 7 - Leituras



Em relação à quantidade de acessos às ferramentas citadas acima, podemos perceber uma frequência significativa. De acordo com os registros que ficam guardados no ambiente a ferramenta **Leituras** teve 247 acessos, **Atividades**, teve 448 acessos e **Material de Apoio**, 241 acessos. Esses dados foram coletados no período de maio/2004 a janeiro/2005.

Grupos à Esta ferramenta possibilita ao formador organizar a turma em subgrupos, o que viabiliza a comunicação entre grupos de forma particular, tanto na interação professor x aluno, quanto na interação aluno x aluno (Figura 8).

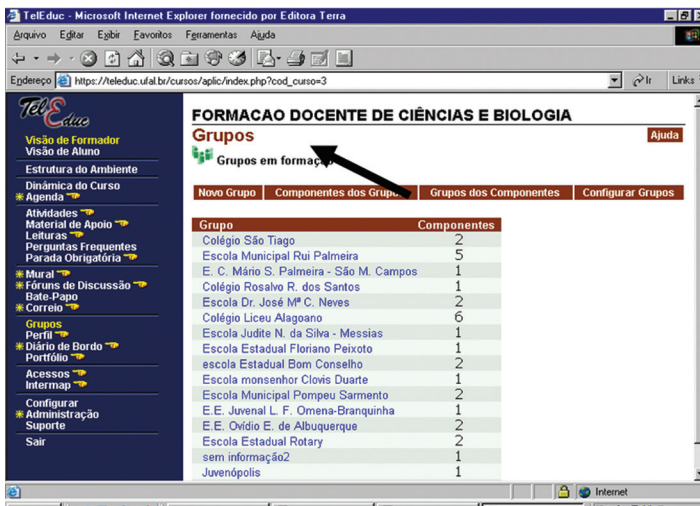


Figura 8 - Grupos

Ferramentas de comunicação → São ferramentas que permitem as trocas de idéias e sugestões. O diálogo é assíncrono.

Mural → Ferramenta utilizada para expor idéias, avisos, informações, sugestões. Pode ser utilizado por todos que fazem parte do grupo. Esta ferramenta foi muito utilizada pelos licenciandos. Inicialmente, dividiram inseguranças, receios e dúvidas, mas também, dividiram força de vontade, encorajamento e empenho ao assumirem as salas de aula. Verificando os registros das falas dos alunos perceberemos a corroboração das afirmativas acima.



Título: não se desesperem!!! - Emissor: JCL² - Data: 23/05/2004 10:31:28

Anotação: acho que todos nós estamos compartilhando a mesma ansiedade em enfrentar uma sala de aula pela primeira vez. Mas não desanimem, é apenas mais um desafio que iremos enfrentar!!!!

Título: Compartilhando experiências - Emissor: RC - Data: 23/05/2004 11:24:25

Anotação: espero que todos nós possamos compartilhar nossas experiências, a fim de alcançarmos o objetivo principal, que é de nos tornarmos um bom profissional na área de educação.

Título: VALE A PENA TENTAR - Emissor: RGS - Data: 24/05/2004 22:20:52

Anotação: Pode ser que cada de um nós estejamos agora receosos com relação ao que vamos encontrar em nossas salas de aula, no entanto ao realizarmos um trabalho de qualidade e observarmos a satisfação da missão cumprida em fornecer aos nossos alunos a possibilidade de descobrirem que são capazes de descobrir o novo ou interagir com o que já existe, podemos de fato sentir que vale a pena tentar, vale a pena ser professor.

Título: SATISFAÇÃO - Emissor: DPD - Data: 25/05/2004 21:05:09

Anotação: Por mais árduo que você ache que será o desafio de lecionar, nada pode superar a satisfação que se sente ao ver os olhos do aluno, outrora ávidos pelo saber, se tornarem em um olhar saciado ao receberem de você aquilo que buscavam, o conhecimento ! ISSO, REALMENTE NÃO TEM PREÇO !!!!!

Título: Ansiedade - Emissor: FL - Data: 28/05/2004 10:28:21

Anotação: Já estamos nas salas e alguns não estão regendo, por isso, uma ansiedade de sabermos como nos comportar, diante das adversidades de uma turma. Estamos na condição de licenciandos e encarados na condição de estagiários. Para eles somos motivo para testes, para nós, de desafio.

Título: primeira mensagem - Emissor: FAC - Data: 02/06/2004 00:21:38

Anotação: Finalmente consegui ter acesso a este ambiente. Diferente da maioria de vocês meu estágio vai começar só essa semana devido ao falecimento do pai do professor de Biologia da Escola a qual iremos lecionar (Liceu). Confesso que estou ansioso. Irei assumir uma turma de 1º ano com aproximadamente 25 alunos, a impressão que tive quando visitei a escola pela primeira vez foi melhor que eu esperava, espero me sair bem. Para amenizar minha ansiedade, estou lendo um livro muito bom e prático sobre psicologia educacional, quem se interessar posso emprestar, aí vai a referência: BARROS, C. S. G. Pontos de Psicologia Escolar. 5º ed. São Paulo: Ática. 224p.

Título: Greve “em vão” - Emissor: GABS - Data: 09/08/2004 09:54:09

Anotação: Pessoal, é mesmo de irritar que toda esta manifestação de greve tenha resultado praticamente em nada. O governador mostrou-se inflexível em não ceder aumento de salário aos servidores da Educação. Diz ele que tal reivindicação não poderia ser atendida pois não seria possível manter o pagamento em dia. Talvez só em outubro... O pior de tudo é que as aulas são paralisadas (mesmo que por poucas

² Fiz a opção de tratar os licenciandos pelas iniciais de seus nomes.



é desfavorecido naturalmente. Vamos torcer pra que nosso estágio não seja mais “atrapalhado” por coisas que poderiam ser resolvidas com medidas eficientes. Um abraço a todos, G.

Correio → meio de comunicação assíncrono, onde mensagens e arquivos são enviados. A utilização desta ferramenta, pelos alunos e professores, está relacionada ao tempo e ao espaço em que os mesmos se encontram. Utilizado para trocas de mensagens entre os envolvidos, podendo selecionar de forma individual ou coletiva: um destinatário, um grupo, todos os alunos, o formador, todos os formadores. Tem-se, também, a opção para enviar cópia da mensagem para o e-mail externo ao ambiente (Figura 9).

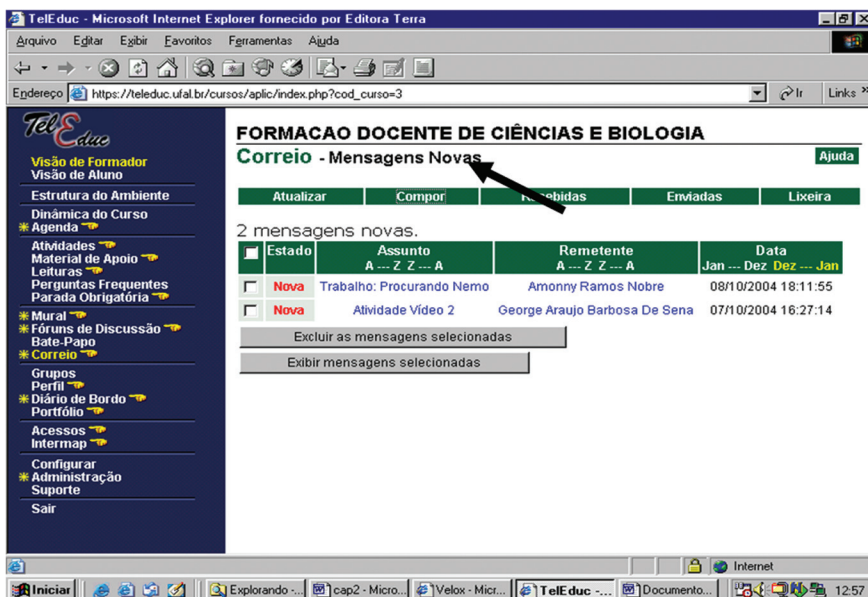


Figura 9 - Correio

O correio foi uma das ferramentas mais utilizadas pelo grupo. As mensagens direcionadas para o professor formador tinham as seguintes características: tirar dúvidas, enviar atividades, pedir sugestões, conforme podemos ver transcritos logo abaixo:



Olá galera! Gostaria de sugestões de atividades e dinâmicas de grupo para desenvolver na turma com a qual realizarei o meu estágio (7ª série). Obs: Se for possível, gostaria de sugestões p/ as demais séries. Atenciosamente: (CF)

Conforme comentei em meu diário, notamos certas dificuldades dos alunos em relação à leitura de um texto em sala de aula (falta de desenvoltura, constrangimento e problemas de gramática). Gostaria de saber se deveríamos ou não fazer um alerta à professora de Português sobre isso. Aproveitando o ensejo, agradecemos (eu e Meriane) pelo excelente material e pela dica sobre o CD-ROM do Marcos (amanhã mesmo vou falar com ele). VALEU !!!!! – (DPD)

Professora,
Gostaria de saber se a senhora recebeu o meu trabalho que lhe enviei por e-mail na terça.- (FACN)

O ambiente virtual registrou 215 mensagens enviadas para o professor formador e 184 mensagens enviadas aos alunos licenciandos. De acordo com a Figura 10, a qual representa o mapa de interações – **Intermap** – colocada logo abaixo, ocorreu troca de mensagens entre os licenciandos, formando uma rede de interação.

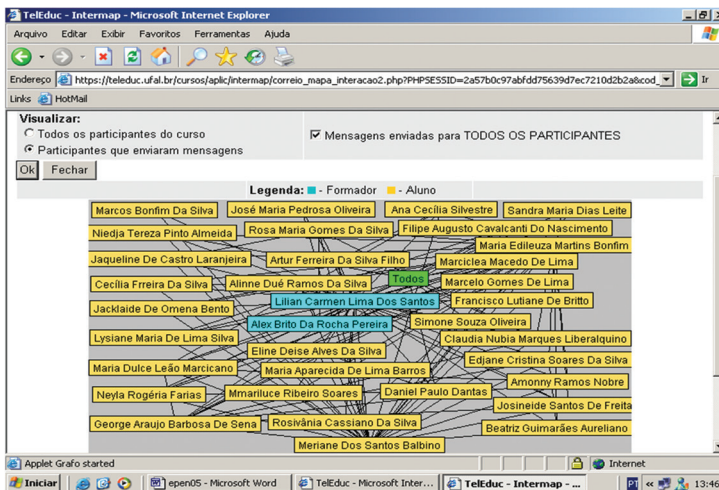


Figura 10 – Mapa de interação do grupo – Intermap



Vivências com Aprendizagem na Internet(O Ambiente Virtual como suporte ao estágio supervisionado em Biologia

Fóruns de discussão → É uma ferramenta que permite ao formador criar, eliminar e configurar temas. As discussões podem ser visualizadas por ordenações variadas como: data, autor, título ou árvore (estrutura encadeada). O formador pode encerrar uma discussão eliminando ou exibido somente como leitura, o que permite analisar as discussões registradas (Figura 11).

The screenshot shows the TelEduc web application in Microsoft Internet Explorer. The page title is 'FORMAÇÃO DOCENTE DE CIÊNCIAS E BIOLOGIA' and the sub-page is 'Fóruns de Discussão'. The left sidebar contains a navigation menu with options like 'Visão de Formador', 'Visão de Aluno', 'Estrutura do Ambiente', 'Dinâmica do Curso', 'Agenda', 'Atividades', 'Material de Apoio', 'Leituras', 'Perguntas Frequentes', 'Parada Obrigatória', 'Mural', 'Fóruns de Discussão', 'Este Papo', 'Correio', 'Grupos', 'Perfil', 'Diário de Bordo', 'Portfólio', 'Acessos', 'Intermap', 'Configurar', 'Administração', 'Suporte', and 'Sair'. The main content area has a header with 'Novo fórum', 'Ver Lixeira', and 'Ordenar por: data'. Below this is a table of forum topics:

Fórum	data
PRINCIPAIS DIFICULDADES NA DOCÊNCIA (1)	10/10/2004
Material de apoio (21)	14/09/2004
DISCIPLINA (25) (somente leitura)	08/08/2004
Primeira semana (15) (somente leitura)	28/06/2004
receptividade (20) (somente leitura)	15/07/2004

Figura 11 – Fórum de discussão

As discussões realizadas através dos fóruns foram relevantes e de uma grande importância para o grupo, pois possibilitou a ampliação e aprofundamento de conceitos e temáticas referentes ao próprio estágio, como se conduzir diante dos alunos, troca de idéias e sugestões para o desenvolvimento de uma boa aula. Os temas discutidos foram os seguintes:

Receptividade: a discussão girou em torno da receptividade da escola-campo de estágio em relação aos estagiários;

Primeira semana: este fórum teve como principal foco de discussão, a fase de adaptação com os alunos e reconhecimento do espaço físico da escola. Foram



discutidas, também, as dificuldades e realidades encontradas pelos estagiários.

Disciplina: Este item surgiu para ser discutido devido às situações que os estagiários vinham enfrentando em sala de aula. Como lidar com a indisciplina?

Material de apoio: esta temática surgiu, em decorrência da verificação por parte dos estagiários, da necessidade em ampliar os materiais didáticos para promover uma boa aula, garantindo assim, a participação dos alunos e a construção de conceitos.

Principais dificuldades na docência: este último fórum foi sugestão dos próprios licenciandos, pois puderam fazer uma análise crítica diante da experiência vivida nos estágios. Algumas falas demonstram este olhar crítico:

Primeiramente, parabéns pela iniciativa. Com certeza os resultados dessa discussão serão bem proveitosos. Realmente as dificuldades são inúmeras, que vão desde os pequenos problemas particulares de cada um, até o desinteresse geral em mudar o cenário geral da educação brasileira. Felizmente para nós, os principais problemas que enfrentamos diretamente, estão direcionados ao nível local (o que não quer dizer que não sintamos os reflexos dos problemas de ordem superior) e que poderiam ser solucionados com um pouco de esforço e boa vontade de todos (pais, alunos, professores, diretores, estagiários, etc.)... Mas, infelizmente o que vem se tornando a tônica do problema é que nem todos fazem a sua parte e dessa forma, jamais veremos resultados positivos, por mais que nos esforcemos, tanto para fazermos a nossa parte quanto para tentar incentivar o restante. O que realmente falta é o verdadeiro interesse de que as coisas sigam um rumo diferente e que possam trazer novos rumos para o nosso emperrado, incompetente, ineficiente e falido sistema educacional. Enquanto nada disso se tornar realidade, só mesmo alguma “fórmula mágica” (rsrsrsrsrs) poderá resolver o problema. (DD).

Concordo com M. Todos os problemas atuais da educação possuem uma causa histórica longa, que não ira mudar do dia pra noite, pois requer uma mudança em todo o modo de pensar atual da sociedade. A história nos mostra que mudanças desse tipo só acontecem ao longo de décadas ou através de revoluções. (FACN).

Pois é L., estes são os pontos. Na verdade, é fácil observar os problemas a nossa volta, e mais fácil ainda quando são alheios! Mas o difícil é aceitar



que muitas vezes somos nós a causa ou a solução para os mesmos. Devemos sempre nos policiar... Analisar nossas atitudes. Não devemos ter medo de errar, pois é através desses erros, que muitas vezes encontramos formas para o aperfeiçoamento profissional. Como vimos no filme “Adorável Professor”, não adianta ter conhecimento se não souber direcioná-lo. É extremamente necessária a busca desse direcionamento! Busque-o dentro de si. E deixa a mente livre para obter as respostas. Observe cada aluno seu... analise-o... aproxime-se dele... Converse com ele. Conquiste sua confiança. Crie um ambiente favorável ao diálogo. Incentive suas boas ações e busque por opiniões. Deixe-os sentir-se úteis. Isso tudo pode até não resolver os problemas, mas com certeza, irá melhorar bastante o convívio em sala de aula. (CNL).

Os fóruns de discussão ainda forma utilizados em forma de seminários, os quais forma apresentados e discutidos no grupo, sua importância e contribuição na formação inicial.

Diário de bordo → Ferramenta concebida para o registro sistemático, de forma reflexiva, pelos usuários. Pode ser compartilhado com todos, somente com o formador ou pode não ser compartilhado. Quanto aos registros compartilhados pode haver a inclusão, pelo formador, de comentários relativos ao que foi registrado (Figura 12).

	Atualizar	Diário Pessoal			
			Data	Itens	Itens não comentados
1			02/10/2004 19:09:30	20	19
2			14/09/2004 16:23:12	19	19
3			01/10/2004 18:32:29	18	17
4			31/08/2004 18:03:27	7	5
5			26/09/2004 17:23:06	7	7
6			01/08/2004 01:07:05	4	3
7			12/10/2003 21:33:29	2	2
8			06/10/2003 17:14:17	1	0

Figura 12 – Diário de bordo



Ferramentas de administração → São ferramentas que dão apoio ao formador para gerenciar o curso, as quais só são visualizadas pelo formador.

Administração → É uma ferramenta que é disponibilizada somente para os formadores onde podem ser disponibilizados materiais nas ferramentas do ambiente. As ferramentas disponíveis neste item são:

- Marcar Ferramentas (Figura 13)
- Enviar Senha
- Gerenciamento do Curso, Inscrições, Alunos e Formadores

Ferramenta	Descrição	Visível por
Estrutura do Ambiente (Ferramenta Obrigatória)	Contém informações sobre o funcionamento do ambiente de cursos a distância.	Todos
Dinâmica do Curso (Ferramenta Obrigatória)	Contém informações sobre a metodologia e a organização do curso.	Todos
Agenda (Ferramenta Obrigatória)	É a página de entrada do curso com a programação do dia	Todos
Atividades	Apresenta as atividades a serem realizadas durante o curso.	Todos Formador Ninguém
Material de Apoio	Apresenta informações úteis relacionadas à temática do curso, subsidiando o desenvolvimento das atividades propostas.	Todos Formador Ninguém
Leituras	Apresenta artigos relacionados à temática do curso e algumas sugestões de revistas, jornais, endereços na Web, etc.	Todos Formador Ninguém
Perguntas Frequentes	Contém a relação das perguntas realizadas com maior frequência durante o curso e suas respectivas respostas.	Todos Formador Ninguém

Figura 13 – Administração – Escolha de ferramentas do curso.

Acessos → Através desta ferramenta o formador pode acompanhar o grupo no que se refere a relatórios de acesso e frequência dos usuários, podendo verificar a quantidade de acessos, últimos acessos, frequência dos usuários num determinado período. Todas essas informações podem ser obtidas de cada ferramenta. Esta ferramenta é de suma importância para o acompanhamento



Vivências com Aprendizagem na Internet(O Ambiente Virtual como suporte ao estágio supervisionado em Biologia

das atividades desenvolvidas ao longo do curso, pois permite ao formador verificar o ritmo e as produções de cada aluno (Figura 14).

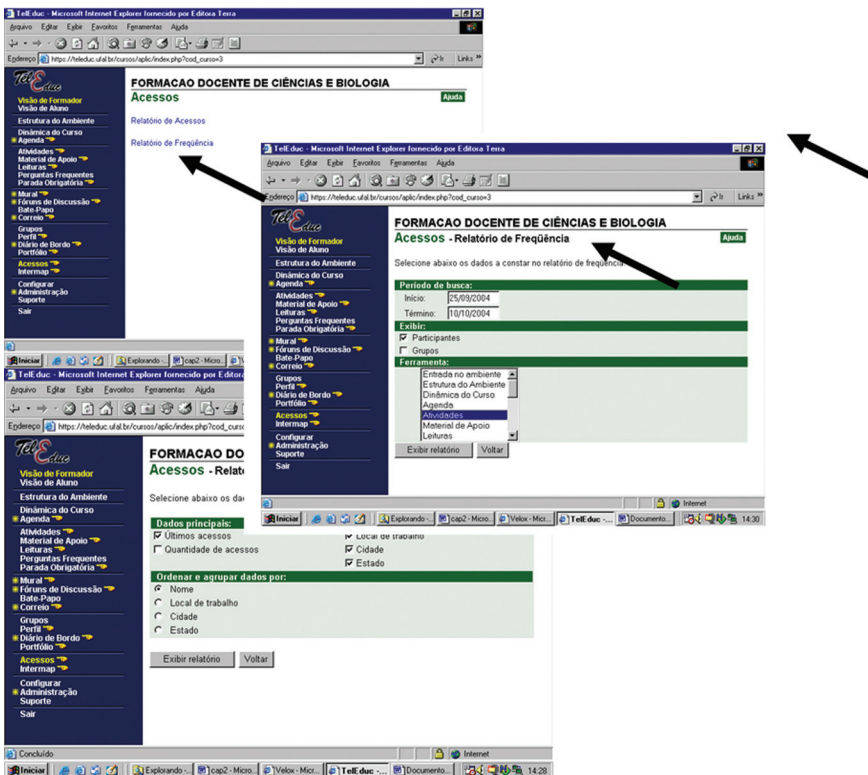


Figura 14 - Acessos

Intemap → (Interaction map) favorece o acompanhamento dos usuários através da visualização da interação nas seguintes ferramentas: correio, fóruns de discussão e bate-papo. Podem ser buscados dados quantitativos, interação entre os envolvidos, índice de participação dos alunos em fóruns de discussão e bate-papos (Figura 15). Todos estes dados podem ser representados em forma de gráficos com legendas que permitem a observação e análise da dinâmica do curso (ROCHA,2003, p. 389).



Vivências com Aprendizagem na Internet(O Ambiente Virtual como suporte ao estágio supervisionado em Biologia

Figura 15 - Intermap

Além destas ferramentas, o ambiente dispõe de **Chat** ou **bate-papo**, ferramenta utilizada para discussão em grupo de forma síncrona sob orientação do professor ou de acordo com estratégias determinadas, podendo haver alunos coordenando algumas sessões; **Listas de discussão** – a partir de um determinado assunto ou tema, um grupo se forma para, através de troca de mensagens, discutir um assunto em pauta. A comunicação é assíncrona, podendo um aluno visualizar as mensagens enviadas por todos; **Portfólio** – permite ao aluno arquivar textos relativos às atividades desenvolvidas durante o processo de aprendizagem. Deve ser estruturado para permitir ao aluno optar pela privacidade ou não dos arquivos.

Quanto às perspectivas sobre o ambiente TelEduc estão em andamento pesquisas sobre colaboração e avaliação. Para Rocha (2003, p. 390) “torna-se fundamental o desenvolvimento de ferramentas de comunicação que suportem interações colaborativas de aprendizagem. Nesse sentido, duas ferramentas



síncronas estão sendo (re)desenhadas no TelEduc: o bate-papo e a direto online”. Pode-se perceber a ênfase dada ao potencial de integração e interação entre os envolvidos, possibilitado pelas ferramentas, ainda de acordo com Rocha (2003, p. 392), “vale ainda ressaltar que o desenvolvimento de qualquer tecnologia de suporte é dialético, no sentido de que as inovações computacionais demandam novas reflexões pedagógicas e, inversamente, necessidades decorrentes de experiências práticas implicam novos desenvolvimentos computacionais”.

Ter utilizado um ambiente virtual, especificamente, TelEduc, possibilitou aos estagiários sistematizarem seus relatórios, interagirem entre si e com o formador, exporem idéias através de sugestões e análises críticas, tendo como referencial os relatos dos próprios colegas.

4. Análises sobre o estágio com suporte virtual

Para uma melhor compreensão da estratégia utilizada durante o período de regência em escolas-campo, coletei e analisei dados, através de questionários, falas dos licenciandos e registros da observação participante dados que serviram de base para esta análise. Agrupei os dados em categorias, as quais permitiram mostrar como o estágio foi desenvolvido e como um ambiente virtual deu suporte à disciplina, bem como as dificuldades e expectativas a partir do olhar dos licenciandos. As categorias escolhidas foram:

- interação do grupo durante o estágio;
- utilização das tecnologias da informação e comunicação no estágio;
- pertinência de um ambiente virtual como suporte ao estágio;
- dificuldades durante o estágio;
- contribuições para a formação inicial a partir de estratégias metodológicas;

O objetivo maior dessas análises é captar as possíveis contribuições e lacunas ocorridas durante o estágio, o qual teve como suporte um ambiente virtual. Em paralelo foi possível observar os avanços em relação à integralização do grupo durante o estágio, a superação de algumas dificuldades e a contribuição da tecnologia da informação e comunicação na formação inicial. Em alguns



momentos fiz a transcrição textual da fala dos licenciandos, outras vezes transcrevo dados da observação realizada durante os estágios.

4.1 Interação do grupo durante o estágio

Um dos grandes problemas do estágio em escolas-campo é a falta de interação entre os licenciandos durante este período. As inseguranças, as reais condições de cada escola e as concepções de educação nas diferentes escolas põem o licenciando numa posição delicada no ambiente escolar, visto não conhecer a realidade escolar.

Durante o período de estágio nas escolas-campo, os licenciandos sempre conceberam a idéia de interação do grupo como fator importante e essencial para a formação inicial. Tendo como concepção de interação a possibilidade real de trocas de vivências, idéias, sugestões e informações entre os licenciandos durante o estágio de regência.

A interação através do ambiente virtual contribui para a formação docente por possibilitar trocas de experiências. Para mim está sendo importante como uma maneira de conhecer um pouco o dia-a-dia dos meus colegas no estágio, contribuindo para minha ação em sala de aula. (FA).

Essa interação tem servido principalmente como uma luz ou um termômetro para as minha dúvidas, meus questionamentos...Saber dos problemas que os outros têm enfrentado, cada um no seu nível é muito enriquecedor. Acredito que esses relatos e essas trocas de experiência seriam perdidos se fossem realizadas em encontros presenciais. Primeiro porque não haveria tempo para os detalhes dos relatos, e segundo porque muitos se omitiriam, falar em público ainda é um fator inibidor. (MD).

A troca de experiências, dúvidas, dicas, resoluções, limitações e idéias compartilhadas são itens que foram discutidos no ambiente virtual, pois o mesmo possibilitou esta interação. E mesmo de forma assíncrona as informações trocadas foram essenciais para o estágio. O diferencial dessas discussões foi o fato dos temas terem surgido a partir do que os estagiários iam



vivenciando durante o período de regência. Ou seja, foi possível fazer estágio e discutir com o colega ao mesmo tempo. Ressalto o aprofundamento e as análises críticas feitas a alguns temas, pois iam além da vivência da prática de regência. Vejamos algumas falas dos licenciandos:

Achei muito legal a reportagem sobre a presidente da SBPC e como ela trata a questão do desinteresse e até mesmo a indisciplina, com o despertar da metodologia científica e a investigação para que o aluno possa pesquisar e desenvolver seus próprios ‘conceitos’ e aprendizagem. Eu acredito muito nesta linha e estou tentando segui-la com os meus alunos...Quem ainda não leu vale a pena. Está na parte de leituras daqui do ambiente. (JM)

Pessoal, é mesmo de irritar que toda esta manifestação de greve tenha resultado praticamente em nada. O governador mostrou-se inflexível em não ceder aumento de salário aos servidores da Educação. Diz ele que tal reivindicação não poderia ser atendida, pois não seria possível manter o pagamento em dia. Talvez só em outubro... O pior de tudo é que as aulas são paralisadas (mesmo que por poucas semanas) e prejudica o andamento, mais do que já é desfavorecido naturalmente. Vamos torcer pra que nosso estágio não seja mais “atrapalhado” por coisas que poderiam ser resolvidas com medidas eficientes. (GA)

Apesar de muitos alunos e, talvez a maioria não está nem aí para nada, é necessário também conhecermos um pouco da história de vida de nossos alunos. ..Tá...sei que a gente necessita de tempo e de melhores condições de trabalho...mas nossa garotada necessita...quem sabe de elevar a sua auto-estima...é complicado, mas se a gente não vivenciar seus problemas a gente não vai descobrir que por trás de todo desinteresse, talvez esteja a necessidade deles terem a compreensão de que eles podem alterar seu destino, mesma em condições adversa :econômicas, sociais, etc. (JM)

É muito gratificante podermos trocar um pouco de lado e termos a visão do professor e vivenciarmos na prática tudo aquilo ao que permanecemos alheios por tanto tempo. Só assim poderemos realmente aprender e dar o devido crédito à tão importante atividade do professor e sentir na pele todas as suas peculiaridades (DP)



O papel da família é de extrema importância para que a formação dos seus filhos seja garantida: a educação primordial vem de casa, do berço. O aluno de uma família que demonstra compromisso com a educação terá mais facilidades para vencer seus obstáculos do seu desenvolvimento cultural. E a escola, acolhendo seu aprendiz, apresentando legítimos educadores, que saibam ou estejam dispostos a direcioná-lo à prosperidade, incentivando nos momentos de desestímulo, incrementando seus interesses nos momentos em que ele busca o saber e participa das discussões, estimulando sua garra com lições de vida e perseverança no tocante à ciência... E assim, mais do que podemos imaginar, eles precisam do nosso empenho. Seu sucesso quase sempre depende do compromisso dos seus formadores. As dificuldades existentes na educação de hoje atrapalham bastante na manutenção do estímulo dos educadores. Mas isso deve ser resolvido à parte, sem interferência direta no processo educacional (o que muitas vezes taxamos como impossível). Assim, os cidadãos realmente preparados e conscientes saberão direcionar os rumos da nossa nação a um futuro mais próspero, em que, quem sabe, as dificuldades atuais possam fazer parte de um passado cruel e muitas vezes penoso. E que não volte mais! (GA)

A partir das falas acima transcritas, pude verificar que outros assuntos são levados em conta na discussão do grupo. Greves, métodos, o contexto familiar e social refletindo na aprendizagem, uma visão crítica do profissional professor, dentre outros, foram temas abordados com certa preocupação por parte dos licenciandos, ou seja, o estágio foi além da sala de aula e o ambiente virtual possibilitou a exposição e discussão dessas colocações.

A turma foi organizada em duplas, porém houve casos de estágio individual, as causas foram o fato de já estar lecionando ou residir em outro município. Para estes últimos, o ambiente virtual encurtou distâncias. Além da questão do local de acesso ao ambiente virtual, o tempo foi fator importante, pois muitos licenciandos acessavam do local de trabalho, à noite, finais de semana e, algumas vezes, após às 24:00h.

O acompanhamento do estágio é viável porque você pode estudar a qualquer hora, qualquer lugar e também pode dividir o ambiente com outras pessoas. (JM)



Vivemos num mundo em que precisamos estar aberto ao novo. Considero o recurso viável para o acompanhamento da disciplina, principalmente, porque muitos não podem estar regularmente na Universidade, alguns trabalham e o cansaço toma conta. (RM)

A não regularidade de acesso ao ambiente, por alguns licenciandos, foi visto, por eles mesmos, como o fato responsável por não ter havido uma melhor integração do grupo.

As dúvidas, expectativas, ansiedade e principalmente o sucesso de cada um durante o período da regência, quando compartilhado, com certeza servirá de base e apoio para as futuras atividades realizadas nas salas de aula. Desta forma, acredito que a interação é imprescindível para o crescimento de todos neste momento. Vale ressaltar que a interação foi maior no ambiente, sendo que a mesma poderia ser mais aproveitada e participativa. (AF)

A metodologia é bastante gratificante e eficaz, mas a começar por mim, nossa turma de graduação deveria ter se empenhado mais, para construir melhor esse processo de aprendizagem virtual. (MS)

Foi verificada a superação de algumas dificuldades, vividas pelos licenciandos, durante o período de estágio. Essa superação foi favorecida pela possibilidade de manter, entre os licenciandos, um contato permanente durante os estágios.

4.2 Utilização das tecnologias de informação e comunicação no estágio

Ao fazer uso de um ambiente virtual como recurso tecnológico na disciplina Estágio Supervisionado, percebi a pertinência em adequar os horários de estágios ao tempo e ao espaço favorecido pelo ambiente, para que os licenciandos pudessem estar “juntos” ao tempo em que podiam fazer seus registros semanais na ferramenta Diário de Bordo.



Atividades paralelas puderam ser desenvolvidas sem que houvesse prejuízo na frequência do estagiário na escola-campo. Envio de atividades, leituras e discussões, também foram possibilitadas pelo ambiente virtual.

Por se tratar de uma turma, relativamente, grande resolvi organizá-los em duplas para facilitar o acompanhamento do estágio. Ao entrar em contato com a direção de duas escolas públicas de ensino básico, consegui turmas de Ciências (Ensino Fundamental) e biologia (Ensino Médio) para o estágio. Havia horários disponíveis nos três turnos. Após expor o cronograma de horários, alguns alunos perguntaram sobre a possibilidade de conseguir o estágio em escolas próximas as suas residências. Foi consentida a procura, porém fiquei receosa quanto à aceitação dos estagiários, por parte das escolas. Alunos que residem em outros municípios, também, levantaram a possibilidade de fazer o estágio em suas respectivas cidades, o que foi, também, consentido.

Nesse momento, percebi que o planejado havia sido, de certa forma, desestruturado, pois novas opções de local de estágio advindas de pesquisas dos licenciandos surgiram. A opção mais sensata foi refazer o planejamento adequando os estágios às opções de cada licenciando. Após uma semana todos os alunos estavam instalados em escolas-campo, a maioria em dupla, como já foi descrito.

Cada escola, através de uma declaração emitida pela direção, permitiu a realização do estágio, em suas dependências. Este procedimento deu mais segurança aos licenciados e a garantia de vivenciar a realidade escolar.

Toda essa reestruturação só foi possível devido ao suporte do ambiente virtual, pois através de um relatório semanal foi possível o acompanhamento e a orientação. As ferramentas disponíveis permitiram discussões e possibilitaram o registro das experiências vivenciadas durante o estágio.

A idéia de utilizar um ambiente virtual possibilitou o acompanhamento sistemático dos estágios, daí a importância desse suporte na disciplina. E, sobre a viabilidade do acompanhamento do estágio via ambiente virtual:

É viável em virtude de que a maioria dos alunos estagiam em escolas diferentes, fica difícil acompanhar cada estagiário pessoalmente. (JS).



É viável porque podemos organizar nosso horário da melhor maneira, de forma que atenda nossas necessidades, além de fornecer uma maior interação com os grupos, um compartilhamento de nossos momentos vividos em sala de aula, uma vez que todos os momentos são registrados no mesmo, é como se fosse nosso diário com acesso a todos e sujeito a sugestões, podendo desta forma ajudar uns aos outros. (JC).

Nem sempre temos oportunidade de conversar com os colegas e o ambiente virtual nos possibilita essa chance ao deixarmos nossas experiências registradas, pois os colegas podem ver e interagir. (RM)

Numa disciplina de Estágio, em que a cada dia de trabalho na sala de aula constitui uma infinidade de novas situações que geram mais aprendizado, é necessário que todas as soluções encontradas e problemas iminentes sejam socializados por todos os que estão no 'barco'. Nem sempre as aulas presenciais dão espaço suficiente para a abertura destas novas vivências que podem contribuir para o sucesso do colega. Por isso, acredito que o ambiente TelEduc seja uma forte arma de eficiência nesta fase de formação docente para qualquer disciplina com objetivos afins. (GA).

4.3 Pertinência de um ambiente virtual como suporte ao estágio

A oportunidade de experimentar outros recursos e métodos faz do ambiente virtual um novo aliado na disciplina Estágio Supervisionado. Além de inovador, atende às necessidades dos alunos, seja na comunicação estabelecida ou na questão 'tempo' disponível dos licenciandos.

Ter um ambiente virtual como suporte ao estágio, facilitou o intercâmbio entre todos, o desenvolvimento do companheirismo e a responsabilidade de cada um em contribuir com críticas e sugestões.

O favorecimento está presente na maior unidade da turma, com a socialização dos fatos cotidianos no ambiente escolar de estágio e nos resultados decorrentes de cada dia, que são positivos. A comunicação virtual oferecida pelo ambiente só nos tem a oferecer, principalmente pela rapidez na resposta de muitas indagações feitas que dependem de sugestões imediatas por parte do professor ou dos demais constituintes do grupo. (GA).



A oportunidade de interagir com outros colegas fez com que todos participassem das discussões, uns mais, outros menos.

As trocas de experiência, as dificuldades, os problemas são compartilhados mais efetivamente pelo ambiente. Por esse 'veículo', as interações são mais favorecidas em detrimento do encontro presencial, onde muitas vezes por timidez ou falta de tempo ou oportunidade sua experiência não é relatada. (JM).

A integração, a união do grupo de licenciandos foi um aspecto observado por eles mesmos:

O fator principal que tem favorecido é a integração da turma. Já que todas as pessoas deixam, pelo menos, algum comentário no ambiente virtual toda semana, para ser lido por todos. Mesmo àquele aluno discreto, que pouco fala em sala de aula, interage com os colegas via computador.

Apesar de estarmos no nível superior, às vezes recebemos interromper a aula para tirarmos dúvidas, também existem professores com respostas curtas que não deixam muito clara as coisas entre outras; então o ambiente poderia ser nossa salvação, de repente, o professor não responde, mas nossos colegas colaboram. (AS).

Apesar das dificuldades encontradas em relação à disponibilidade do recurso tecnológico (Internet), o reconhecimento da pertinência em fazer uso de um ambiente virtual durante o estágio foi verificado nas falas dos licenciandos:

O ambiente virtual favoreceu o acompanhamento da disciplina Estágio Supervisionado pelo ambiente Teleduc, porque a cada aula ou a cada semana é prestado o relatório do que ocorreu com a dupla durante a aula dada na escola-campo, podendo ser acompanhado pelo professor orientador. (JS)



Como estamos ministrando aulas nas escolas, gastamos muito tempo na procura de material, no planejamento e no preparo das aulas, assim, encontros presenciais frequentes promoveriam alguma interação, mas roubariam parte desse tempo. Além do que, no ambiente TelEduc todos falamos, nos expressamos, ‘ouvimos’ todos, ou pelo menos o que nos interessa ou precisamos, acredito que o ambiente propicia maior interação e troca de experiência do que os encontros presenciais. (JS)

O ambiente proporciona uma maior interação entre professor e colegas de sala, visto que o ambiente virtual permite a troca de idéias, realizações de atividades, troca de sugestões e material para uso didático. (ME)

A partir das falas dos alunos é perceptível a importância da interação entre os licenciandos e entre estes e o professor formador. O envolvimento com determinação e comprometimento do grupo, durante o período de estágio, foi visto como fator relevante na formação inicial do profissional professor.

4.4 Dificuldades durante o estágio

A forma como foi organizado o estágio, em duplas, em escola-campo diferentes e com horários variados, dificultou o encontro dos licenciandos uns com os outros, mesmo àquelas duplas que estavam na mesma escola não encontrava tempo e espaço para discutirem sobre o estágio. Esta dificuldade foi vencida pela utilização do ambiente virtual para interação do grupo e por momentos presenciais durante o estágio.

Lidar com a questão da indisciplina dos alunos foi desgastante para os licenciandos, a ponto de ser tema de um dos fóruns de discussão durante o estágio.

Por causa de uns alunos desinteressados não podemos prejudicar o andamento da aula e nem tão pouco o interesse dos demais alunos. (CN)

É uma situação um pouco complicada, pois não é fácil lidar com a rebeldia dos alunos. (DP)

Os alunos indisciplinados são presença quase sempre certa em todas as turmas, e com certeza são um dos pontos de dificuldade que o educador



se depara na sua prática pedagógica. É como sempre dizemos, por trás de pontos visualmente negativos é que nos deparamos com excelentes formas de sobressair de situações desconfortáveis. A indisciplina que presenciemos no dia-a-dia nos dá trabalho, mas também tem muito a nos ensinar. (GA)

Temos realmente o que aprender com os indisciplinados e insatisfeitos pois suas reclamações são o espelho da ineficiência do sistema de ensino público brasileiro e é nisso que podemos localizar grande parte de suas falhas e, quem sabe, tentar consertá-las. Cabe a nós tomar esta iniciativa portanto, VAMOS LÁ !!!!! (DD)

Notamos a falta de articulação entre as várias áreas de conhecimento do curso. O estágio permanece com caráter terminal. A disciplina Estágio Supervisionado, sendo trabalhada de forma contextualizada, tentou suprir algumas dificuldades na formação inicial. Muito ainda há para se fazer, algumas lacunas foram preenchidas, outras minimizadas, porém sempre fazendo o licenciando refletir sua prática, de forma coletiva, durante o estágio nas escolas-campo.

4.5 Contribuições para a formação inicial

Apesar de conhecermos a história de resistências de algumas escolas em aceitar os licenciandos, pudemos perceber um avanço nesse sentido, pois não encontramos resistências por parte das escolas em aceitar os licenciandos. Os licenciandos foram bem recebidos pelos professores, não havendo registros de resistências.

Conforme meu registro no Diário de Bordo, a receptividade foi muito boa, tanto por parte dos professores quanto pela direção da escola. (DP)

A receptividade na escola foi ótima. Começaremos na próxima semana. (FL)

Principalmente a boa receptividade e a curiosidade apresentadas pelos alunos que, mesmo pertencendo a uma comunidade, de certa forma carente, apresentou um certo grau de conhecimento e de bom relacionamento com os professores. (DP)



A possibilidade de interagir com o grupo ao mesmo tempo em que ocorre o estágio nas escolas contribuiu para uma formação contextualizada. A utilização do ambiente virtual, como meio de comunicação, encaminhava sugestões e idéias de forma rápida.

A viabilidade de discutir assuntos diversos, através do ponto de vista e das experiências vividas por cada um foi importante no desenvolvimento intelectual e na construção de conceitos.

As discussões podem ajudar os colegas a reformular conceitos errôneos a respeito de como ensinar, a visão que se tem dos alunos, hoje, etc. E em paralelo a isso a construção do conhecimento. (RM)

A experiência da qual se propõe a disciplina acadêmica deve ser feita em sala de aula, e o ambiente virtual permite compartilhar experiência de cada regente e observador que estão em uma escola. (MG)

Vários colegas me deram dicas e informações sobre como lidar com certos conteúdos, inclusive com empréstimos de livros. (RC)

A utilização de um ambiente virtual superou a dificuldade em fazer o acompanhamento sistemático do estágio nas escolas-campo, bem como, algumas dificuldades vivenciadas pelos licenciandos em sala de aula.

Através do ambiente virtual o professor tem como acompanhar o nosso desenvolvimento, no ambiente nós colocamos nossos medos, anseios, nossas conquistas em sala e sempre temos alguma resposta ou palavra de apoio, além do mais o aluno que não participar, que quiser enrolar, o professor tem como perceber e tomar as medidas necessárias. (JM)

A troca de informações me ajudou nas horas em que o desespero queria dominar (o dia de assumir a turma), pois com as questões levantadas foi possível me encaixar e procurar a melhor forma de superar. (AS)

A comunicação torna-se realmente rápida e precisa, facilitando a interação com o restante da turma, mesmo não tendo contato diário, pois o uso dessa ferramenta tem contribuído para que possamos adquirir informações tanto do Educador como dos colegas que são necessárias para nossa formação pedagógica. (ED)



O ambiente virtual permite compartilhar a experiência de cada regente e observador que estão em uma escola. (MG)

O ambiente favorece uma agilidade nas informações solicitadas facilitando assim o aprendizado e a interação dos colegas. (MM)

Registro do estágio de forma contextualizada, sem roteiros prévios, foi visto pelos licenciandos como uma forma natural de relatar as experiências vivenciadas por cada um. A possibilidade do outro interagir com seu relato fez com que todos participassem registrando e buscando, no registro do outro, uma sintonia com suas conquistas e inquietações.

A socialização dos registros no Diário de Bordo, foi de certa forma um estímulo para vencer barreiras que talvez sem a colaboração dos colegas e da professora fosse impossível. (GA)

Através do registro semanal pudemos, não apenas relatar nossa experiências, mas termos conhecimento das experiências dos nossos colegas. (JS)

Os registros possibilitaram solucionar problemas vivenciados pela dupla de estagiários e na leitura de sugestões colocadas pelos companheiros. (MG)

A viabilidade do licenciando do turno noturno cumprir o estágio e poder fazer o estágio em escolas reais foram fatores considerados positivos pelos licenciandos, pois puderam vivenciar a prática docente.

Quando estamos em uma sala de aula tudo é diferente, saímos da posição de aluno para professor e isso nos causa um certo medo. Muitas dificuldades de aceitação por parte dos alunos, entre outros fatores, mas mesmo assim sentimos que ao final, tudo o que fizemos foi válido. (EB)

Uma contribuição significativa em nossa formação inicial foi o fato de estarmos em sala de aula real, onde pude ver uma realidade no nível de compreensão e conhecimento dos alunos do ensino médio. (MG)



5. Considerações Finais

Após a experiência em utilizar um ambiente virtual como suporte à disciplina Estágio Supervisionado no curso de Ciências Biológicas/Licenciatura da Universidade Federal de Alagoas, foi possível identificar fatores que permeiam a formação inicial, principalmente, sob os aspectos de acompanhamento sistemático dos estágios e do favorecimento de interações entre os mesmos.

A participação de todos os envolvidos no ambiente virtual é um fator muito importante para que a interação, em seu sentido amplo, atinja um nível elevado com contribuições aos licenciandos e possibilitando uma formação inicial com reflexões e discussões dentro do contexto vivenciado.

O acompanhamento sistemático do estágio nas escolas-campo é essencial, e com o ambiente virtual esta possibilidade foi viabilizada tanto por parte do professor formador – com os registros semanais do Diário de Bordo dos licenciandos – quanto por parte dos licenciandos – com a possibilidade de interagir, com comentários, sobre os registros dos colegas – mantendo o grupo em contato com trabalho uns dos outros. Esta possibilidade favoreceu aos licenciandos dividir aspectos positivos e negativos durante a vivência na escola de nível básico. Na dinâmica de acompanhamento o fator tempo foi essencial no desenvolvimento do estágio e o ambiente virtual favoreceu o aproveitamento de tempo e espaço para os licenciandos planejarem as aulas e realizar outras atividades em paralelo à disciplina Estágio Supervisionado.

Alguns transtornos como: não conseguir acessar a página, por esta se encontrar fora do ar ou por não digitar a senha corretamente ocasionou a falta de uma regularidade na interação do grupo, limitando a participação dos licenciandos nas discussões. Isso fez com que algumas vezes não se efetivasse uma melhor e maior interação do grupo. Em alguns momentos a questão era relativa à falta de acesso computador – por este se encontrar em conserto – porém estes fatos não chegaram a comprometer o intercâmbio de informações, o máximo que ocorreu foi uma certa demora na correspondência com o outro.



O ambiente virtual facilitou o trabalho dos licenciandos na elaboração do relatório final da disciplina, o qual ficou rico em detalhes vivenciados ao longo da disciplina, com relatos da história de vida, produções de textos, tendo como referências filmes, pesquisa de campo sobre aspectos sócio-econômicos onde as escolas-campo estão inseridas, aspectos físicos das escolas-campo e o perfil da turma onde os estágios foram efetivados, bem como, questões levantadas no contexto da sala de aula, viáveis de pesquisa com abordagem qualitativa e descrição dos estágios de observação e regência, a partir dos relatórios semanais no Diário de Bordo.

Esta experiência remete a temáticas merecedoras de pesquisa como: o papel do formador frente às novas tecnologias, o estudo das ferramentas de comunicação como ferramenta pedagógica, o estágio x diretrizes: o que muda? Estas e outras questões podem ser estudadas a fim de buscar preencher as lacunas da formação inicial do profissional professor, pois pesquisar a própria prática é formar e formar-se docente no dia-a-dia.

Referências

ALMEIDA, Maria E. Educação, ambientes virtuais e interatividade. In: SILVA, Marco (Org) **Educação online**. São Paulo: Loyola, 2003. pp. 201-215.

BARBERA, Elena (Coord.); BADIA, Antoni; MOMINÓ, Josef. **La incógnita de la educación a distancia**. Barcelona: ICE – Horfori, 2001.

KENSKI, Vani M. Em direção a uma ação docente mediada pelas tecnologias digitais. In: BARRETO, Raquel Goulart (Org.) **Tecnologias educacionais e educação a distância: avaliando políticas e práticas**. Rio de Janeiro: Quartet, 2001. pp. 74-84.

LAGO, Andréa F. O papel dos canais de comunicação na educação a distância. In: JAMBEIRO, Othon; RAMOS, Fernando. **Internet e educação a distância**. Salvador: EDUFBA, 2002. pp.83-92.



PALLOFF, Rena M.; PRATT, Keith. **Construindo comunidades de aprendizagem no ciberespaço**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

ROCHA, Heloísa V. TelEduc: software livre para educação a distância. In: SILVA, Marcos. **Educação on line**. São Paulo: Loyola, 2003. p. 380.

SANTOS, Edméa O. Articulação de saberes na EAD on line: por uma rede interdisciplinar e interativa de conhecimentos em ambientes virtuais de aprendizagem. In: SILVA, Marco (Org). **Educação online**. São Paulo: Loyola, 2003. pp.217-230.

_____. Formação de professores e cibercultura: novas práticas curriculares na educação presencial e a distância. **Revista da FAEEBA: Educação e contemporaneidade**. Salvador, V.11, n°17, jan/jun 2002. pp.113-122

SILVA, Marco. Criar e professorar um curso on line: relato de experiência. In: _____. **Educação on line**. São Paulo: Loyola, 2003.

